

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO

ELIANE SILVA

**VIDA E RELIGIOSIDADE NOS MOSTEIROS DE CLAUSURA FEMININA NO ESTADO DO  
RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO E COMPARATIVO ENTRE  
BENEDITINAS, CARMELITAS E CLARISSAS**

Porto Alegre  
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

ELIANE SILVA

**VIDA E RELIGIOSIDADE NOS MOSTEIROS DE CLAUSURA FEMININA NO  
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO E  
COMPARATIVO ENTRE BENEDITINAS, CARMELITAS E CLARISSAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Airton Luiz Jungblut

Porto Alegre  
2019

## Ficha Catalográfica

S586v Silva, Eliane

Vida e religiosidade nos mosteiros de clausura feminina no Estado do Rio Grande do Sul : um estudo sociológico e comparativo entre beneditinas, carmelitas e clarissas / Eliane Silva . – 2019.

140 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut.

1. Clausura. 2. Mosteiros. 3. Religiosidade feminina. I. Jungblut, Airton Luiz. II. Título.

ELIANE SILVA

**VIDA E RELIGIOSIDADE NOS MOSTEIROS DE CLAUSURA FEMININA NO  
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO SOCIOLÓGICO E  
COMPARATIVO ENTRE BENEDITINAS, CARMELITAS E CLARISSAS**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 29 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut - PUCRS

---

Prof. Dra. Lucia Helena Alves Muller - PUCRS

---

Prof. Dr. Valdir Pedde - FEEVALE

Porto Alegre

2019

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao meu orientador, professor Airton Luiz Jungblut pela acolhida, constante incentivo e por sempre encontrar um tempo na sua agenda para me receber todas as vezes que precisei. Reconheço a importância da sua orientação e as reflexões que ocorreram a partir desses encontros. Agradeço a contribuição e o incentivo da professora Lucia Helena Alves Muller que sempre procurou relacionar suas aulas com a minha temática e me apresentou os trabalhos de Miriam Pillar Grossi. Agradeço a minha Banca de Qualificação, que gerou diversas orientações interessantes, na qual além do orientador e da professora Lucia Muller estava presente a professora Fernanda Bittencourt Ribeiro, que também fez uma leitura atenta do meu trabalho.

Gostaria de agradecer a professora Eliana Ávila Silveira, que foi com quem realmente me apaixonei pela Idade Média (que não foi a Idade das Trevas!) e pela história das religiões. Gostaria de agradecer ao professor Ricardo Mariano, com o qual tive a oportunidade de iniciar uma pesquisa mais pontual na área das religiões, quando cursava a graduação, e que até hoje recorro aos textos por ele indicados. Assim como as aulas e a bibliografia indicada já na época da graduação, pelo professor Airton Jungblut. Gostaria de agradecer também ao professor Érico Hammes por tudo que com ele aprendi e tive a oportunidade de reavaliar, bem como ao professor Roberto Hofmeister Pich, que foi meu orientador na Teologia. Enfim, um agradecimento geral a todos os professores da PUCRS com os quais tive a oportunidade de conviver e que, de uma maneira ou de outra, mudaram muitas das minhas atitudes e certezas.

Agradeço muito as irmãs dos mosteiros, até porque sem elas não haveria o trabalho de campo. Agradeço a madre Suzana, a madre Maria Emanuela, e muito especialmente a irmã Maria Francisca, a madre Roberta e a madre emérita Paula Ramos. Um agradecimento especial ao Mosteiro da Santíssima Trindade e a todas as irmãs que me receberam e acolheram por uns dias sempre fazendo perguntas e “espionando” o dia a dia delas na casa. Agradeço, ainda, as oblatas irmã Hildegarda de Bingen, irmã Pietra e a Clarice Jaeger, que esclareceram minhas dúvidas várias e várias vezes, bem como ao Valdir Antonio Ferrari, coordenador da Meditação Cristã no Brasil e que sempre procurou incentivar e divulgar minha pesquisa.

Enfim, um agradecimento especial a todos amigos e amigas que acompanharam esta trajetória e, mais especial a minha querida filha, Vivian, a meu tio Pedro e a um primo muito especial, o João. À minha família, em geral, principalmente, minha mãe e minha tia (infelizmente, *in memoriam*).

O pensamento iluminista, e a cultura ocidental em geral, emergiram de um contexto religioso que enfatizava a teologia e a obtenção da graça de Deus. A divina providência foi por muito tempo uma ideia diretiva do pensamento cristão. Sem estas orientações precedentes, o Iluminismo, em primeiro lugar, dificilmente teria sido possível. Não é de forma alguma surpreendente que a defesa da razão desagrilhada apenas remodele as ideias do providencial, ao invés de removê-las. Um tipo de certeza (lei divina) foi substituído por outro (a certeza de nossos sentidos, da observação empírica), e a providência divina foi substituída pelo progresso providencial. Além disso, a ideia providencial da razão coincidiu com a ascensão do domínio europeu sobre o resto do mundo. O crescimento do poder europeu forneceu o suporte material para a suposição de que a nova perspectiva sobre o mundo era fundamentada sobre uma base sólida que tanto proporcionava segurança como oferecia emancipação do dogma da tradição. (GIDDENS, 1998, p.58-59).

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa é estudar a Clausura Religiosa Feminina a partir de três mosteiros, um de Beneditinas, um de Carmelitas e um de Clarissas. Uma das principais inquietações que levou à temática foi o fato de, ainda hoje, essas mulheres optarem por um modo de vida que se encontra radicalmente em contradição com uma sociedade que busca mudanças, inclusive constituindo novos estilos de família, sem abrir mão da sua liberdade, da participação nas redes sociais e das lutas pela igualdade entre homens e mulheres. A pergunta que nos moveu foi: até que ponto essas mulheres, pela escolha que fazem de vida em clausura, conseguem realmente manter seus objetivos e até que ponto os muros dos mosteiros são capazes de isolar toda essa influência e movimento do mundo externo. Trata-se, então de investigar, numa perspectiva sociológica, a partir dessas três casas, a possibilidade de níveis de flexibilidade entre o "lado de dentro dos muros" e o mundo da sociedade externa, uma vez que elas se dizem "as mais felizes e livres" justamente por viverem em clausura.

Para isso, realizamos alguns resgates históricos do contexto dessas mulheres, de como eram vistas e controladas pelos homens da família e pelos maridos e, quais as relações que se estabeleceram desde cedo com essas casas religiosas que foram consideradas ora como aprisionamentos, ora como lugares de refúgio dos homens e exercício da intelectualidade feminina. Buscamos, também, pelas origens dos mosteiros pesquisados, suas regras e constituições que, embora remontem à Idade Média, ainda estão presentes nos tempos de hoje e servem como importantes chaves de leitura para melhor compreender essas organizações e essas mulheres. Com base em entrevistas e num questionário que foi aplicado às religiosas, procuramos explicar e desenvolver nosso olhar sobre a rotina que transcorre dentro dos mosteiros e que envolve "votos públicos" de obediência, castidade e pobreza. Importante salientar que a possibilidade e a experiência de ficar hospedada por uns dias num dos mosteiros, também contribuiu para essas informações e para a pesquisa, como um todo.

Ao final, foi possível perceber que existem diferenças entre as três formas de clausuras, mas que, cada uma a sua maneira, consegue exercer um estilo de vida social no espaço público onde se insere e onde as influências externas, por vezes, conseguem vencer as "barreiras dos muros", sejam eles visíveis ou invisíveis, fazendo com que as irmãs se esforcem e sofram readaptações, no entanto, para continuar mantendo sua forma de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clausura, Mosteiros, Religiosidade feminina.

## **RESUMÉ**

L'objectif de cette recherche est d'étudier la clôture religieuse féminine dans trois monastères, un de bénédictins, un de carmélites et un de clarisses. L'une des principales préoccupations qui a conduit au thème était le fait que, même aujourd'hui, ces femmes optent pour un mode de vie en contradiction radicale avec une société en quête de changements, y compris de nouveaux styles de famille, sans renoncer à leur liberté, la participation aux réseaux sociaux et la lutte pour l'égalité entre hommes et femmes. La question qui nous a bouleversée était la suivante: dans quelle mesure ces femmes, en choisissant leur vie cloîtrée, parviennent-elles réellement à maintenir leurs objectifs et dans quelle mesure les murs des monastères peuvent-ils isoler toute cette influence et ce mouvement du monde extérieur. Il s'agit donc d'étudier, d'un point de vue sociologique, à partir de ces trois maisons la possibilité de niveaux de flexibilité entre l'intérieur des murs et le monde de la société extérieure, puisqu'elles se disent les plus heureuses et les plus libres. pour vivre en fermeture.

À cette fin, nous avons procédé à des sauvetages historiques liés à la fois aux femmes, à la façon dont elles étaient perçues et contrôlées par les hommes de la famille et aux maris, et aux relations établies de bonne heure avec ces maisons religieuses qui étaient désormais considérées comme des emprisonnements de refuge pour les hommes et l'exercice de l'intellectualité. Nous recherchons également les origines des monastères interrogés, leurs règles et leurs constitutions, qui, même si elles remontent au Moyen Âge, sont toujours présentes et constituent des clés de lecture importantes pour mieux comprendre ces organisations et ces femmes. Sur la base d'entretiens et d'un questionnaire auxquels les sœurs ont répondu, nous avons cherché à expliquer et à développer notre regard sur la manière dont cette routine se déroule dans les monastères et qui implique des vœux publics d'obéissance, de chasteté et de pauvreté. Il est important de souligner que la possibilité et l'expérience de rester quelques jours dans l'un des monastères ont également contribué à cette information et à la recherche dans son ensemble.

En fin de compte, il était possible de percevoir qu'il existait des différences entre les trois formes de cloître, mais que chacune pouvait, à sa manière, exercer un style de vie social dans l'espace public où elles sont insérées et où des influences externes parviennent parfois à surmonter les barrières des murs, visibles ou invisibles, obligent les sœurs à se débattre et à se réadapter, tout en maintenant leur mode.

**MOTS CLÉS:** Fermeture, Monastères, Religion féminine.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Madre emérita Paula Ramos .....	53
Figura 2- Placa de entrada do mosteiro .....	53
Figura 3- Protocolo de Autorização.....	62
Figura 4- Irmãs fundadoras.....	62
Figura 5- Missa de despedida na Bélgica .....	62
Figura 6 - Livro de Crônicas.....	63
Figura 7 - Livro de Crônicas.....	63
Figura 8 - Livro de Crônicas.....	63
Figura 9 - Parlatório S. Damião, P. Alegre.....	64
Figura 10- Frente Mosteiro São Damião, Porto Alegre.....	64
Figura 11- Mosteiro beneditino da Santíssima Trindade.....	68
Figura 12- Mosteiro carmelita N. Senhora do Carmo .....	69
Figura 13 - Mosteiro franciscano São Damião .....	69
Figura 14 - Mosteiro da Santíssima Trindade.....	70
Figura 15 - Vista do Mosteiro da Santíssima Trindade .....	70
Figura 16 - Imagem de São Bento .....	71
Figura 17 - Biblioteca do Mosteiro da Santíssima Trindade .....	72
Figura 18 - Irmãs na cozinha do mosteiro .....	73
Figura 19 - Refeitório do mosteiro .....	73
Figura 20 - Almoço em comunidade .....	74
Figura 21 – Refeitório.....	74
Figura 22 - Bancos do refeitório .....	74
Figura 23 - Hospedagem do mosteiro.....	74
Figura 24 - Capela do Santíssimo.....	75
Figura 25 - Capela do Mosteiro.....	75
Figura 26 - Roda de madeira .....	76
Figura 27 - Entrada do mosteiro Nossa Senhora do Carmo .....	76
Figura 28 - Abertura da clausura .....	77
Figura 29 - Abertura da clausura .....	77
Figura 30 - Mosteiro São Damião .....	78
Figura 31 - Parlatório São Damião .....	78
Figura 32 - Detalhe da frente do mosteiro .....	79

Figura 33 - Irmãs do mosteiro .....	79
Figura 34 - Irmã Clarissa .....	83
Figura 35 - Irmã Carmelita .....	83
Figura 36 - Irmã Beneditina.....	83
Figura 37 - Procissão de entrada.....	90
Figura 38 - Irmãs em oração .....	90
Figura 39 - Imagem de São José.....	92
Figura 40 - Irmãs na oração final da noite .....	92
Figura 41 – Escritório .....	92
Figura 42 – Escritório .....	92
Figura 43 - Trabalho artístico .....	92
Figura 44 – Iconografia.....	94
Figura 45 – Ícones .....	94
Figura 46 – Homenagem .....	99
Figura 47 - Igreja ornamentada.....	99
Figura 48 – Profissão .....	99
Figura 49 - Bispo auxiliar e as clarissas .....	99
Figura 50 - Nova coordenação do mosteiro.....	100
Figura 51 - Igreja a espera da profissão .....	102
Figura 52 - Irmãs aguardando a profissão.....	102
Figura 53 - Madre Paula fala na missa .....	103
Figura 54 - Entrada da Irmã que vai professar.....	103
Figura 55 - Irmã professando.....	103
Figura 56 - Irmã prostrando .....	103
Figura 57 - Prostração no chão .....	103
Figura 58 - Irmã que professou mostra a cédula.....	104
Figura 59 - Rito de oblação .....	105
Figura 60 - Cerimônia de oblatas.....	105
Figura 61 - O beijo.....	106
Figura 62 - Irmãs Beneditinas.....	107
Figura 63 - Irmãs Beneditinas.....	107
Figura 64- Irmãs Carmelitas .....	108
Figura 65 - Irmãs Clarissas .....	108

Figura 66 - Irmãs Carmelitas .....	108
Figura 67 - Clausura de Carmelitas .....	109
Figura 68 - Deus chama pelo facebook .....	109
Figura 69 - Casamento com Jesus .....	109
Figura 70 - Vestida de noiva.....	109
Figura 71 - Freiras de clausura abrem as grades.....	109
Figura 72 - Entrevistas com as enclausuradas .....	109
Figura 73 - Irmãs de clausura contam sua vida .....	110

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Congregação Beneditina do Brasil .....	51
Quadro 2 - Novas fundações a partir do Mosteiro Nossa Senhora do Carmo .....	56
Quadro 3 - Etapas de formação das monjas beneditinas .....	84
Quadro 4 - Para ser um oblato ou oblata .....	85
Quadro 5 - Etapas de formação de uma Clarissa .....	86
Quadro 6 - Rotina das beneditinas .....	89

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.METODOLOGIA, PESQUISA DE CAMPO E PRINCIPAIS ELEMENTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>17</b>
1.1 Metodologia e pesquisa de campo.....	17
1.2 Clausura e a vida contemporânea.....	23
1.3 Clausura e o indivíduo moderno.....	28
1.4 Clausura, rejeição do mundo, ascetismo.....	30
1.5 Clausura como possibilidade de agência.....	32
1.6 Clausura como instituição total.....	34
<b>2.MULHERES E CLAUSURA AO LONGO DA HISTÓRIA.....</b>	<b>36</b>
2.1 Das origens.....	37
2.2 Evas e Marias.....	43
2.3 Mulheres no convento: nem sempre permitido.....	46
<b>3.A ORIGEM DOS MOSTEIROS ATUAIS, SUAS REGRAS E CONSTITUIÇÕES..</b>	<b>49</b>
3.1 Mosteiro da Santíssima Trindade.....	49
3.2 Mosteiro Nossa Senhora do Carmo.....	54
3.3 Mosteiro São Damiano.....	58
3.4 Constituições da Igreja que regem a clausura hoje.....	64
<b>4.CLAUSURA FEMININA NOS DIAS DE HOJE.....</b>	<b>67</b>
4.1 A arquitetura de um mosteiro.....	68
4.2 Os votos: uma promessa feita a Deus.....	80
4.3 Como se tornar uma monja.....	82
4.4 A vida nos mosteiros.....	88
4.5 Rituais e comemorações.....	97
4.6A internet atravessa os muros.....	106
4.7 A vida em clausura: uma vida fora do mundo?.....	112
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE A: Modelo de questionário aplicado às irmãs.....</b>	<b>128</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>135</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é a Clausura Religiosa Feminina a partir de estudos realizados em três mosteiros de três ordens diferentes no estado do Rio Grande do Sul, um mosteiro de Beneditinas, um de Carmelitas e um de Clarissas. Um dos principais interesses que me conduziu a essa temática foi o fato de, ainda nos dias de hoje, essas mulheres optarem por modo de vida que parece se encontrar radicalmente em contradição com uma sociedade que tem se apresentado em constante mudança, buscando, inclusive, constituir novos estilos de família e que não abre mão do seu direito do livre exercício de ir e vir, do acesso e participação nos mais diversos grupos, redes sociais e de informação, das constantes lutas de gênero e de igualdade para homens e mulheres. A partir daí, a questão que nos propomos a estudar e abordar é até que ponto essas mulheres, pela escolha que fizeram de uma vida de silêncio, oração e separação do mundo conseguem realmente manter esses objetivos e de que maneira os “muros da clausura” são capazes de isolá-las de todo e qualquer tipo de influência externa. São estas reflexões, portanto, que buscaremos responder e textualizar ao longo desse estudo.

A minha relação com o tema surgiu de um crescente interesse pela Idade Média e suas narrativas antes mesmo do curso de graduação em História. O curso, que realizei em 2010, aprofundou esse interesse e trouxe outros como a própria história da Igreja Católica, da trajetória das mulheres religiosas ou não e das mentalidades que foram se construindo ao longo do tempo. No plano mais pessoal, talvez, a lembrança de alguns estranhamentos da infância que mais me marcaram. Por exemplo, de uma tia distante que pouco aparecia para nos visitar, que todos na família chamavam de “tia-freira” e que usava umas roupas muito diferentes, muito escuras e tão fechadas que do seu corpo eu só conhecia o rosto, as mãos e os sapatos. Nessas poucas vezes que vinha nos visitar trazia sempre de presente uns colares muito brilhantes, mas que não se podia usá-los para brincar, nem como adorno no pescoço ou nos braços. Aos poucos, fui compreendendo o que as outras tias explicavam, mas cheguei a achar que por ser uma pessoa com um “formato” tão diferente, não seria como nós, sujeita aos mesmos fenômenos humanos como dormir, acordar, comer, precisar tomar água e banho. Acreditava que aquele “uniforme” fazia parte dela e que ela jamais conseguiria tirá-lo. Em parte, eu até estava certa.

Essa tia não era uma “freira de clausura”, mas de “vida ativa”. Esta é uma noção inicial importante a ser considerada, o fato da clausura ser um dos elementos de uma forma especial de vida religiosa, a forma “contemplativa”. Este método de vida contraria, de certa

maneira, o “ativo” por não exercer apostolado, por não executar trabalhos externos junto aos leigos e as irmãs viverem sempre dentro do mosteiro, podendo sair apenas com autorização da devida hierarquia e em determinadas situações muito raras e especiais.

O tema da Clausura Religiosa Feminina não é um assunto inédito e já foi abordado exaustivamente no campo teológico, mas não muito na área da História ou das Ciências Sociais onde, embora existam alguns estudos, a grande maioria é dedicada às freiras de “vida ativa”. Dessa forma, apenas para citar alguns trabalhos é possível referir Vanilda Salignac de Souza Mazzoni, pesquisadora na área das Letras, que escreveu *Arquivo 37, a história das monjas beneditinas no Brasil*, percorrendo diversos mosteiros beneditinos femininos e entrevistando aquelas irmãs, tendo por base seus estudos mais voltados para as questões de gênero. Na área das Ciências Sociais e dialogando, também, com a História, podemos registrar a dissertação de Miriam Verri Garcia, da PUCSP, orientada por Maria José Rosado Nunes, intitulada *Liberdade em Clausura*, onde a autora se questiona sobre os elementos que motivariam algumas mulheres, num mosteiro carmelita específico no interior do estado de São Paulo, ainda hoje, a escolher esse estilo de vida. Maria José Rosado Nunes, por sua vez, tem um trabalho de pesquisa intitulado *Freiras no Brasil*, com foco na época do Brasil Colonial, onde discute os possíveis significados do espaço conventual e dessas mulheres que desejavam realizar o sonho de ingressar em tais casas religiosas, assim como muitas outras que, apesar de não ter esse desejo, eram levadas contra a sua própria vontade, para esse tipo de estabelecimento.

Miriam Pillar Grossi, da pós-graduação em Antropologia Social da UFSC, tem alguns estudos antropológicos importantes voltados para a história do feminismo no Brasil e a vocação religiosa das mulheres, levando em consideração alguns conventos localizados no sul brasileiro. Suely Creusa Cordeiro de Almeida, da Universidade Rural de Pernambuco, da mesma forma desenvolve um olhar sobre esses recolhimentos femininos, só que mais especificamente em territórios do Império Português, com recorte entre os séculos XVI e XVIII, valendo-se, porém, de fontes situadas também no Recife. Pesquisadora da sociedade dos tempos coloniais, Leila Mezan Algranti, da UNICAMP, em *Honradas e devotas*, trata notadamente das mais diversas instituições de controle e clausura para as mulheres, indo além dos conventos mais conhecidos e tradicionais.

Nessa linha, temos, ainda, um trabalho importante de Caroline Jacques Cubas, da UDESC, que se dedicou a pesquisar as principais bibliografias sobre a temática da vida religiosa feminina no Brasil, constatando que um grande número desses textos se referiam

apenas ao período colonial, concluindo pela existência de uma sensível escassez de reflexão acadêmica sobre esse modo de vida e que, quando existia, era sempre mais voltada para a história das suas congregações (as congregações são diferentes das ordens, uma vez que as congregações podem existir apenas com aprovação diocesana e as ordens precisam da aprovação da Santa Sé, em Roma). Outro nome a ser lembrado é o de Silvia Regina Alves Fernandes, da UFRRJ, que escreveu sobre as *Novas comunidades religiosas e o feminino – mudanças em curso e retraditionalização*, um trabalho de uma comparação e descrição das várias novas comunidades religiosas no Brasil e o desafio que representam para as mais tradicionais. Além dela, Martina M. E. González Garcia, da PUCSP, que discorreu sobre *Trajetórias e passagens na vida religiosa feminina* e procurou apontar alguns processos de mudança na vida religiosa para posterior inserção no mundo moderno, a partir das relações de gênero. Convém lembrar que, embora não sejam, muitas delas, pesquisas que tratem mais especificamente de “freiras em clausura”, serão, em parte, aqui consideradas, haja vista a escassez de abordagens exclusivas sobre o assunto no Brasil, que praticamente inexitem, ou não conseguimos localizar.

O objeto desta pesquisa, portanto, é a Clausura Religiosa Feminina em três mosteiros do estado, dois em Porto Alegre e um em Santa Cruz do Sul. Em Porto Alegre foi pesquisado o Mosteiro São Damião, das Clarissas Colentinas (pertencentes à Ordem de Santa Clara, cujo nome “Colentinas” deriva da sua reformadora, Santa Coleta) e o Mosteiro Nossa Senhora do Carmo, das Carmelitas Descalças (pertencentes à OCD, Ordem das Carmelitas Descalças, devido a reforma de Santa Teresa de Ávila, no século XVI). Em Santa Cruz do Sul, o Mosteiro da Santíssima Trindade, das irmãs Beneditinas (pertencentes à OSB, Ordem de São Bento). Trata-se, então de investigar, numa perspectiva sociológica, a partir dessas três casas, a possibilidade de existir algum nível de porosidade, fluidez ou flexibilidade entre os “muros” que separam o mundo da clausura e o mundo da sociedade externa, diante dos contrastes que se apresentam entre os valores da modernidade e aqueles da vida no claustro.

Para o desenvolvimento deste estudo, o trabalho foi estruturado em 6 capítulos. No primeiro capítulo, além da metodologia utilizada e alguns relatos da pesquisa de campo, o objetivo foi apresentar algumas noções que nos auxiliassem a refletir sobre o tema, como o conceito de “modernidade”, “individualismo”, “ascetismo”, “rejeição do mundo”, “agência”, “força de coesão” e “instituição total”. São conceitos que, no nosso entender, se ligam a esse modo de vida com o qual pretendemos uma maior aproximação e entendimento.



No segundo capítulo, justamente por serem mosteiros que representam ordens de longa trajetória, procuramos examinar alguns primórdios, mesmo que resumidamente, no que diz respeito a relação, por vezes contraditória, entre as mulheres e aquelas casas conventuais de clausura. No terceiro capítulo, investigamos as origens dos mosteiros pesquisados, bem como as normas e constituições que norteiam essas casas para melhor compreender organizações que se pautam por regras da Idade Média.

No quarto capítulo, com suporte, principalmente, das entrevistas e do questionário aplicado às religiosas, procuramos, então, analisar os prédios onde se localizam os mosteiros, bem como o modo de vida que abrigam. Para tanto, discorreremos sobre temas como os votos definitivos que devem ser efetivados por uma religiosa de clausura, a trajetória a ser cumprida desde sua candidatura até a admissão na casa, sobre a rotina diária que ali se desenvolve, sobre como a informação e as redes sociais são vistas, utilizadas e as vezes proibidas e, por fim, uma apreciação sobre até que ponto poderíamos considerar essas mulheres realmente como vivendo “fora do mundo”, como pode parecer num primeiro momento.

É importante registrar que a pesquisa não tem a intenção de fazer nenhum julgamento moral ou de valor quanto a esse modo de vida, mas, apenas através das lentes teóricas e das observações que foram realizadas, na medida do possível, apresentar algumas considerações que possam dar maior visibilidade a um grupo de mulheres que existe e exerce um papel social na sua comunidade. Por ser uma temática que apresenta visível escassez de estudos mais acadêmicos, esperamos contribuir, de certa maneira, nos cenários de reflexão das Ciências Sociais e mesmo da História.

# 1 METODOLOGIA, PESQUISA DE CAMPO E PRINCIPAIS ELEMENTOS TEÓRICOS

Não há boa pesquisa sem questionamento. Não há questionamento rigoroso sem base conceitual, sem “ferramentas ideacionais”, sem reflexão teórica e, logo, sem um bom conhecimento em diferentes enfoques, diferentes interpretações teóricas já elaboradas e uma reflexão crítica sobre elas.

Michel Beaud. *A arte da tese*.

## 1.1 Metodologia e pesquisa de campo

Para atingir a proposta deste trabalho, ou seja, de estudar a Clausura Religiosa Feminina nos dias de hoje a partir da pesquisa em três mosteiros no Rio Grande do Sul, é importante que se diga que uma etapa inicial foi dedicada a leituras sobre o tema, em geral, ao mesmo tempo em que se buscava selecionar alguns teóricos e conceitos mais específicos para uma melhor compreensão e familiaridade com o tema. Dessa maneira, além da opção pelos teóricos que entendíamos como mais adequados, as leituras prévias incluíram alguns eventos e contextos históricos da Igreja, assim como da Clausura Religiosa Feminina, as devidas documentações emitidas pela Igreja em relação às “contemplativas” e, ainda, alguns escritos e biografias das fundadoras, reformadoras, doutoras, santas e místicas relacionadas a essas ordens monásticas<sup>1</sup>. Paralelo a isso, buscamos uma maior aproximação com as pesquisadoras e pesquisadores relacionados ao assunto, através de seus artigos, livros, teses, dissertações e alguns vídeos disponíveis na internet. Assim, durante a pesquisa, descobrimos que as ordens de clausura se comunicavam e muito, através da internet, e que as freiras<sup>2</sup> também utilizavam certas ferramentas da modernidade tal como o *facebook* e o *whatsapp*. De certa maneira, com base nesses novos meios de comunicação, muitas religiosas passavam a publicizar sobre o modo de vida vivido nas suas clausuras, desde as rotinas diárias da casa até mesmo suas

---

<sup>1</sup> Na visão religiosa, conforme Thomas Merthon, uma Ordem é uma sociedade religiosa estabelecida sob a autoridade da Santa Sé, em que os membros são ligados por “votos solenes”. É este o ponto que distingue uma *Ordem* de uma *Congregação*. Nesta última, os membros só proferem “votos simples”. Todas as Ordens são aprovadas diretamente pela Santa Sé. As Congregações podem ter apenas aprovação Diocesana. O termo Ordem Monástica é usado em dois sentidos: primeiro para significar a estrutura inteira do monasticismo, e em segundo lugar para significar uma Ordem religiosa, cujos membros são monges. Monasticismo, a vida das Ordens religiosas monásticas, distingue-se das outras formas de vida religiosa pela relativa estabilidade e pelo caráter patriarcal e agrícola da vocação. A vocação monástica implica afastamento do mundo e do ministério ativo (pelo menos até certo ponto) e residência permanente numa família de monges morando no país, governado por um Superior eleito para toda a vida, vivendo do trabalho das suas mãos, em pobreza, com posse comum de toda propriedade, e tendo como seu principal propósito o louvor litúrgico e a contemplação de Deus, não só para santificação de suas próprias almas, mas como representantes da Igreja inteira diante do trono de Deus. MERTON, Thomas. *Águas de Siloé*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, p. 378.

<sup>2</sup> Embora “freiras” e “monjas” tenham significados um pouco diferenciados, aqui serão considerados semelhantes, no sentido de facilitar o texto e aliviar a repetição constante da mesma palavra.

trajetórias pessoais e de como chegaram a ser religiosas nos conventos. As apresentações de vídeo que pude observar, geralmente mostravam rostos muito jovens e alegres, a comunidade em momentos de descontração e uma fala sempre pautada por declarações de que “somente no claustro se é realmente livre e feliz”.

Numa segunda etapa, a pesquisa foi marcada pela elaboração e posterior aplicação de um questionário, por escrito, composto por questões abertas e fechadas, conforme modelo anexado ao final desta dissertação. O referido questionário foi inspirado no modelo apresentado por Miriam Verri Garcia, no seu trabalho de mestrado <sup>3</sup> e, uma grande inquietação foi decidir quanto ao número de mosteiros a ser pesquisado. Normalmente, pelo menos até onde pude observar numa dissertação, o mais apropriado seria aprofundar e pesquisar apenas um mosteiro e, posteriormente, numa tese, contrapor dois mosteiros ou duas ordens. No entanto, depois de muito analisar, resolvemos correr o risco de investigar os três mosteiros, até pela hipótese de surgirem diferenças entre as clausuras, assim como possíveis níveis de flexibilidade de cada um para receber influências ou não do mundo externo, dadas as propostas de isolamento e silêncio em que vivem.

Além do questionário, conseguimos realizar entrevistas com algumas irmãs, incluindo as superiores, com exceção das Carmelitas Descalças, cuja única entrevistada acabou sendo a própria mãe: uma entrevista inicial, de apresentação e consentimento do trabalho, outra para entrega dos questionários em papel para serem distribuídos entre as irmãs (no caso, por ela mesma, a mãe) e, uma entrevista final logo após a entrega do material, somando, ao todo, em torno de 4 horas de conversas. Das 21 irmãs carmelitas que moram na casa, 16 responderam ao questionário, mas a mãe já tinha me avisado que algumas irmãs com muita idade e problemas de saúde não conseguiriam responder e que não achava correto responder por elas. A impressão que ficou foi de organização em relação ao recebimento e entrega do material, do exercício de uma forte hierarquia e autoridade por parte da mãe, bem como de evidentes e claros limites ao meu acesso a maiores informações. Nesse sentido, em determinadas perguntas que fiz sobre a ordem e o mosteiro, fui várias vezes remetida a internet para encontrar as respostas.

Em relação às Clarissas, o trabalho foi combinado com a mãe que olhou o modelo do questionário e prontamente aceitou a aplicação, comentando que as perguntas eram bem

---

<sup>3</sup> A dissertação que serviu de modelo inicial para elaborar nosso questionário tem sido bastante reconhecida e citada entre alguns estudiosos da temática. Intitula-se “*Liberdade em Clausura: trajetórias pessoais de monjas carmelitas descalças*”. Foi orientada por Maria José F. Rosado Nunes e apresentada em 2006 à PUCSP, em Ciências da Religião.

simples, mas interessantes. Das 12 irmãs que ali moram, 5 responderam, sendo que algumas delas, não todas, por problema de muita idade e saúde, assim como as Carmelitas, com a diferença de que com as Clarissas, foi possível conversar com algumas irmãs. O fato do mosteiro estar localizado em Porto Alegre também facilitou bastante o trabalho, uma vez que dúvidas tratadas pessoalmente tendem a gerar entendimentos mais próximos do correto, uma comunicação mais clara e sem dúvidas interpretações, além de estreitar a relação e favorecer a confiança. Não fiz, porém, o cálculo das horas de conversas que não foram gravadas, mas quando passei a gravar, foram em torno de 3 horas. E a diferença das conversas gravadas para as anotadas ou de memória é fundamental. Percebi que depois de um tempo, a memória e mesmo as anotações podem gerar dúvidas significativas e até mesmo distorções importantes. No entanto, quando não se grava e não se faz anotações, a tendência é da conversa ser bem mais espontânea e surgirem novos fatos e observações que não estavam programadas.

Quanto às Beneditinas, o mosteiro onde fiquei hospedada por 5 dias, a pesquisa por escrito acabou gerando um paradoxo, pois foi onde ocorreu o menor índice de retorno dos questionários, das 7 irmãs apenas duas responderam, sendo que nenhuma por problemas de saúde, a exemplo das Clarissas e Carmelitas. Algumas irmãs alegaram que não gostariam de responder, outras que não gostavam de escrever. No entanto, compareceram as entrevistas, conversaram bastante, tiveram boa vontade e foram simpáticas comigo durante todo o tempo em que estive lá. E aqui penso existir uma diferença importante porque foi o único lugar onde conheci todas as irmãs e pude encontrá-las em movimento, transitando pela casa nas tarefas do dia a dia ou na hora das orações e em interação umas com as outras, uma vez que foi possível circular sozinha por algumas partes da casa, com exceção do andar de cima, onde só ia quando convidada e acompanhada, porque é onde fica propriamente a clausura com as celas das irmãs.

No mosteiro das Beneditinas, então, além da madre, cinco das sete irmãs participaram das entrevistas: elas dialogaram muito mais do que escreveram. Até porque o fato de ficar no mosteiro propiciou essas conversas e encontros mais informais, uma vez que pude participar de parte da rotina das irmãs, de alguns rituais e orações, do almoço e do jantar, da apresentação do edifício religioso, inclusive a biblioteca (onde possuem livros variados, até mesmo de outras crenças religiosas), almoxarifado, escritórios, lavanderia, cozinha, sala de estar e parte do andar do claustro (não todo, é claro), e de alguns recreios. Conforme descrito pelas próprias irmãs, o recreio, em geral, é um tempo livre em que elas se reúnem numa sala para conversar ou realizar alguma tarefa que queiram, em conjunto, assim como leitura de

algum texto. Deve durar em torno de uma hora e é onde aquelas atividades pré-determinadas e quase ininterruptas do dia a dia ganham uma pausa. Cheguei a participar de dois recreios, onde, num deles comemos pipoca e conversamos sobre alguns filmes, livros, assuntos da cidade e da ordem, em geral. Geralmente são temas ligados à religiosidade, mas a conversa parece primar por momentos de descontração.

Durante este tempo de hospedagem, também foi possível observar o trânsito de visitas externas que ocorriam na casa, desde um encontro organizado com uma congregação de mulheres de “vida ativa” (que são aquelas que exercem tarefas de apostolado junto aos leigos e não vivem apenas dentro dos mosteiros como as contemplativas de clausura), até pessoas que iam até lá apenas para conhecer o lugar que realmente é muito lindo, cercado de espaço livre e natureza. Essas pessoas não se animavam a tocar a campainha, ficavam somente do lado de fora da casa, sem se anunciarem, apenas olhando e tomando seu chimarrão, admirando o silêncio e a paisagem ou colocando os cachorrinhos para passear, uma outra forma de contemplação e quietude momentânea, talvez. Cheguei a conversar com dois estudantes que tinham muita curiosidade sobre a vida que as irmãs levavam na casa, iam lá seguidamente, mas nunca entraram ou se fizeram anunciar, “mas temos muito respeito por elas”, asseguraram.

Contaram que a universidade tinha uma parceria com a casa e que alguns estudantes de Biologia costumavam fazer pesquisas na área, sobre os morcegos, pois parece que existe uma diversidade de morcegos por ali. No entanto, pude perceber que era no domingo que as visitas aumentavam e chegavam todas juntas, sendo de pessoas das redondezas, amigos e amigas do mosteiro que estacionavam seus carros para, em princípio, assistir à missa <sup>4</sup>. Depois da missa, ficavam mais um tempo conversando “bem animados” uns com os outros e com as irmãs, até mesmo comprando os *cookies* que elas já tinham deixado num cestinho, bem a mostra na entrada da capela, estrategicamente, só esperando para serem comprados e levados. Minha percepção foi que, além de todos se conhecerem, também sabiam das histórias e dificuldades de vida uns dos outros. E as irmãs, por sua vez, de todos. A estranha ali era eu que fui assim percebida e tive que explicar para alguns qual era meu papel naquele momento e de onde eu vinha.

---

<sup>4</sup> Teologicamente, conforme Thomas Merton, a missa é o mistério central da Fé Cristã. É a ação litúrgica em que o padre, como representante de Cristo, renova o oferecimento a Deus do próprio sacrifício de Si Mesmo feito por Cristo no Calvário, estando o próprio Cristo presente no altar, sob as espécies de pão e vinho, em virtude das palavras de consagração. MERTON, Thomas. *Águas de Siloé*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, p. 375.

Esta estadia e a convivência por tempo integral no mosteiro contribuiu para uma melhor observação, mas também para um maior envolvimento, muitas vezes, e há que considerar, para minha surpresa, que percebi em mim uma grande ansiedade inicial. Ficar hospedada por uns dias, foi completamente diferente de ser recebida com hora marcada e saber que ali ficaria um determinado tempo, por uma ou duas horas, como no caso das outras duas casas. Agora, essa coparticipação seria diferente daquele cotidiano sobre o qual eu havia apenas lido e pesquisado. Na realidade, eu não tinha conhecimento de como isso se daria na prática, não conhecia as pessoas, não sabia bem o que comiam nem a que hora, nem quantas vezes por dia, nem se iria fazer as refeições junto com elas, nem quando falar ou não com elas. Tinha por pressuposto que os horários deveriam ser rígidos e fixos, que acordavam no meio da noite para rezar e nessa linha permaneciam até a hora de dormir. Talvez os estranhamentos infantis em relação a “tia-freira” tenham ressurgido no meu inconsciente e as outras tias não estavam ali para me dar explicações.

Dessa forma, percebi que ler e apresentar uma tabela com os horários e as tarefas de uma casa religiosa é uma coisa, inserir-se de alguma maneira nesta rotina é outra. São sentimentos que surgem, resistências que se apresentam, julgamentos e comparações que não queremos fazer, mas a mente faz e não para, as vezes chegando a incomodar mesmo e atrapalhando a atenção que deveria estar focada na pesquisa. No entanto, assim mesmo, brigando com a mente e os pensamentos, fui acompanhando tudo que me deixavam acompanhar, enquanto hóspede da casa.

As irmãs começavam a se preparar para o início das orações pouco depois das cinco da manhã. Eu também acordava cedo com a movimentação no andar de cima, onde ficavam as celas, é verdade, ouvia barulho de chuveiro e, em seguida, já podia ouvir o canto que vinha da igreja, canto gregoriano com a madre tocando órgão. Mas, como era inverno e muito frio, talvez por isso mesmo, apenas em torno das 6 e meia da manhã conseguia executar a difícil decisão de me “desenclausurar” dos cobertores e partir para o banho. Depois do banho, quando me dirigia à “minha” cozinha (da hospedaria), encontrava magicamente uma garrafa térmica recarregada com café preto, alguns pedaços de bolo, bolachinhas, manteiga. Esse era meu momento de “liberdade em clausura” onde, do meu jeito e no meu tempo, tomava café, lavava minha xícara, limpava a mesa e ia verificar o cenário do momento, isto é, me dirigia à casa para averiguar minhas possibilidades de inserção. Por vezes, me senti um pouco estranha em relação a tais inserções e penso que algumas irmãs, também. Por uma série de pequenos fatores, talvez estivesse acontecendo o que Florence Weber relata como não haver

“exterioridade absoluta do pesquisador: este último torna-se um nativo, isto é, um sujeito a ser observado, na medida em que um lugar lhe foi atribuído no espaço social local”.<sup>5</sup> Mas, ao final, articulado esse primeiro momento matinal de reencontro, digamos, no correr do dia as coisas andavam quase juntas, digo, eu, a rotina e os horários das monjas. Em algumas ocasiões, com jeitinho, eu era liberada para retornar a hospedaria ou ficar pelos arredores, o que também era ótimo.

Esses sentimentos despertados pelo observar para escrever e diante desse tempo vivido em comum, que nem foi longo, mas onde as relações se estreitaram e as aproximações começaram a gerar afetos, me fez lembrar que, em termos de metodologia, a História e a Sociologia se revestem de pequenas semelhanças embora diferenças predominem. No entanto, que uma acaba por complementar a outra, não há como negar, como ressaltam Roger Chartier e Pierre Bordieu ao discutirem seus ofícios. Parecem chegar a um acordo importante, quando, a certa altura, Chartier sintetiza o que pensa ser, em geral, uma das grandes diferenças da Sociologia em relação à História, salientando o fato de que “a história fala de mortos”, ao que Bordieu, como sociólogo, acrescenta: “as coisas que debatemos estão vivas, e não mortas, nem enterradas”.<sup>6</sup>

Talvez esse diálogo explicasse um pouco do meu desconforto, mas, por outro lado, destacou um sinal de alerta justamente para a terceira etapa da pesquisa, aquela onde comecei a organizar os relatos e os dados do questionário, transcrever falas e narrativas e rever anotações de certas ocorrências de quando estava no mosteiro, além de considerar o que, de certa forma, Louis Dumont já alertava ao falar do cuidado que se deve ter ao binômio observador/observado. Assim como Paul Ricoeur que, ao descrever o ato interlocutório, entendia que a experiência de uma pessoa não pode ser diretamente a experiência de outra e “um acontecimento que pertence a uma corrente de consciência não pode transferir-se como tal para outra corrente de consciência”, embora, no entanto, algo passe de um para o outro, que não é a experiência vivida, mas o significado.<sup>7</sup>

Penso ser interessante, ainda, registrar um fato que ocorreu nas primeiras visitas que fiz a cada mosteiro. Em todas as casas recebi “presentes” cujas temáticas variaram e, de certa forma pareceram dialogar com assuntos considerados importantes em cada convento, ou que

---

<sup>5</sup> WEBER, Florence. *Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 32.

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 17-18.

<sup>7</sup> RICOEUR, Paul. *Teoria da interpretação O Discurso e o Excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, Lda., 2013, p. 30.

desta maneira gostariam de ser percebidos. Assim, no Mosteiro da Santíssima Trindade, em Santa Cruz, recebi uma revista, que me foi dada por uma irmã engajada na luta para obter o título de doutora da Igreja para uma santa chamada Gertrudes de Helfta (1256-130/1303), motivo de uma reportagem nesta revista que dava detalhes sobre a proposta, salientando que a ideia teria nascido no âmbito monástico. Recebi, ainda, neste mesmo dia um jornal intitulado *Aurora da Rua*, e outra revista *À Flor da Pele*, que fazia parte de um projeto de mesmo nome desenvolvido em parceria com a Comissão de Cidadania e Direitos Humanos e a Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. A revista pretendia ser um espaço destinado à voz de mulheres presidiárias e alertava no seu editorial sobre os equívocos de certas posturas sociais em relação a miséria, cidadania, segurança e justiça, propondo enxergar essas mulheres para além de números frios e embrutecidos.

Da mesma maneira, durante o encontro inicial com a madre Carmelita, também recebi um presente, um livro que mostrava “uma experiência mística”, relatos de uma pessoa que teria estado morta e “voltado pelo poder da oração”, justamente para, agora, poder “contar o que acontece quando se morre”. Além disso, quando estive nas Clarissas pela primeira vez, também recebi um livro que era usado nos estudos das freiras, escrito por um padre, que explicava o significado e o sentido da Regra de Santa Clara nos dias de hoje. Para completar o ciclo, tempos atrás, em 2012, quando estive em Gent, na Bélgica, no mosteiro de onde saíram as irmãs fundadoras do São Damião, em Porto Alegre, recebi das irmãs Clarissas, de Gent, um livro sobre a vida de Santa Coleta, a reformadora das Clarissas. Era um livro grande e pesado, escrito em neerlandês e francês e que continha, coladas a mão, uma a uma, várias iluminuras coloridas sobre passagens da vida da santa, um trabalho basicamente artesanal das irmãs daquele mosteiro. As temáticas de cada presente pareceram indicar peculiaridades especiais que depois seriam observadas em cada mosteiro, como, por exemplo, a questão da “mística” envolvendo as carmelitas.

## **1.2 Clausura e a vida contemporânea**

O conceito de “modernidade”, ao que tudo indica, parece ter surgido paralelo ao de “individualidade”, sendo parte das nossas reflexões sobre a Clausura Religiosa Feminina, que apesar de ter surgido prioritariamente na Idade Média, continua a se fazer presente nos dias de hoje conservando muitas das características e valores daquela época, mas, ao mesmo tempo, apresentando alguns elementos próprios da vida contemporânea, como veremos no decorrer desta apresentação.



Anthony Giddens desenvolve uma perspectiva teórica sobre as mudanças no mundo de hoje que denomina como “um mundo em descontrole”, marcado por novos riscos e incertezas, onde as formas tradicionais de confiança tendem a se dissolver, uma vez que a confiança em outras pessoas tinha por base uma comunidade local, que nos tempos atuais parece não existir mais, não daquela forma como existia antes. Agora, segue o autor, viver numa era da informação significa um aumento considerável da “reflexividade” social, a necessidade de “estarmos sempre pensando ou refletindo a respeito das circunstâncias em que nossas vidas se desenrolam”, onde muitos aspectos triviais das antigas gerações transformaram-se em temas para um processo aberto de decisões.<sup>8</sup>

No que tange às comunidades religiosas pesquisadas, existe justamente todo um esforço em fazer deste, um problema menos acentuado, uma vez que ali, segundo declaram, toda informação deve ser selecionada, controlada ou até mesmo proibida pela madre, justamente por entenderem que isso não deixaria espaço para o que é realmente importante para elas, que é justamente “um mundo estável, mais controlado e de confiança em Deus e na comunidade e solidariedade das irmãs”. Assim, para se “manter estável”, a comunidade adota uma rotina diária de orações, tarefas e uma vida de afastamento do mundo externo, pois se ficarem muito a mercê dessa “reflexividade” apontada por Giddens, talvez a rigidez e a força necessárias para manter a “estabilidade e concentração”, tenda a se desequilibrar. Isso sem contar a obediência que deve ser dispensada às regras e constituições da Igreja, conforme as peculiaridades de cada casa. Resta observar até onde novas adaptações e adequações aos tempos mais atuais, conseguem romper os muros dos mosteiros, até mesmo para que eles continuem existindo, uma vez que não é difícil perceber que as vocações oscilam, dúvidas e resistências surgem e existem desistências em continuar na profissão, conforme relatos das próprias irmãs. No entanto, algumas das religiosas parecem mais conscientes de conflitos capazes de oportunizar uma clivagem entre a vida na clausura e as vontades e realizações mais individuais, decorrentes dos tempos atuais, enquanto outras, porém, adotam uma narrativa mais fechada e tradicional, um discurso mais sintonizado com a instituição formal.

A nova noção de indivíduo trazida pela pós-modernidade é um desafio à proposta de vida comunitária característica do cristianismo. Esta nova noção pós-moderna pode acentuar a subjetividade e o egocentrismo, quando não compreendida de maneira correta. A Regra de São Bento que seguimos propõe um equilíbrio entre o indivíduo e o comunitário/social, respeitando

---

<sup>8</sup> GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: ARTMED, 2011, p. 540.

as necessidades, características, projetos e desejos de cada indivíduo e da comunidade como um todo.

Irmã Beneditina, 53 anos.

O valor supremo de uma sociedade é colocar Deus acima de tudo, é amá-lo sobre todas as coisas. E amar ao próximo como a si mesmo. Vendo sempre Jesus que está em cada pessoa. Assim o mundo seria diferente, não teria tanto ódio e violência, mas reinaria o amor.

Irmã Carmelita, 38 anos.

Segundo Kalina e Maciel Silva, historicamente falando, um dos primeiros a lançar o conceito de modernidade na França do segundo Império quando a Revolução Industrial ainda estava se impondo foi Charles Baudelaire (1821-1867), poeta e teórico da arte francesa, num artigo apresentado no ano de 1863, enquanto economistas e sociólogos passariam a definir e discutir essa ideia somente após a Segunda Guerra Mundial.<sup>9</sup> Naquela ocasião, conforme os mesmos autores, Baudelaire pensava a modernidade como “as mudanças que iam se operando em seu presente, utilizando a palavra, sobretudo, para a observação dos costumes, da arte e da moda” enquanto, Andrew Edgar (1831-1890) apresentava a palavra como derivada do latim *modernus* tendendo a expressar que “desde o século V, com os escritos de Santo Agostinho (354-430)<sup>10</sup>, passou a ter diversos significados”. Assim, se “na origem opunha-se ao passado pagão; a partir do século XVI, todavia, quando os eruditos valorizaram a cultura pagã, ser moderno era se opor ao medieval e não ao antigo ou à Antiguidade”. Kalina e Maciel Silva alertam que o termo, no entanto, mesmo com outra conotação, já aparecia no século XII, embora “um conceito histórico que difere do sentido original da palavra e surgido com o Iluminismo, tendo seu ápice entre os séculos XIX e XX”; definido como um “conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do Ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida”, um conceito estritamente vinculado ao pensamento ocidental, isso confirmado, também, pelo historiador e medievalista Jacques Le Goff.<sup>11</sup>

Pelo lado da Igreja, Pierre Pierrard sugere que na católica, em decorrência, também, um modernismo religioso no início do século XX apresentou-se como um movimento interno derivado da longa tensão iniciada com o cristianismo desde a Revolução Francesa até nossos dias. O termo, em grande parte da Igreja, segundo Pierrard, tornou-se pejorativo no século

<sup>9</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 194.

<sup>10</sup> Também conhecido como Agostinho de Hipona, foi um teólogo e filósofo importante dos primeiros séculos do cristianismo, um dos mais importantes Padres da Igreja no ocidente.

<sup>11</sup> SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 297.

XIX e a posição oficial da instituição naquele momento foi definir-se como “antimoderna” e, em 1910, o papa Pio X através do *Motu Proprio Sacrorum Antistitium*, chegou a impor a todos os padres o juramento “antimodernista”, depois de já haver condenado o modernismo teológico, exegético, filosófico e histórico.<sup>12</sup> Esse conflito antigo/moderno do catolicismo, como lembra Le Goff, apresentava duas faces “por um lado, o dogma e sobretudo a exegese bíblica e, por outro, a evolução social e política”, sendo portanto o movimento teológico e exegético o centro da crise.<sup>13</sup>

Zygmunt Bauman assinala algumas características da vida moderna como a passagem de uma fase “sólida” para uma “líquida”, onde as organizações sociais não conseguem mais manter sua forma por muito tempo, acarretando consequências em nossas escolhas ou mesmo de um projeto de vida individual. O sociólogo polonês denuncia uma separação entre o poder e a política capaz de gerar forças de mercado imprevisíveis; na retração do Estado percebe uma solidariedade social mais enfraquecida, laços sociais frágeis e temporários e a sociedade vista como uma “matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis”.<sup>14</sup> O autor entende esta vida “líquido-moderna” como fragmentada, atravessada por um excesso de informações, uma sociedade cheia de medos e sem mais nenhum “espaço em branco no mapa mental, não há terra nem povo desconhecidos, muito menos incognoscíveis”, onde apesar da crença na razão e no progresso “a vida social se altera quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem veículos blindados, portam porretes e revólveres e frequentam aulas de artes marciais”, onde os medos estimulam a assumir ação defensiva que agora parece se estabelecer em definitivo “saturando nossas rotinas cotidianas” e fornecendo “toda a motivação e toda a energia de que o medo necessita para se reproduzir”.<sup>15</sup>

Assim, Bauman considera que neste progresso que chega com o pesadelo e a insônia causada pelo “medo de ser deixado para trás”, acabamos por nos deter em diversas coisas que acreditamos poder dominar tais como “os sete sinais do câncer ou os cinco sintomas da depressão, ou para exorcizar o espectro da pressão alta, do nível alto do colesterol, do estresse ou da obesidade”.<sup>16</sup> Conforme o sociólogo, o capital do medo e seu marketing, a substituição do Estado social pelo Estado prisional, a popularidade dos terroristas, o novo individualismo e

<sup>12</sup> PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 256-257.

<sup>13</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 186-187.

<sup>14</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 07-09.

<sup>15</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 11-15.

<sup>16</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 17.

o desgaste da solidariedade, a falta de uma pausa para pensar e observar todas essas questões são demônios que nos levam à exposição das mais diversas formas de medo e, por decorrência, à insegurança e violência que se desenrolam nas grandes cidades globalizadas.<sup>17</sup>

Algum tempo antes, Marx já tinha morrido quando Engels, que havia estudado o cristianismo primitivo, o apocalipse e as lutas religiosas medievais, isto é, a religião nas suas manifestações mais concretas, publicou dois interessantes artigos (1894 e 1895, respectivamente) sobre a história do cristianismo primitivo onde reconhecia “pontos notáveis de contato com o movimento proletário moderno” e dizia que cristianismo e socialismo pregavam o fim da escravidão e da miséria. A diferença, segundo Engels, estava num cristianismo que “leva essa liberdade para o Além, para uma vida depois da morte, localizada no Céu” e um socialismo que se colocava “neste mundo e o concebe mediante uma transformação da sociedade”. Logo após, concluía que ambos foram perseguidos e seus partidários proscritos, embora apesar dessas perseguições, algumas ideias tivessem prosseguido “vitoriosamente”.<sup>18</sup>

Por outro lado, ao analisar a religião e a modernidade, Roberto DaMatta não deixa de considerar o fenômeno religioso nas grandes cidades atuais, quando reflete sobre os possíveis “caminhos para Deus” ou num “espaço para outro mundo”. Isso querendo dizer que, para além do espaço referencial da casa e da rua, grande parte da sociedade também parece considerar a possibilidade de um outro mundo onde poderá vir a habitar um dia. Assim, nesta busca de garantir a nova habitação celeste, ao invés do dinheiro e até da simples preocupação com os salários, que geralmente move as pessoas no dia-a-dia, percebemos esses grupos mais “interessados em conversar com Deus, com os santos, com a Virgem Maria e Jesus Cristo, e com toda a legião de entidades que ali habitam”. Uma maneira diferente de relação onde “em vez de discursar, rezamos; em vez de ordenar, pedimos; em vez de simplesmente falar”, suplicamos. Assim, entre o “alto e o baixo”, convém que o pedido seja feito “de modo solene e respeitoso, com algum formalismo”. Questionando o por quê de se falar tanto com Deus, o autor admite, entre outros aspectos, que a religião seria um modo de ordenar o mundo “facultando nossa compreensão para coisas mais complexas, como a ideia de tempo, a ideia de eterno e a ideia de perda e desaparecimento, esses mistérios perenes da existência humana”, mais no sentido de, finalmente, domesticar a morte e o tempo.<sup>19</sup>

<sup>17</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 18-32.

<sup>18</sup> ENGELS, Friedrich. *O cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969, p. 9.

### 1.3 Clausura e o indivíduo moderno

Ao final de uma reportagem sobre as carmelitas, publicada em 1954 no jornal *Correio do Povo*, o repórter encerra concluindo que as freiras, todas absolutamente iguais, nas suas sandálias de cânhamo e longos véus negros cobrindo seus rostos, se estivessem todas reunidas, ninguém poderia distinguir uma da outra. “Suas personalidades desaparecem sob a severa vestimenta da Ordem, a mais idosa não se distingue em nada das mais jovens, aqui o indivíduo não existe”, conclui o artigo do jornal.<sup>20</sup>

Em se tratando do indivíduo, com tudo o que isso possa significar, Danièle Hervieu-Léger lembra que para Durkheim tanto o individualismo como o livre-pensamento “não datam nem de nossos dias, nem de 1789, nem da Reforma, nem da escolástica, nem da queda do politeísmo Greco-latino ou das teorias orientais” sendo “um fenômeno que não começa em nenhum lugar, mas que se desenvolve sem cessar ao longo de toda a história”.<sup>21</sup> O conceito de “individualismo”, também foi utilizado pelo antropólogo francês Louis Dumont (1911-1998), a partir de seus estudos do sistema de castas na Índia e da emergência do individualismo na sociedade moderna. Por oposição, comparou uma sociedade hierárquica com uma suposta sociedade moderna e, em princípio, igualitária, numa perspectiva geral do “estudo comparativo das sociedades humanas, ou antropologia social”.<sup>22</sup>

Como discípulo de Marcel Mauss insiste naquilo que entendemos como o caráter particular de nossas ideias modernas, quando relacionadas com as crenças de outras pessoas, por exemplo, fazendo parte do seu método manter uma referência à sociedade global, embora isso não queira dizer que se possa entender tudo de tudo. Dumont enfoca, com bastante atenção, as possíveis referências recíprocas entre “observador e observado”, onde esse contraste acabou por ganhar um esquema binário como uma forma de oposição entre moderno e tradicional ou mais exatamente entre moderno (o observador, logicamente) e o não-moderno, alertando que o conhecimento pode sofrer um enfoque mais superficial se deixar de fora essa questão do sujeito conhecedor.<sup>23</sup>

Ao buscar justamente nos primórdios cristãos a gênese do individualismo moderno, Dumont associou o surgimento deste “individualismo” como uma herança judaico-cristã,

---

<sup>19</sup> DaMatta, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 112-126.

<sup>20</sup> NA CASA da solidão e do silêncio. Por Herbert Buzas. *Correio do Povo*, 07.02.1954, p. 21 e 16.

<sup>21</sup> Hervieu-Léger, Danièle. Willaime, Jean-Paul. *Sociologia e religião: abordagens clássicas*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009, p. 199.

<sup>22</sup> DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 09.

embora reconheça que algo do “individualismo moderno” já estivesse presente nos primeiros cristãos, mesmo não se tratando exatamente do mesmo “individualismo” que hoje nos é familiar.<sup>24</sup> Assim, uma transição do “indivíduo-fora-do-mundo” para o “indivíduo-no-mundo”, ressalta Dumont, progredirá com o Iluminismo e principalmente com Calvino, que vai idealizar suas construções com base na Reforma de Lutero. Com Calvino “o indivíduo agora está no mundo, e o valor individualista reina sem restrições nem limitações”. No entender de Dumont, não existe em Calvino um temperamento contemplativo, mas sim, um pensamento voltado para a ação no mundo, regras e disciplinas; se Lutero rejeita a salvação pelas obras em contraposição com a Igreja, admitindo a justificação apenas pela fé, Calvino radicaliza e propõe a completa impotência do homem diante da onipotência de Deus. O que de início pareceria, então, mais uma limitação ao “individualismo”, na realidade, para Dumont é uma intensificação das relações do indivíduo com o mundo, que mesmo considerando “a graça divina” e a “eleição de Deus”, por uma série de fatores, agora não deve rejeitar o mundo terreno, mas agir nele e fazer com que a sua vontade humana coincida com a vontade divina e que o “Reino” seja construído por aqui mesmo.<sup>25</sup>

Tecendo comparações, fator este sempre muito importante para o autor, entre a nossa sociedade e a sociedade indiana, porém, Dumont trabalha um outro conceito que apropria a figura do “renunciante”, que será vista como a “anunciadora do individualismo” e fará a ligação entre as duas culturas; será a principal responsável pelas inovações religiosas na Índia e definida como aquela que abandona a vida social em busca do seu próprio progresso e destino. O “renunciante”, segundo Dumont, quando olha para trás, para o mundo que deixou, passa a percebê-lo como algo desprovido de realidade que o remete não às vias da salvação cristã, mas aos entraves da vida da maneira como é vivida neste mundo. O “renunciante”, segundo Dumont, basta-se a si mesmo, sua única preocupação é consigo mesmo e seu pensamento é semelhante ao do indivíduo moderno, mas com uma diferença, a de que nós vivemos no mundo social e ele vive fora do mundo social. Dessa maneira, comenta Dumont, surge a comparação do “nós como indivíduos-no-mundo” e eles como um indivíduo

---

<sup>23</sup> DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 12-16.

<sup>24</sup> DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 36.

<sup>25</sup> DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 63-69.

extramundano, um “indivíduo fora-do-mundo”.<sup>26</sup> Até que ponto a nossa população estudada circula entre as figuras do “renunciante”, do “indivíduo no mundo” e “fora do mundo”, é uma questão a ser pensada e requer neste momento, o auxílio de outras chaves de leitura para poder tangenciar tais limites.

Marshall David Sahlins, por sua vez, quando escreveu “Ilhas de História”, ao discutir e procurar explicar a morte do capitão James Cook (1728-1779) no Havaí, um episódio ocorrido em 1779 e que envolveu ingleses e havaianos. A grande questão foi o fato de como num primeiro momento o referido capitão ter sido recebido com grandes homenagens pelos nativos que o identificam com o deus Lono, um deus associado à reprodução humana e, poucos dias depois, quando o capitão teve de retornar ao mesmo local, acabou sendo morto pelo mesmo povo que o havia homenageado. A partir desta ocorrência que salienta uma brusca mudança de atitude por parte dos havaianos, Sahlins se questiona e desenvolve uma interessante teoria que sugere como os mitos são capazes de ressurgir mesmo em contextos mais atuais. Na busca de uma explicação antropológica, o autor pressupõe o ocorrido como uma “estrutura da conjuntura”, isso querendo significar “um conjunto de relações históricas que, enquanto reproduzem as categorias culturais, lhes dão novos valores retirados do contexto pragmático”, onde existem “claramente assuntos partidários em discussão entre leigos e clérigos”, conforme comentários posteriores e análises do comportamento dos próprios havaianos logo após a morte de Cook. No entanto, a partir dos relatos, o que mais nos chama a atenção é o conceito de “mitopraxis” que foi desenvolvido por Sahlins.

Para este autor, a história e a estrutura não são exclusivas, assim como a estabilidade e a mudança não são antagônicas como possa parecer ao pensamento ocidental. Ao contrário das categorias mais elementares do saber comum que se organizam a partir de pressupostos antagônicos como “estático e dinâmico”, por exemplo, não ficaria difícil confundir história com mudança, como se a própria persistência da estrutura através do tempo, não fosse histórica, reflete Marshall. A cultura “funciona como uma síntese de estabilidade e mudança, de passado e presente, de diacronia e sincronia” e “toda mudança prática também é uma reprodução cultural”, que se reproduz alterando e assimilando novos conteúdos empíricos, assegura.<sup>27</sup>

#### **1.4 Clausura, rejeição do mundo e ascetismo**

---

<sup>26</sup> DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 37-38.

O silêncio e o isolamento são considerados fundamentais para o modo de vida em clausura. Perguntadas se tal prática não implicaria uma rejeição do mundo as irmãs, com raras exceções, responderam negativamente. “Não rejeitamos o mundo, amamos aquilo de belo que foi criado por Deus, mas renunciamos a este mundo exterior por um ideal maior”, respondeu uma irmã Carmelita de 26 anos. “Nossa abertura ao mundo depende muito desses dois fatores, e não impedem absolutamente o nosso contato com o mundo externo, pelo contrário, estamos muito inteiras e atentas em levar para nossas orações, as necessidades atuais”, responde outra irmã Carmelita de 34 anos. “O silêncio e a solidão que cultivamos fora do mundo nos permite pensar, contemplar e encontrar a Deus, assim Deus através de nós vai curando as chagas e as feridas do mundo”, comentou uma irmã Beneditina de 34 anos. Por estas e outras respostas, embora seja possível perceber uma tensão considerável, em geral, entre a visão da clausura e a do mundo externo ao mosteiro, o discurso de grande parte das religiosas declara uma não rejeição do mundo, mas sim um afastamento. Um afastamento necessário, segundo elas, para que possam exercer esse papel religioso que reservam para si mesmas de oração pela Igreja e por todas as pessoas necessitadas, uma vez que acreditam que “a oração tem esse poder de ir a qualquer lugar no mundo” e que carregam uma missão de “interceder junto a Deus pela salvação das almas e do mundo”.

Para Max Weber, o dom da salvação pode significar uma de duas coisas, ou é específico da ação ética, com a consciência de que Deus guia essas ações ou pode exigir “uma atividade da própria espiritualidade sagrada específica, da qualidade de instrumento eleito por Deus, precisamente dentro da ordem do mundo e diante dela”. No primeiro caso, a virtude religiosa conduz à submissão dos instintos naturais além de uma vida sistematizada, onde a mera virtude natural neste mundo não garante a salvação e ainda a coloca em perigo, uma vez que oculta o mais necessário; o mundo, então, passa a ser visto como lugar de tentação e frugalidade que impede a concentração necessária para a salvação.

Em decorrência, tal concentração “pode fazer parecer necessária uma explícita retirada do mundo e dos laços sociais” assim como “da propriedade, dos interesses políticos, econômicos, artísticos, eróticos e, em geral, de todos os interesses da criatura”, onde toda atividade no mundo fica parecendo alheadora de Deus, o que Weber vai chamar de “ascetismo de rejeição do mundo”. Por outro lado, o que ele chama de “ascetismo intramundano”, conceito onde o mundo se “torna um dever imposto ao virtuoso religioso” podendo significar que “a tarefa consiste em transformá-lo de acordo com os ideais ascéticos”, o asceta virando

---

<sup>27</sup> SAHLINS, Marshal David. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990, p. 180-181.



um “reformador ou revolucionário racional”. No entanto, as mais diversas qualificações religiosas fazem com que as congregações de ascetas passem a se apresentar como “organizações aristocráticas particulares dentro, ou melhor, fora do mundo dos homens comuns que as circundam”, em tudo semelhantes a “classes”.<sup>28</sup>

A “rejeição do mundo” não é a mesma coisa que “fuga do mundo”, alerta Weber, pois esta última é mais característica do místico contemplativo, que é a busca de um repouso apenas no divino, embora acabe por viver de dádivas do mundo que são obtidas através daquilo que ele condena, ou seja, o trabalho, uma atividade entendida por ele como alheadora de Deus e pecaminosa. Para o “asceta intramundano”, que age no mundo, conforme Weber, não há necessidade de indagar, por exemplo, qual seria o sentido de sua atividade profissional no mundo, pois quem responde por isso é Deus, diferentemente do místico contemplativo que precisa entender o sentido do mundo e cuja visão racional não consegue atingir.<sup>29</sup>

A partir de seus estudos e comparações das mais diversas práticas religiosas, Weber vai construindo diversos “tipos ideais” e conceitualizações que buscam explicar principalmente as religiões que oferecem salvação aos seus seguidores. Seja o “ascetismo de rejeição do mundo”, melhor representado pelos monges cristãos, na maioria das vezes; ou de “contemplação negadora do mundo”, como os monges budistas; ou o “virtuoso do martírio passivo”, como os cristãos primitivos; ou aqueles de “virtude vocacional intramundana”, como os protestantes ascéticos; ou aqueles de “cumprimento formal da lei”, como os judeus farisaicos; ou os de “bondade acósmica”, como São Francisco; todos tem que provar para si mesmos sua espiritualidade de virtuoso diante da tentação do mundo, conclui Weber.<sup>30</sup>

### 1.5 Clausura como possibilidade de agencia

Miriam Pillar Grossi ao pesquisar em Santa Catarina sobre a vocação religiosa feminina e constatando o ressurgimento dessas vocações justamente neste estado, observou como as freiras devem passar por rituais de iniciação para que se tornem dignas e capazes de pertencerem as suas comunidades religiosas. No entendimento da autora, a candidata e futuro membro do grupo “deve abandonar sua identidade construída dentro da comunidade de origem, adotando o modelo seguido pelas outras pessoas do grupo”, isso ocorrendo com todas

<sup>28</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos de uma sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 2014, p. 365.

<sup>29</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos de uma sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 2014, p. 367.

<sup>30</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos de uma sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 2014, p. 364.

as integrantes que compõem o grupo de freiras. Mesmo assim, mais adiante no seu texto, Grossi comenta sobre as meninas “desviantes” que seriam aquelas que acabam por não seguir as regras mais importantes e valorizadas para uma vida de freira, como a obediência e o trabalho, por exemplo, uma vez que a pesquisadora está analisando as religiosas de “vida ativa”.<sup>31</sup> Esse relato de Grossi pode ser considerado semelhante ao que ocorre com as irmãs de clausura, que também passam por rituais de admissão onde promessas fundamentais são afirmadas e reafirmadas. Se considerarmos, porém, as falas das próprias irmãs encarregadas da formação das novas irmãs, problemas também podem surgir durante este período e até mesmo depois, quando a religiosa parecia já estar integrada ao grupo e, quando isso ocorre, existe todo um processo e protocolo deve ser seguido.

Assim, conforme relatou uma das irmãs formadoras no mosteiro das Clarissas, quando perguntada se existem penalidades ao surgirem problemas com as candidatas ou vocacionadas:

Não. Se uma irmã, está previsto nas constituições, se desvia do espírito da Ordem, se ela seguiu, por exemplo, uma doutrina errônea, se ela cometeu qualquer outra coisa, tudo assim coisas bruscas, uma pessoa que desobedece formalmente, então se faz um processo que é até evangélico, se dá um aviso para a pessoa, que ela tem que mudar, vê com duas irmãs, aí é a testemunha. Se não muda, então vai a comunidade toda, se não muda vai um processo todo devidamente elaborado com todos os avisos e tal e vai para Roma. Aí essa pessoa é demitida”

As declarações logo acima, por um lado, reforçam a questão da nova identidade apontada por Grossi, mas por outro mostram que existem dúvidas e que nem sempre uma decisão de tomar os votos é assim tão definitiva, tranquila e que simplesmente a pessoa vai cumprindo etapas até tornar-se freira para sempre. Existem possíveis desacomodações e inquietações que podem levar a redecidir o que já parecia decidido e certo, até porque as vezes as próprias religiosas pedem seu desligamento da casa ou da profissão. Da mesma maneira, podemos pensar sobre um outro depoimento de uma das irmãs quando diz, em referência ao mosteiro, que “somos totalmente autônomas, devemos obediência ao Provincial não pelo voto, mas pelo respeito, mas ele não manda na nossa casa”, numa afirmativa que pode parecer

---

<sup>31</sup> GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de freira: estudo antropológico sobre vocação religiosa feminina. *Cad.Pesq.*, São Paulo, n. 73, p. 48-58, maio 1990, p. 53.

um tanto contraditória no que diz respeito a possibilidade de realmente existir este espaço para decisões que extrapolem o poder das restrições impostas.

Segundo Anthony Giddens (1938), esta questão da restrição social que as sociedades exercem sobre as ações dos atores sociais é do interesse de vários sociólogos e, inclusive, de Émile Durkheim que “defendia que a sociedade tem primazia sobre o ser individual”. Os críticos a tal opinião, principalmente os sociólogos influenciados pelo interacionismo simbólico, afirmam que “os fenômenos sociais são precisamente diferentes das ‘coisas’, mas dependem dos significados simbólicos que emprestamos ao que fazemos; não somos as *criaturas* da sociedade, mas os *criadores* desta.” Segundo Giddens, nesse debate que extrapola o campo da sociologia, é possível reconhecer que em alguns aspectos, o ponto de vista de Durkheim se mostra correto uma vez que as instituições sociais precedem a existência dos indivíduos e exercem restrições sobre eles.<sup>32</sup> Dessa maneira, o próprio Durkheim entende que “as crenças e as práticas da sua vida religiosa, o fiel também as encontrou inteiramente prontas ao nascer; se elas existiam antes dele, é que existem fora dele”.<sup>33</sup>

No entanto, assegura Giddens, mesmo que os “fatos sociais” possam restringir nossas ações “eles não determinam o que fazemos”, pois, como seres humanos, somos capazes de fazer escolhas.<sup>34</sup> O autor, então, estabelece que “o caminho para preencher a lacuna entre as abordagens da ‘estrutura’ e da ‘ação’ é o do reconhecimento de que temos um papel ativo na construção e na reconstrução da estrutura social no decorrer de nossas atividades cotidianas”, ou seja, é possível uma “estruturção”.<sup>35</sup> Por suposto, embora o autor não esteja falando exatamente nas freiras, poderíamos buscar como exemplo, o cumprimento dos horários estabelecidos para os mosteiros que, apesar de rígidos, em determinadas circunstâncias podem não ser tão rígidos assim, da observação de alguns capítulos das regras que regem cada mosteiro, que hoje se mostram impossíveis de serem cumpridos com tanto rigor e que são adaptados, de alguma forma, aos tempos atuais, embora decorrentes daquela mesma estrutura ordenada.

## 1.6 Clausura como instituição total

Erving Goffman (1922-1982) é um sociólogo interessado em perspectivas que possibilitem estudar a vida social mais organizada dentro de limites físicos como um prédio,

<sup>32</sup> GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: ARTMED, 2011, p. 530-531.

<sup>33</sup> DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 2.

<sup>34</sup> GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: ARTMED, 2011, p. 531.

<sup>35</sup> GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: ARTMED, 2011, p. 531-532.

por exemplo, e que poderíamos transpor, sem muitas dificuldades para os mosteiros aqui estudados, principalmente quando trabalha o conceito de “instituição total”. A metodologia utilizada por Goffman desenvolveu esse conceito a partir das observações de campo em diversas enfermarias e diretamente no mundo do internado hospitalar, ao passar dias com os pacientes e evitando contatos com as equipes médicas, porque a intenção justamente era entrar no mundo daqueles e não destes.<sup>36</sup>

Segundo Goffman, qualquer mosteiro poderia ser visto como uma “instituição total” justamente por se mostrar este “local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por um considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada”.<sup>37</sup> O autor alerta que tais instituições onde ocorrem atividades de determinado tipo, embora todas possam ser consideradas fechadas, algumas podem ser consideradas muito mais fechadas do que outras, sendo esse fechamento ou seu caráter total “simbolizado pela barreira social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico, como portas fechadas e paredes altas”, por exemplo.<sup>38</sup>

De acordo com a definição acima, Goffman então classifica essas instituições em cinco agrupamentos que permitem utilizar o “método de tipos ideais, através do estabelecimento de aspectos comuns, com a esperança de posteriormente esclarecer diferenças significativas”.<sup>39</sup> No primeiro dos cinco agrupamentos, podemos ter como exemplo as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes, cujo objetivo é cuidar de pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas. No segundo caso estariam os locais que visam cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que, além disso, são julgadas como uma ameaça à comunidade, embora de maneira não-intencional como os hospitais para doentes mentais, por exemplo. Um terceiro tipo seria aquele organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais, cujo bem-estar das pessoas assim isoladas não constituiria preocupação imediata como é o caso das cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração. Em quarto lugar, as instituições que se preocupam em realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, justificando-se apenas por tais fundamentos instrumentais como quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões. Por fim, o quinto agrupamento ficaria por conta dos

---

<sup>36</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 8.

<sup>37</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 11.

<sup>38</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 16.

<sup>39</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p.17.

estabelecimentos de refúgio do mundo, assim como, em alguns casos, igualmente locais de instrução para os religiosos como abadias, mosteiros, conventos e outros claustros.<sup>40</sup> Os nossos mosteiros pesquisados estariam incluídos, segundo o autor, no quinto agrupamento.

Para Goffman, portanto, diferentemente da sociedade moderna, onde o “indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral”, teríamos esses lugares onde todos realizam aspectos diferentes de suas vidas no mesmo local e diante de uma única autoridade, são obrigados a fazer as mesmas coisas em conjunto, as atividades são realizadas em horários rigorosos e numa sequencia pré-estabelecida e imposta por regras explícitas. Goffman chega a falar na “instituição total” como estufas para mudar pessoas, um experimento de mutilação do próprio eu.<sup>41</sup>

Nesse sentido, não é difícil perceber como a vida nos mosteiros é vivida em um mesmo local, sob a vigilância de uma autoridade e num espaço bastante restrito. Esse cenário tende a impossibilitar qualquer tipo de “esconderijo”, ao contrário do mundo externo, que possa abrigar ou atenuar prováveis conflitos ou sentimentos de fracasso decorrentes da vontade e da necessidade de corresponder as expectativas do grupo e ser aceita na comunidade. Tal como muitos de nós, que também estamos sujeitos ao constante julgamento e aprovação das hierarquias de trabalho e dos grupos aos quais pertencemos ou estamos querendo pertencer, também as freiras estão sujeitas a uma série de exigências e controles, um modo de vida disciplinador e vigilante. Além do que, a construção, por etapas, dessa nova “identidade de freira”, como veremos mais adiante, por outro lado, tende a proporcionar um ambiente “harmônico e de felicidade”, baseado numa rotina sem grandes sobressaltos ou novidades, onde no entender de muitas dessas religiosas, não é preciso grandes transformações ou reflexões, nem mesmo nos papéis que desempenham dentro da instituição.

## 2 MULHERES E CLAUSURAS AO LONGO DA HISTÓRIA

*La perfecta casada no solo ha de cuidar de abastecer su casa y conservar lo que el marido adquiere, sino que ha de adelantar tambien la hacienda. Importa que las mujeres no hablen mucho y que sean apacibles y de condicion suave. No han de ser las buenas mujeres callejeras, visitadoras y vagabundas, sino que han de amar mucho el retiro y se han de acostumbrar a estarse en casa.*

Fray Luis de Leon, *La perfecta casada*.

<sup>40</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 15-17.

<sup>41</sup> GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 17-22.

Ah, mas o que é “ela mesma”? Quer dizer, o que é uma mulher? Juro que não sei. E duvido que vocês saibam. Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas às capacidades humanas.

Virginia Woolf, *Profissões para as mulheres e outros artigos feministas*.

Este capítulo tem o objetivo de, em breves pinceladas, partilhar algumas ideias sobre os primórdios da Clausura Religiosa Feminina e, principalmente, de como as mulheres religiosas ou não, eram vistas e tratadas, desde o Brasil Colônia, a partir de alguns autores que se dedicaram a pesquisar os referidos temas. Sabemos que os mosteiros e recolhimentos nas suas múltiplas funções serviram muitas vezes como verdadeiras prisões para essas mulheres, embora noutras ocasiões tenham se mostrado como os lugares mais seguros para suas trajetórias e exercício da intelectualidade, num tempo em que não dispunham quase de espaços e condições adequadas para refletir, ler, estudar, escrever e desenvolver outras potencialidades, fora o destino e a obrigação social de se adaptar ao papel de mãe e esposa, de “uma perfeita casada”, como queria Fray Luis de Leon, no século XVI, como podemos verificar na citação logo acima. Vendo assim, as fronteiras entre o secular e as clausuras religiosas para as mulheres surgem tão porosas e flexíveis, segundo os interesses da sociedade e, principalmente, da família de homens a qual essas mulheres pertencem.

## 2.1 Das Origens

Os três mosteiros aqui estudados e que pertencem a três ordens diferentes, tiveram sua origem a partir da Idade Média, um tempo que, no entender de Jacques Le Goff, foi, no Ocidente, principalmente religioso e clerical.<sup>42</sup> Nesse sentido, conforme o historiador, o primeiro movimento que surgiu foi o de *fuga mundi*, um movimento de renúncia às coisas do mundo através do eremitismo que pode ser constatado a partir do século IV, tendo como exemplo o Egito, no Oriente, além das *Vitae Patrum*, as vidas dos Padres do deserto. O desprezo do mundo, *contempus mundi*, continua Le Goff, foi “um dos grandes temas da mentalidade medieval, não sendo apenas apanágio de místicos e teólogos”, mas também de poetas. O autor reconhece que os eremitas e, assim desde o Egito, deram origem a duas correntes “uma, baseada na solidão individual, representada por Santo Antonio, e outra, da solidão comunitária nos mosteiros, corrente cenobítica, representada por São Pacômio”, onde

---

<sup>42</sup> LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 179.

o Ocidente medieval embora conhecendo as duas tendências, apenas a primeira, aquela baseada na solidão individual, se tornou verdadeiramente popular.<sup>43</sup>

Compreender tais mentalidades, conclui Le Goff, é levar em conta que a obsessão da salvação e o medo do inferno estavam na base das crenças e do pensamento desses homens e mulheres do medievo, o que seria capaz de levar a todo tipo de despojamento de poder e riqueza, quando até mesmo aqueles mais ávidos por bens terrestres acabavam sempre por desprezar o mundo e onde “esse traço de mentalidade, que contraria a acumulação de fortunas, contribui para afastar os homens da Idade Média das condições materiais e psicológicas do capitalismo”.<sup>44</sup>

Por outro lado, continua Le Goff, é um tempo onde Deus é capaz de fazer milagres, atos divinos que desafiam a natureza e o “maravilhoso”, definido como o surpreendente e incompreensível, uma categoria que não parou de se estender e que introduzia no terrestre e no humano, belezas decorrentes dessas mentalidades e crenças de certa forma roubadas de Deus pela indústria dos homens, onde esse maravilhoso, de acordo com *Otia imperialia*, livro escrito pelo imperador Otton IV, aparecia sob a forma de três edifícios, ou seja, três formas de poder e arquitetura que dominavam a sociedade medieval: “o primeiro é Deus e seus sacerdotes, e a maravilha é a Catedral; o segundo é o senhor feudal, e a maravilha é o castelo medieval; o terceiro é a sociedade monástica, e a maravilha é o claustro”; todos sendo espaços cerrados que lembram o jardim fechado e o paraíso.<sup>45</sup>

Com relação às mulheres, no entanto, Leila Algranti entende no que tange as mais diversas formas de devoção, que assim como os homens, desde o início do cristianismo, muitas delas aceitaram consagrar suas vidas à Cristo, à oração e ao serviço ao próximo. Dessa forma, já durante o Império Romano, Algranti lembra das “virgens consagradas que viveram isoladas em comunidades ou em suas próprias casas”, onde muitas eram viúvas que, renunciando a um novo casamento optavam “por uma vida ascética e distinguindo-se das demais mulheres pelo traje especial que usavam”, que antes de exercerem uma vida religiosa comunitária, continuavam vivendo com os familiares, só que em total reclusão, onde já no século III e IV, há indícios de comunidades femininas vivendo em proximidade, embora separadas dos grupos de ascetas masculinos.<sup>46</sup>

<sup>43</sup> LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 179-180.

<sup>44</sup> LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p. 182-183.

<sup>45</sup> LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 20-21.

<sup>46</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p.36.

Assim como Le Goff, Algranti reconhece as diversas formas de solidão individual e comunitária, inicialmente representadas por Santo Antonio e São Pacômio, hoje assim considerados como os pais do monaquismo, mas que não devem excluir o fato de que, uma vez retirados para o deserto do Egito, naquela mesma época, suas respectivas “irmãs puderam ingressar em comunidades femininas já existentes”, momento imediato em que se estabeleciam as diferenças entre virgens consagradas e as de vida comunitária, que renunciavam ao mundo e à família, dedicando-se inteiramente às orações e ao trabalho. Nesse sentido, continua a autora, a virgindade, enunciada como símbolo da pureza do corpo e da alma e o distanciamento dos assuntos mundanos assumiram papel de destaque na vida dessas mulheres.<sup>47</sup> A historiadora Yvonne Knibiehler buscou definir o termo através dos tempos e discutir a politização do corpo feminino na visão dos três monoteísmos, desde o apogeu deste estado feminino até a sua dessacralização em tempos modernos. Numa certa altura, onde sustenta que o cristianismo é revolucionário, Knibiehler declara seu estranhamento por Cristo “se dirigir às mulheres como se elas fossem homens”:

Em relação à virgindade, o cristianismo é duplamente revolucionário: de um lado, a transfigura conferindo-lhe um valor eminente, de ordem moral a espiritual; de outro, declara que ela é preciosa tanto para homens quanto para mulheres. Jesus Cristo, modelo por excelência, jamais teve vida conjugal ou procriou. Ele convidou seus discípulos (que eram casados, à exceção de João, muito jovem) a deixar tudo para segui-lo. O mais estranho é que se dirigia às mulheres como se elas fossem homens: a que “escolhe a melhor parte” não é a que serve a um marido, se torna mãe e tem uma família, é “a que ouve a palavra de Deus e a guarda”.<sup>48</sup>

Elisabeth Gossmann (nascida em 1928, filósofa e teóloga alemã) chega a falar sobre uma convivência fraterna entre casais de ascetas que mais tarde se transformou nos mosteiros gêmeos. Porém, segundo Gossmann, no decorrer do tempo essa atitude que seria de abertura, cederia, aos poucos, lugar a uma ascese do medo, com a Igreja insistindo numa separação rígida entre homens e mulheres. Gossmann declara, então, que “o deserto foi substituído pela *clausura*, que deu nome aos ‘claustros’ ou conventos”, tendo início “então um tratamento extremamente desigual entre homens e mulheres, que acabou por ficar estabelecido no direito

---

<sup>47</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p.37.

<sup>48</sup> KNIBIEHLER, Yvonne. *História da virgindade*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 67.



canônico da igreja católica romana”;<sup>49</sup> rígidas leis de clausura feminina foram instituídas com mais rigor em 1298 pelo papa Bonifácio VIII<sup>50</sup> e confirmadas pelo Concílio de Trento<sup>51</sup> de 1563, sendo que até hoje os conventos femininos são considerados dependentes juridicamente dos homens.<sup>52</sup> Michel Parisse, por sua vez, acrescenta a essas rígidas exigências em relação a religiosidade e importância dessas mulheres, ao longo do tempo, o fato das religiosas da Idade Média serem bem menos conhecidas do que os monges. Salienta este autor que, além de ocuparem um lugar bastante reduzido na história ainda são encontradas mais ligadas ao folclore medieval como aquela “irmãzinha dos romances em versos” em seus eternos e doces sorrisos, esquecendo até mesmo como formaram naquela época um “grupo social muito rico e variado”.<sup>53</sup>

Leila Algranti, embora não discorde da maioria das posições acima, quando busca compreender os primórdios da clausura feminina, ressalta que a vida religiosa feminina caminhou junto com as ordens masculinas que tiveram ao seu lado mulheres que estenderam seus ensinamentos às mulheres, através da prática de ideais inicialmente previstos apenas para os homens. Algranti cita como exemplo, Clara de Assis, fundadora do ramo feminino da Ordem Franciscana e que teria lutado contra a imposição papal de enclausuramento e Santa Escolástica que teria fundado o ramo feminino das beneditinas. Alerta, ainda, que todas essas

---

<sup>49</sup> GOSSMANN, Elisabeth (coord.). et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 356.

<sup>50</sup> Bonifácio VIII, papa de 1294 a 1303, cuja política de supremacia se chocou com a de Felipe IV, o Belo, rei da França. FRAGA, Susana (coord.). *Papas*. Fubu Editores, S.A.: Porto, 2005, p. 388. Emitiu leis rígidas e universais de clausura feminina através da Constituição *Periculosa* de 1298, dirigida “ao presente e futuro de qualquer congregação e ordem, em qualquer lugar no mundo”. Disponível em: < <https://claradiassisi.jimdo.com> > acesso em 31.08.2017.

<sup>51</sup> Conforme o cap. V do Concílio de Trento, intitulado “providências sobre a clausura e custódia das monjas”, que diz renovar a constituição de Bonifácio VIII, determina que os bispos procurem com o maior cuidado restaurar minuciosamente a clausura das monjas que estiverem avariadas. Salienta que “não será lícito a qualquer monja, que saia de seu mosteiro, depois da profissão de fé, nem mesmo por pouco tempo, com qualquer pretexto” a não ser com aprovação do bispo e por uma causa legítima. Diz ainda que “não será lícito a qualquer pessoa, de qualquer linhagem, sexo, ou idade, adentrar aos claustros do mosteiro, sob pena de excomunhão, se não tiver licença por escrito do Bispo ou superior”. Como os mosteiros “de monjas estabelecidos fora do povoado, estão expostos, muitas vezes por necessitar de muita custódia, a roubos e outros insultos de homens facínoras, cuidem os Bispos e outros superiores, se lhes parecer conveniente, de que sejam transladadas as monjas para outros mosteiros novos ou antigos, que estejam dentro das cidades ou lugares bem povoados”. Já no capítulo XVII o Concílio diz que deve ser tomado o “devido cuidado com a profissão de fé das virgens que queiram se consagrar a Deus, estabelece e decreta que se a donzela, com idade maior de doze anos, queira tomar o hábito religioso, somente o poderá fazer depois dessa idade, e com o expresso consentimento do Bispo”, cuja “permissão apenas poderá ser efetivada” após “um rigoroso exame da vontade da donzela, inquirindo inclusive se tenha sido violentada ou seduzida”. Disponível em < <http://agnusdei> > acesso em 29.08.2017.

<sup>52</sup> GOSSMANN, Elisabeth (coord.). et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 356-357.

<sup>53</sup> PARISSÉ, Michel. As freiras. In: BERLIOZ, Jacques (apresentação). *Monges e Religiosas na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1996, p. 185.

ordens femininas foram guiadas por homens: bispos, provinciais ou mesmo um abade nos conventos mistos. A autora narra, então, que por volta dos séculos XI a XIII, a prática de clausura estava plenamente estabelecida e, juntamente com os homens, as mulheres participavam da renovação e da criação de mosteiros ligados às novas e antigas ordens, mas sempre diante daqueles legisladores (homens) da vida religiosa comunitária das mulheres que reforçavam e insistiam na importância da clausura. Salienta que, diferente dos homens, a reclusão total foi muito exigida das mulheres chegando ao ponto de limitar a própria independência de muitas comunidades, além do que devido a tais estruturas específicas e diante da necessidade de contatos necessários e constantes com o mundo exterior, seja em termos de administração ou mesmo de subsistência, essas comunidades femininas acabavam atreladas aos serviços de um administrador ou procurador, sem contar a dependência do serviço espiritual, uma vez que confissão, missas e ministrar sacramentos ficava reservado exclusivamente aos religiosos homens. Esse excesso de reclusão, portanto, conclui Algranti, resultou em problemas sérios para a manutenção das casas, ocasionando, muitas vezes, sua própria ruína.<sup>54</sup>

De qualquer maneira, continua Algranti, o fenômeno do enclausuramento dessas religiosas passou a ser considerado parte integrante da vida monástica, uma experiência exigindo um espaço adequado para orações e protegido das distrações do mundo, fisicamente constituído por uma barreira de altas muralhas que deveria dificultar a entrada de pessoas estranhas e que, psicologicamente, deveria proteger a “castidade das noivas de Cristo”.

A autora reconhece que dificilmente funcionaria da mesma maneira se esse modo de vida tentasse se estabelecer no século (ou seja, na vida civil, não religiosa) e que, todo esse esforço em conservar a virtude e a castidade feminina atrás dessas altas muralhas, acabou por mantê-las afastadas do contato com o mundo e com a vida pública, o que ainda serviu para acentuar a diferença entre os sexos, também, na religião. Portanto, deduz Algranti, “reclusão feminina e dominação masculina caminham de mãos dadas”, uma vez que esta clausura imposta às mulheres estava mais relacionada à condição feminina do que à devoção, já que é possível constatar a presença de leigas tanto nos conventos medievais como da Época Moderna. Algranti sustenta que nestes locais existem registros de mulheres solteiras, viúvas, casadas, crianças, jovens e idosas, sendo que muitas ali estavam contra a vontade ou em busca de asilo e proteção. Dessa maneira, a autora conta que no Brasil Colônia, reclusas em suas

---

<sup>54</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p. 39.

próprias casas ou em pequenos estabelecimentos, essas religiosas iniciavam sua “vida de fé” guiadas por suas visões e premonições e abdicando do mundo, onde, junto a tal contexto, a noção do despojamento material e das influências nefastas do mundo externo era fundamental para a possibilidade de “alcançar Deus”, pensamento que se encontra enraizado no universo cristão principalmente do século XVIII.<sup>55</sup>

De acordo com a autora, é preciso entender que na vida e nos compêndios morais do século XVI ao XVIII, bem como na documentação do Brasil Colônia, a noção de honra baseada na sobriedade e castidade era explorada extensamente, sendo honra ou virtude termos equivalentes que expressavam um comportamento feminino em relação à conduta sexual.<sup>56</sup> Certos procedimentos similares, no entanto, não desapareceram com o século XVIII e podem ser encontrados, até mesmo por escrito, na nossa época e bem perto de nós. Tempos atrás, pesquisando num jornal católico em Pelotas (uma pesquisa sobre um dos pintores da Catedral daquela cidade), encontrei uma indagação sobre se seria considerada falta grave uma moça andar sozinha na rua com um rapaz. Em resposta, o jornal dizia que “prevendo-se que pode haver uma ocasião próxima de pecado, é falta grave”. Assim “se o rapaz é pessoa séria e se comporta bem” (“coisa rara!” - alertava o jornal) não haveria falta grave, mas “se acontecer de haver imprudência e leviandade, com isso se prepara caminho para futuras fraquezas para não dizer quedas. Além disso quanto não perde uma moça em sua reputação?”<sup>57</sup> Pelo dito, parece caber apenas ao homem a possibilidade de atacar ou não uma mulher, mas, se ele resolver atacá-la, ela é quem perde a honra, não havendo nenhuma espécie de advertência em relação a perda de reputação e honra também do rapaz, o suposto atacante.<sup>58</sup>

No que tange a Algranti, porém, a autora continua salientando que o enclausuramento feminino representava mais do que a sua simples marginalização, falta de opções ou alienação da vida social e cultural, assegurando que estava ligado, embora não unicamente, às mentalidades, crenças e medos reais e imaginários de uma época, uma vez que os claustros coloniais se transformaram num espaço de múltiplas experiências, onde as mulheres realizavam sua história não apenas inseridas em contextos familiares.<sup>59</sup> Esta instituição

<sup>55</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p.40-42.

<sup>56</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p.111.

<sup>57</sup> Conforme *A Palavra*. Administração no Bispado – Pelotas- Rio Gr. do Sul – Brasil. 05.03.1948, p. 1.

<sup>58</sup> Jornal “A Palavra”. Administração no Bispado – Pelotas – Rio Gr. do Sul – Brasil. 24.02.1950, p. 2.

<sup>59</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos*

claustral multifacetada, conclui a autora, um misto de casa de correção, asilo e práticas devotas é próprio da época e da “indefinição da sociedade frente às representações do feminino: anjos ou feiticeiras, Evas ou Marias, as mulheres povoavam o imaginário masculino e assumiam a responsabilidade, a partir de seus atos, pela honra da família”.<sup>60</sup>

## 2.2 Evas e Marias

Há muitas maneiras de olhar para esse importante e significativo par de opostos. A partir da teologia, segundo Clodovis Boff, na antiguidade duas figuras mostram como a sexualidade estava estreitamente ligada à religião. Essas figuras polares eram a prostituta sagrada e a virgem, as duas surgindo como mulheres sem marido e, justamente por isso, sendo chamadas de virgens. Na Antiguidade clássica, portanto, toda mulher sem marido, fosse ela amante, prostituta, cortesã sagrada ou as próprias amazonas, eram virgens, não bem uma conotação ética, mas apenas antropológico-social, conclui Boff, dizendo que “com a palavra ‘virgem’ se afirma simplesmente a autonomia sexual de uma mulher, sua liberdade de aceitar ou de recusar um eventual parceiro”.<sup>61</sup>

Conforme o pensamento de Catharina Halkes, católica e feminista, a oposição Eva/Maria, no entanto, tão conhecida, proclamada e pregada às mulheres, acabou por exercer um efeito negativo sobre a auto-imagem feminina, ao contrastar Eva como aquela que seduz ao pecado e principalmente o pecado de origem sexual, à Maria, aquela que é “santíssima, sem pecado, virgem e mãe, e assim, se tudo for tomado ao pé da letra, ela é um modelo impossível”.<sup>62</sup> Por outro lado, Halkes acentua que, segundo determinado ponto de vista, além de Maria, uma mulher ser o único ser humano solicitado por Deus a cooperar na encarnação, nela parece não haver nenhum traço de subjugação, uma vez que seu *fiat* (significando o faça-se ou um sim) não tem nada de amorfo ou de submissão ou de dependência, mas muito mais do ouvir atento, do refletir autônomo e do responder consciente. Tanto que, depois do *fiat*,

---

*conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p.324.

<sup>60</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993, p.321.

<sup>61</sup> BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 489.

<sup>62</sup> HALKES, Catharina J. M. *Maria*. In: GOSSMANN, Elisabeth (coord.). et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 277.

Maria novamente não fica passiva e “põe-se a caminho apressadamente para a casa de Isabel, sua parenta, que também está grávida de uma figura profética da história da salvação”.<sup>63</sup>

Das mais diversas formas, escreve Michelle Perrot, sabemos que “entre as religiões e as mulheres, as relações têm sido, sempre e em toda parte, ambivalentes e paradoxais. Isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres”. Poder sobre as mulheres, explica a autora, porque a hierarquia do masculino e feminino é dada como uma ordem de uma natureza criada por Deus, embora sujeita a controvérsias e revisões. Assim como o relato bíblico da criação de Adão e Eva que na versão original, segundo a autora, determinava que o homem e a mulher teriam sido criados ao mesmo tempo (“Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus os criou, macho e fêmea ele os criou”, Gênesis, 1, 27) e, numa versão ulterior (“então o Senhor Deus fez cair um sono profundo sobre o ser humano e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. Depois, da costela tirada do ser humano, o Senhor Deus formou a mulher e apresentou-a ao ser humano”, Gênesis 2, 21-22), declarava que teriam sido criados um depois do outro.

Neste último caso, conforme Perrot, a mulher seria considerada como “segunda ou derivada, ‘vinda de um osso sobressalente’, como lembra Bossuet para incitá-las à humildade e tendo a Igreja Católica adotado essa segunda versão”, fruto de um catolicismo “em princípio, clerical e macho, à imagem da sociedade do seu tempo”. A autora lembra, ainda, que somente os homens podem ter acesso ao sacerdócio, ao latim, ao poder e ao saber, embora tenham deixado “uma escapatória para as mulheres pecadoras que foi a prece, o convento das virgens consagradas e a santidade”, além do “prestígio crescente da Virgem Maria, antídoto de Eva”. De tudo isso, as mulheres fizeram, então, a base de um contra-poder e os conventos foram, então, além de “lugares de abandono e confinamento”, também lugares de “refúgio contra o poder masculino e familiar, lugares de apropriação do saber e mesmo de criação”, conclui Perrot.<sup>64</sup>

Tania Quintaneiro percebe essa mesma época, a partir da leitura de relatos iniciais de viajantes que se aventuravam na América, desde o século XVII, onde a própria distribuição do espaço do lar brasileiro deixava claro o poder masculino na sociedade, lares nos quais as mulheres, junto com as crianças e os criados ocupavam as peças dos fundos, praticamente sem ventilação, longe das varandas e das salas de visitas e de jantar.

<sup>63</sup> HALKES, Catharina J. M. *Maria*. In: GOSSMANN, Elisabeth (coord.). et al. Dicionário de Teologia Feminista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 280.

<sup>64</sup> PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83-84.

Quintaneiro fala de como “um prolongamento desses ‘claustros’ domésticos, os recolhimentos atendiam às necessidades de dar abrigo às mulheres que, devido a circunstâncias várias, encontravam-se fora de suas casas”, tendo ali, naqueles locais, a suposta segurança dos conventos sem necessitar fazer votos ou sujeitar-se a ficar naquele lugar para sempre.<sup>65</sup> Junte-se a isso, salienta a autora, o fato de que encarcerar mulheres era costumeiro entre os homens pais e maridos que necessitassem se afastar da cidade por qualquer motivo, ou quando houvesse desconfiança quanto a sua honra (da mulher, é claro). A “guarda de senhoritas e senhoras era, portanto, a principal utilidade declarada desses lugares até meados do século XIX”, declara Quintaneiro, acrescentando, inclusive, que uma visitante teria registrado como normal o costume de obter um recibo do mosteiro referente a esposa que ali era deixada, o qual seria devolvido quando da sua retirada da casa, ou seja, quando o marido fosse buscá-la de volta.<sup>66</sup>

Dessa maneira, durante a primeira metade do século XIX, de acordo com Quintaneiro, era cena comum as mulheres serem vistas apenas em duas ocasiões: “de manhã muito cedo ou à noite” e assim mesmo cobertas por capas negras “indo e voltando da missa ou da confissão, com algum criado e com os filhos ou, nos domingos e feriados religiosos, acompanhadas por todos os membros da família” e pelos escravos.<sup>67</sup> Quando a presença dessas mulheres na rua começou a ser um pouco mais liberada, a autora adverte que tal presença chegou a ser vista por alguns “como uma revolução no comportamento social e um indício de que surgia uma nova mulher”.<sup>68</sup>

Como consequência dessas mentalidades e contexto da colônia, Quintaneiro acredita que a vida da grande maioria dessas mulheres passou a ser regulada por uma passagem quase súbita da infância para a maternidade, uma vez que costumavam casar-se por volta dos quinze anos de idade e a procriação era o objetivo fundamental, o que propiciava um cálculo aproximado de vinte anos de reprodução, sendo capazes de gerar, então, no mínimo uns dez filhos vivos. A pesquisadora constatou que o culto a maternidade ainda era praticamente generalizado e fazia parte de debates, publicações científicas e sermões de padres que insistiam “sobre as alegrias que a maternidade reservava às mulheres e na importância do

---

<sup>65</sup> QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: a brasileira vista por viajeros ingleses e norte-americanos durante o século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 59.

<sup>66</sup> QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: a brasileira vista por viajeros ingleses e norte-americanos durante o século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 60.

<sup>67</sup> QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: a brasileira vista por viajeros ingleses e norte-americanos durante o século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 70.

cumprimento dos deveres femininos”. Escreve que havia casos extremos, mas nem por isso menos raros, como o de uma mulher que “casada aos dez anos, já era mãe antes de ter completado onze e, até a idade de quarenta e cinco anos, tivera nada menos do que vinte e cinco partos, dez dos quais mal sucedidos”. Georges Duby, embora se dirigindo mais especificamente ao século XII, conclui que foi possível conhecer muito mais sobre os homens e sobre o olhar deles sobre as mulheres e quase nada sobre o que essas mulheres sentiam ou pensavam. “Eva os atraía, Eva os amedrontava, eles se afastavam prudentemente das mulheres, ou então as maltratavam, zombavam delas, entrincheirados na certeza teimosa de sua superioridade natural”.<sup>69</sup>

### **2.3 Mulheres no convento: nem sempre permitido**

A socióloga Maria José Rosado Nunes observa que enquanto a maioria das mulheres era considerada como do lar, as freiras, já no final do século XIX, afora as mulheres pobres, foram as primeiras a exercer uma profissão, embora “devido ao lugar que ocupam na instituição eclesial católica, são os homens que ditam as normas e regras de vida das religiosas” e isso com maior rigidez praticamente até Concílio Vaticano II, com raras exceções, embora as religiosas nunca tenham sido tão passivas como possa parecer num primeiro momento, nem constituído apenas um grande grupo homogêneo. Da mesma maneira, de acordo com Rosado, sabemos que nos primeiros séculos do Brasil colonial, não era tão simples entrar para um convento assim como seria, por exemplo, para as mulheres da colônia espanhola. Por uma série de motivos, ressalta a socióloga, havia uma notável diferença entre as colônias portuguesas e espanholas, tendo o primeiro convento de mulheres na Colônia surgido apenas em 1677.<sup>70</sup>

Rosado aponta que além dos motivos econômicos de Portugal para restringir a fundação de conventos femininos, estava a questão da política populacional, isto é, enquanto a Espanha desenvolvia uma política de povoamento, a Metrópole portuguesa desenvolvia uma política de exploração de recursos naturais. Quando o despovoamento passou a ser um problema, relata a pesquisadora, a “escassez de mulheres brancas foi apresentada como um obstáculo para a construção de conventos femininos e a solução de ir para um convento em

---

<sup>68</sup> QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de mulher: a brasileira vista por viajeros ingleses e norte-americanos durante o século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 86.

<sup>69</sup> DUBY, Georges. *Eva e os Padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 168.

Portugal tornou-se inviável”, havendo, ainda, a preocupação com o processo de mestiçagem, uma vez que o concubinato com as negras e índias era comum na Colônia, contrariando os projetos da Coroa. “Essas restrições à constituição de conventos femininos foram contornadas, em parte, pela criação de “recolhimentos”, ou seja “casas de reclusão para mulheres que poderiam, mais tarde, transformar-se em conventos, mas que não eram estabelecidas canonicamente” e não tinham a obrigatoriedade dos votos. Dessa forma, complementa a socióloga, “o primeiro recolhimento erigido pela ação de uma mulher de que se tem notícia data de 1576. Trata-se da Ordem Terceira Franciscana, dirigida por irmã Maria Rosa, em Olinda”.<sup>71</sup>

Rosado esclarece que, no Brasil, conventos e recolhimentos apresentavam diferenças de classe e raça, uma vez que a exigência da pureza de sangue para ingresso no convento “significava sua interdição para mestiças e para filhas de judeus, os chamados cristãos novos”, tendo sido mesmo para as mulheres brancas das classes altas “um espaço contraditório”, no sentido de funcionar também como reguladores de casamentos, quando houvesse a dificuldade de um pai de casar “bem” todas as filhas, por exemplo. A solução, segundo Rosado, era encerrar as que não conseguissem um bom casamento, colaborando para aumentar a história de mulheres enclausuradas contra sua própria vontade, procedimento este que, além disso, pretendia resolver o problema de mulheres tidas socialmente como “desviantes”, assim chamadas por tentar escapar ao controle dos homens da família e dos maridos. Mas, por vezes, complementa Rosado, as mulheres se valiam dos conventos e recolhimentos justamente “para escapar de um casamento não desejado, para viver seu desejo de viver piedosamente”; onde algumas “uma vez refugiadas nos claustros, pediram o divórcio de seus maridos que as maltratavam fisicamente ou dissipavam sua herança”.<sup>72</sup>

Quando as normas provenientes do Concílio de Trento (1545-1563) acabaram por centralizar nos sacramentos, pondera Rosado, tornaram a figura do padre indispensável, reafirmando como decorrência do contexto, um estatuto ainda mais subordinado para as religiosas, embora nem todas tenham se submetido tão facilmente. Em consequência, é comum ver essas mulheres atuando no campo da educação, por exemplo, ao mesmo tempo em que durante o século XIX, ao lado do modelo de clausura, aparecem as congregações

---

<sup>70</sup> NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 482-483.

<sup>71</sup> NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 484-485.

<sup>72</sup> NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 488-490.



femininas de vida ativa. Contribuiu para tanto, esclarece a socióloga, a situação de uma Europa hostil e contrária à Igreja que acabou por facilitar a vinda de religiosos e religiosas para o Brasil, ao mesmo tempo em que “o trabalho educativo nos colégios, o cuidado dos doentes, das crianças e dos velhos em orfanatos e asilos constituirão suas principais atividades”, chegando a implicar a desvalorização do modo de vida mais contemplativo a ponto da “imagem da freira enclausurada, não-produtiva levar certos grupos a reagirem à vinda das religiosas” dali para frente. Rosado, então, exemplifica com um artigo jornalístico da época, cujo título já não deixa nenhuma dúvida: “uma praga a mais”. O artigo reclama que o país precisa é de gente que trabalhe e que as criadas e as cozinheiras não são mais encontradas com facilidade. Portanto, se estas religiosas vierem para passar a boa vida em santo ócio, rezando e cantando o dia inteiro, conclui o artigo, não serão nada bem-vindas.<sup>73</sup>

Com os novos costumes do século XX, o Vaticano II também busca uma adaptação a esses novos tempos, comenta Rosado, onde o cristão, agora, deveria inserir-se no mundo e ser um “fermento na massa”, e não mais agir com base na ideia de separação do mundo, da *fuga mundi* dos antigos, onde os “costumes conventuais e formas de comportamento das religiosas deveriam ser diferentes para marcar essa distinção com *o mundo*”. Segundo a pesquisadora, surgiam novas realidades que reavaliavam também os modos de se vestir desde os “pesados hábitos religiosos inspirados nas camponesas europeias em muitas congregações; os altos muros rodeando a área conventual, e mesmo os colégios; os horários rígidos; as exigências de silêncio às refeições”, numa obediência total seguida de penitências. Uma organização interna muito semelhante as denominadas “instituições totais”, esclarece a socióloga, e que se estendia para além dos próprios conventos, ou seja, nas obras por eles desenvolvidas como nos colégios, hospitais e casas de assistência a exemplo dos asilos e orfanatos. Todo esse processo de transformação pós-conciliar, conclui Rosado, apesar de estimular as religiosas “à promoção de importantes alterações em suas condições de vida; de outra parte, o controle do clero se fez sentir na limitação e orientação das mudanças promovidas”.<sup>74</sup> De qualquer maneira, algumas mudanças foram adotadas e sem elas, talvez esse modo de vida nos mosteiros tivesse chegado com muito maior dificuldade nos dias atuais.

---

<sup>73</sup> NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 492-494.

<sup>74</sup> NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 495-503.

### 3 A ORIGEM DOS MOSTEIRO ATUAIS, SUAS REGRAS E CONSTITUIÇÕES

Este capítulo tem o objetivo de apresentar parte da história e das origens dos três mosteiros pesquisados: o Mosteiro da Santíssima Trindade, em Santa Cruz do Sul, RS; o Mosteiro Nossa Senhora do Carmo e o Mosteiro São Damião, em Porto Alegre, RS. Essas casas religiosas estão respectivamente vinculadas às Ordens das Beneditinas, Carmelitas e Franciscanas e são regidas por regras e constituições específicas.

#### 3.1 Mosteiro da Santíssima Trindade

Vanilda Mazzoni, que pesquisou a Ordem Beneditina feminina no Brasil, reafirma o século XVII como aquele em que chegaram ao Brasil as primeiras casas de recolhimento solicitadas por famílias abastadas, no intuito, entre outros, de recolher as filhas que não se casassem, alegando que “mais tarde essas casas evoluíram para conventos, sendo os primeiros a serem fundados os das monjas clarissas, carmelitas e concepcionistas”, onde os mosteiros beneditinos femininos surgiriam apenas durante o século XX, embora os masculinos já estivessem por aqui desde o século XVI. Conforme Mazzoni, a primeira fundação beneditina feminina foi o Mosteiro de Santa Maria, em São Paulo, no ano de 1911, fundado pela Abadia inglesa de Stanbrook.<sup>75</sup>

Sabemos que as Beneditinas estão diretamente ligadas ao nome de São Bento (480-547) e que as datas históricas da vida do santo são todas muito incertas, diferentemente, por exemplo, de Francisco de Assis. Sua regra, a *Regula Benedicti*, é seguida até hoje pelos monges e monjas beneditinas. Segundo a *Legenda Áurea*, São Bento foi assim chamado por ter abençoado muito, recebido muitas bênçãos, porque todos o abençoaram ou porque teve bênção eterna.<sup>76</sup> Seu nome está ligado a histórias de ascetismo, isolamento, envenenamentos, tentações do demônio, milagres, visões, profecias, exorcismos e, também a fundação de 12 mosteiros, cada uma dessas casas dispondo de um *abbas* (pai) que exercia a função de prior (superior da casa) e que cuidava da observação e cumprimento da regra por parte de todos os monges que ali viviam.

Por um lado, uma regra nos induz a conhecer melhor possíveis contextos, hábitos e costumes sociais da época em que foi escrita, o que fica mais evidenciado quando passamos a

<sup>75</sup> MAZZONI, Vanilda Salignac de Souza. Arquivo 37: a história das monjas beneditinas no Brasil. Ilhéus: Editus, 2010, p. 31-34.

<sup>76</sup> VARAZZE, Jacopo. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 297. A *Legenda*, escrita pelo mendicante Varaze (1226-1298) é uma coletânea hagiográfica, que teve como objetivo imediato do autor fornecer aos seus colegas dominicanos ou frades pregadores, material para elaborar os seus sermões (p.12).

conhecer seus 73 capítulos. Marcelo de Barros Souza adverte que “a Regra beneditina é uma espécie de síntese de vários documentos importantes na tradição eclesial e monástica dos séculos anteriores a São Bento”, sendo assim importante compará-la com outros textos como a Regra de Santo Agostinho (séc. IV), a Regra de São Basílio (séc. IV), as conferências de João Cassiano e, principalmente, a denominada “Regra do Mestre”, assim chamada por ter nome e autor desconhecidos e que até se pensou ser posterior a de Bento.<sup>77</sup>

A Regra de São Bento faz um interessante apanhado geral sobre os gêneros de monges que o santo entende que circulam na sua época, explicando que seriam de 4 tipos: os cenobitas, os anacoretas, os sarabaítas e os giróvagos, sendo que os mais perfeitos de todos seriam os cenobitas, ou seja, aqueles que se encontram nos mosteiros, seguem uma regra com determinação e orientação de um abade. Outros capítulos da Regra determinam situações que chamam a atenção como, por exemplo, como os monges devem dormir, um em cada cama, candeia acesa e vestidos; a concessão aos irmãos enfermos o uso dos banhos sempre que conveniente, mas não aos sãos e sobretudo aos jovens; que todos comam sem excessos e se abstenham de comer carne de quadrúpedes; dos que erram no oratório, se não se humilhar ali mesmo, que sofra um castigo maior e as crianças por tal falta que recebam pancadas; discorre sobre o trabalho manual e diz que a ociosidade é inimiga da alma, devendo todos então trabalhar e se ocuparem com a *lectio* divina; que todos os hóspedes sejam recebidos como se fossem o Cristo; que o vestuário e calçado sejam de acordo com a temperatura, que não se preocupem com a cor e a qualidade, mas com o mais barato; que é suficiente possuir apenas duas túnicas e para o leito bastam uma esteira, uma colcha, um cobertor e um travesseiro; quanto a receber novos irmãos, aquele que vem deve perseverar batendo à porta e se depois de quatro ou cinco dias ele suportar com paciência, então que o ingresso seja concedido e que ele passe pelas próximas etapas; se tiver bens que distribua aos pobres ou confira ao mosteiro; será nesse momento despojado de suas roupas seculares e vestido com as roupas do mosteiro entre outros. Finaliza com a explicação de que a perfeição da vida monástica e as doutrinas dos Santos Padres conduzem o homem ao cume da perfeição e apressa sua ida para a pátria celeste.<sup>78</sup>

Seguindo, então esta Regra de São Bento, o Mosteiro da Santíssima Trindade, em Santa Cruz foi fundado em janeiro de 1997 e incorporado à Congregação Beneditina do Brasil

<sup>77</sup> SOUZA, Marcelo de Barros. *Na estrada do evangelho: uma leitura comunitária e latino-americana da Regra de São Bento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, p. 14-15.

<sup>78</sup> Todas informações com base em: BENTO, Santo. *A Regra de São Bento*. Tradução de D. João Evangelista Enout. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.

em 2013. Atualmente, a Confederação Beneditina é formada por 19 congregações, sendo a Congregação do Brasil fundada em 1º de julho de 1827, pela bula *Inter gravíssimas curas* do Papa Leão XII. É formada por 07 mosteiros de monges e 16 de monjas.<sup>79</sup>

Quadro 1 - Congregação Beneditina no Brasil  
Posição em 15.11.2017

<b>Mosteiros</b>	<b>Monjas</b>
São Paulo	14
Belo Horizonte	38
Uberaba	18
Olinda	24
Juiz de Fora	24
Petrópolis	22
Campos do Jordão	21
Itaperica da Serra	23
Salvador	17
Caxambu	12
Juazeiro do Norte	12
Diamantina	05
São Mateus	08
Rio Branco	01
Fortaleza	01
Santa Cruz do Sul	04
<b>Total</b>	<b>244</b>

Fonte: Diretório da Congregação Beneditina do Brasil<sup>80</sup>

Se compararmos o número total de monjas que aparece quadro acima (244), com o de monges que podemos também encontrar no site da Congregação, encontraremos (148) monges, número este superado em torno de 60% pelo de monjas. A Congregação, inclusive, disponibiliza uma lista nominal de monges e monjas falecidas desde 1965, com data e idade do falecimento. Apenas observando rapidamente esta lista, sem nos aprofundarmos com

<sup>79</sup> DIRETÓRIO Litúrgico da Congregação Beneditina do Brasil. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 2017.

<sup>80</sup> DIRETÓRIO Litúrgico da Congregação Beneditina do Brasil. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 2017, p. 200.

índices e percentuais, fica fácil verificar uma vida relativamente longa (muitos falecimentos com 80, 90 anos), sendo que das 313 mortes relacionadas, nos detivemos a contar 166 de monges e 147 de monjas, ou seja, em princípio, podemos constatar que o índice de óbitos é menor entre as mulheres do que entre os homens.

Como vimos, então, o Mosteiro da Santíssima Trindade foi erigido em 1997, quando passou a existir de forma jurídica na Igreja de Santa Cruz do Sul, através de um decreto canônico, lido pelo bispo na missa deste mesmo dia. Depois da missa, celebrada pelos bispos D. Sinésio Bohn, D. Henrique Fröliche e D. Paulo Moreto e pelos padres Marcelo Guimarães, Edson Damian, Erno Birck e Sizo de Assis Lima, juntamente com mais setenta pessoas deslocaram-se até a Casa de Retiros Loyola, local onde se deu a instalação provisória das irmãs. A instalação definitiva atual em Linha Travessa, localidade da cidade de Santa Cruz do Sul/RS, ocorreu somente no ano de 2005.

O Mosteiro foi fundado pela hoje madre emérita, Paula Ramos. Nascida em 1930, em Juiz de Fora, Minas Gerais, madre Paula é uma senhora muito afetuosa, simpática e falante. Em quase 89 anos de vida tem muitas histórias para contar e reflexões a fazer. Ela confirma que, embora os beneditinos estejam presentes no Brasil desde 1582, o primeiro mosteiro de monjas beneditinas, na América Latina, só foi fundado em São Paulo, em 1911. Diz que desde os quinze anos já pensava em seguir a vida cristã e chegou a ser Assistente Social, mas não por muito tempo. Em parte semelhante ao que vimos anteriormente, em relação à situação social da mulher, a madre emérita relata que o fato de uma jovem entrar no mosteiro poderia ser dramático para a família, mas, por outro lado, era uma época em que uma jovem também não tinha muitas opções além de trabalhar como professora ou se casar e cuidar da casa e dos filhos que viriam. Ela, no entanto, diz ter feito sua opção pela vida monástica aos vinte e dois anos, tendo ficado mais de vinte anos sem ir em casa, embora sua mãe costumasse visitá-la de vez em quando. Esse fato que madre Paula conta aqui, sobre as relações familiares, parece bastante comum entre as freiras, em geral. A nova família que surge na comunidade do mosteiro aparenta substituir as relações de parentesco anteriores. Percebemos que, apesar de continuar a existir preocupação e contato com a família de origem, no entanto, coincide que esta necessidade diminui e os assuntos mais ainda, como veremos mais adiante.

Madre Paula lembra, então, numa reportagem ao jornal Gazeta do Sul, uma época em que se impunha às religiosas uma clausura muito agressiva, quando os conventos tinham grades. “Isso se explica historicamente pela necessidade de defesa dessas mulheres em certos aspectos culturais, o que não ocorreu apenas na Idade Média, mas também na Idade Moderna,

depois da Renascença, quando foi ainda mais radicalizado”. Havia, inclusive, conta na reportagem, guerras entre famílias que terminavam com o sequestro de algumas jovens, que eram feitas refêns, muitas vezes. Atualmente “essa imagem de clausura de pessoas que não são vistas, que ficam atrás das grades, vem desaparecendo”, observa a religiosa. Por outro lado, continua a madre, embora reconhecendo as conquistas mais atuais das mulheres, dois temas ainda são vistos como fazendo parte da figura feminina: a maternidade e a vida sexual. Comenta no jornal que embora ela e as monjas costumem acompanhar as reflexões feministas, diz que não consegue fazer parte desse contexto e acrescenta, por exemplo, que vê como baixa autoestima toda essa corrida ao mercado cosmético e cirúrgico em busca simplesmente de beleza física. Declara, ainda, na reportagem, que em suas vidas mais simples de contemplativas, as monjas podem ser identificadas pelo uso de suas vestes do mesmo feitio e da mesma cor, cinza, que, segundo ela, são usadas o tempo todo e não causam nenhum incômodo. “Apenas em alguma solenidade especial utilizam um tecido um pouco melhor e na cor preta”.<sup>81</sup>

Logo abaixo, então, uma foto de madre Paula e da placa de identificação do Mosteiro, localizada bem na entrada da casa e que em poucas palavras, segundo a madre, resume a proposta de vida do mosteiro e das beneditinas: trabalho, oração e a importância da relação com os hóspedes.

Figura 1- Madre emérita Paula Ramos.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>82</sup>

Figura 2 - Placa de entrada do Mosteiro.



Fonte: A autora (2018).

<sup>81</sup> ALÉM de monja, uma mulher. Por Ana Paula de Andrade. Gazeta do Sul. 10 e 11.03.2012.

<sup>82</sup> Disponível em: < <http://mosteirobeneditinosantissimatrindade> > Acesso em 10.02.2017.

### 3.2 Mosteiro Nossa Senhora do Carmo

As carmelitas estão diretamente ligadas ao nome de Santa Teresa de Jesus que em 1536 entrou para o Carmelo no Mosteiro da Encarnação em Ávila, na Espanha e acabou fundando a Ordem do Carmelo Descalço, primeiro entre as monjas (1562) e depois, com São João da Cruz, para os freis (1568). A Ordem inclui, ainda, os Carmelitas Seculares que, junto com os frades e as monjas de Nossa Senhora do Monte Carmelo e de Santa Teresa de Jesus, constituem a Ordem Carmelita Descalça.<sup>83</sup>

Primeira mulher a receber um título de doutora da Igreja por decreto do papa Paulo VI em 1970, Teresa de Ávila (ou Teresa de Jesus) chegou a ser inspiração para inúmeras obras de arte, assim como uma escultura de Bernini,<sup>84</sup> diversos filmes e, até um seminário de Jacques Lacan.<sup>85</sup> Para saber o que significa ser um doutor ou uma doutora da Igreja, Jean-Yves Lacoste (teólogo, filósofo e psicólogo) esclarece que o termo provém do título neotestamentário *daskalos*, assumindo um significado técnico principalmente a partir do papa Leão Magno (eleito em 440) que designaria o ministério eclesial das figuras mais importantes da teologia. Lacoste assegura que, com o tempo, o ministério doutoral ganhou uma conotação universitária, quando muitos professores de teologia, inclusive, receberam o título de doutores. O autor estabelece que é possível enumerar 33 doutores da Igreja, sendo que alguns foram reconhecidos como tais pela tradição e a maior parte deles foi proclamada solenemente, isto é, reconhecidos pela Igreja católica. Anteriormente ao Vaticano II, conforme Lacoste, o critério teológico para tal correspondia a quatro notas: santidade de vida, ortodoxia da doutrina, qualidade e amplitude da obra teológica e reconhecimento formal da Igreja, onde os três primeiros critérios aplicavam-se também aos Padres da Igreja.

No entanto, lembra Lacoste, uma vez que anteriormente a 1970 os doutores reconhecidos ou promulgados eram todos homens, o fato de que “os três doutores mais recentes, Teresa de Ávila, Catarina de Sena e Teresa de Lisieux sejam, pela primeira vez mulheres, e mulheres que não possuíam nenhuma competência técnica em teologia, incita a rever os critérios tradicionais”, restando, ainda, considerar o fato do mesmo título ter sido aplicado a Maria, tida como conselheira dos apóstolos e que também pesava contra tal critério.

<sup>86</sup> Em especial, sobre Teresa de Ávila, Frei Betto <sup>87</sup> salienta o fato de ter sido considerada

---

<sup>83</sup> Disponível em: < <http://www.irmãscarmelitas.com.br> > Acesso em 23.07.2017.

<sup>84</sup> Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), escultor, arquiteto, pintor e desenhista italiano.

<sup>85</sup> Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981), psicanalista francês.

<sup>86</sup> LACOSTE, Jean-Yves (Dir.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 581-583.

doutora da Igreja apenas em 1970 e que esta monja carmelita do século XVI incomodou tanto as autoridades eclesiásticas da sua época a ponto de ser denunciada como uma “mulher inquieta, errante, desobediente e contumaz”, escapando por pouco de ser queimada como bruxa na fogueira da Inquisição. O Frei escreve sobre ela que, numa Espanha onde a mulher deveria se calar, ousou se manifestar “fez teologia a partir de sua vivência, desafiando uma Igreja que só admitia a elaboração teológica de homens formados por rígidos critérios acadêmicos sob severa vigilância das autoridades eclesiásticas”.<sup>88</sup> Conforme J. M. Cohen,<sup>89</sup> depois de Dom Quixote a autobiografia da religiosa e mística é o clássico em prosa mais lido da Espanha, onde a própria Teresa vai descrevendo suas lutas para se livrar dos laços mundanos e onde nem sempre é bem sucedida, fracassos que não se exime de relatar. Da sua vida é dito, com muita ênfase, que além das levitações misteriosas, seu corpo depois da morte teria sido acompanhado por uma semelhante e misteriosa incorruptibilidade.<sup>90</sup>

Teresa e seus escritos são objeto de muitos estudos, inclusive de Ramón Menéndez Pidal (aqui interessando apenas o filólogo, evidentemente) que justifica o século XVI, mais exatamente entre 1555 e 1585, como tempos de um extraordinário florescimento da literatura religiosa. No entendimento de Pidal, os santos do período anterior não eram escritores, no entanto, logo após os ímpetus do Concílio de Trento uma literatura mística tomou conta do pensamento católico representada principalmente por frei Luis de Granada, São João da Cruz, Santa Teresa e frei Luis de León que, como já vimos, havia escrito sobre as benéncias da “perfeita casada”, um poema bastante conservador, embora, por outro lado, editasse as obras de Teresa, uma mulher que desafiava a Igreja e algumas normas da sua época.

Esse período pós-tridentino, segundo o filólogo, foi caracterizado por uma poesia inspirada na bíblia, diferentemente dos períodos anteriores que modelaram uma linguagem cortesã. No caso de Teresa, Pidal salienta que o fato da sua escrita se apresentar tal como se fala e o fato da mística jamais reler seus escritos em busca de melhorá-los, não foi empecilho

---

<sup>87</sup> Carlos Alberto Libânio Christo, mais conhecido como Frei Betto, nasceu em 1944 em Belo Horizonte, MG. Filho de pai e mãe escritores estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Frade dominicano e militante de esquerda escreveu mais de 50 livros. Foi preso por duas vezes, durante o governo militar. A primeira vez por 15 dias em 1964, e a segunda por quatro anos, de 1969 a 1973. Um dos seus livros mais importantes, *Batismo de Sangue*, recebeu o prêmio Jabuti e foi adaptado para o cinema, além de receber muitos outros prêmios nacionais e internacionais. ÁVILA, Santa Teresa de. *Livro da Vida*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

<sup>88</sup> ÁVILA, Santa Teresa de. *Livro da Vida*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010, p. 10-13.

<sup>89</sup> J. M. Cohen traduziu obras de Cervantes, Díaz, Galdós, Montaigne, Pascal, Rabelais e Rousseau para a Penguin Classics, assim como editou diversos outros livros. Morreu em 1989 e o Times o classificou como “um dos últimos grandes homens de letras ingleses”. ÁVILA, Santa Teresa de. *Livro da Vida*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

<sup>90</sup> ÁVILA, Santa Teresa de. *Livro da Vida*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010, p. 15-24.



para que se mostrasse uma brilhante escritora de imagens. O século XVI espanhol, em termos literários, relembra o filólogo, apresenta uma norma de simplicidade e naturalidade na linguagem que era seguida pelos principais escritores e onde Teresa adota uma postura extrema, de máxima espontaneidade. Pidal explica que os carmelitas de Paris, ao publicarem as obras da santa em 1907, exaltaram uma originalidade e intuições filosóficas, o que, de certa forma foi questionado por Gastón Etchegoyen que analisou os escritos da santa mais como uma questão de assimilação e síntese do que propriamente originalidade.<sup>91</sup>

Posteriormente, no Brasil, a fundadora de uma casa desta Ordem seria outra mulher, Jacinta de Jesus ou madre Jacinta que, conforme Algranti, nasceu no Rio de Janeiro em outubro de 1715. Tempos depois, surgiria o Mosteiro Nossa Senhora do Carmo, em Porto Alegre, primeiro Carmelo do Sul e segundo do Brasil a ser fundado por madre Joaquina de Jesus, nome no século de Joaquina Izabel de Brito de Alentejo, em 1839. No *blog* das carmelitas, podemos encontrar informações sobre esta fundadora que era portuguesa de nascimento. Contam as irmãs, através do *blog*, que a inauguração da atual capela foi em 1857, quando principiaram a viver em clausura madre Joaquina e as suas então 10 companheiras. A fundadora morreu no ano de 1862 e seu convento não estava canonicamente aprovado, o que ocorreu dois meses depois, em 12 de janeiro de 1863, pela Santa Sé.<sup>92</sup> Do mosteiro Nossa Senhora do Carmo de Porto Alegre, conforme placa na própria Capela, surgiram outros 14 que são descritos logo abaixo. O surgimento de novas fundações é sempre algo muito importante e relatado com muito entusiasmo, significando, para as religiosas, a “expansão da obra” e “uma graça e aprovação de Deus”.

Quadro 2 - Novas fundações a partir do Mosteiro Nossa Senhora do Carmo

MOSTEIRO	CIDADE/ESTADO	FUNDAÇÃO
São José	Rio Grande/RS	1894
Nosso Senhor dos Passos	São Leopoldo/RS	1910
Nossa Senhora do Carmo	Santa Maria/RS	1935
Coração Eucarístico de Jesus	Pelotas/RS	1949

<sup>91</sup> PIDAL, Ramón Menéndez . *La lengua de Cristóbal Colón: el estilo de Santa Teresa y otros estudios sobre el siglo XVI*. Buenos Aires-México: Espasa-Calpe Argentina, S.A., 2ª edición, p. 79- 139.

<sup>92</sup> Disponível em: < <http://www.irmãscarmelitas.com.br> > Acesso em 23.07.2017.

Menino Jesus	Caxias do Sul/RS	1951
São José	Cruz Alta/RS	1958
Sagrado Coração de Jesus	Santo Angelo/RS	1968
Cristo Rei	Caravaggio	1955
Sem nome	Céu Azul/PR	1970
Imaculado Coração de Maria	Girúá/RS	1980
Nossa Senhora do Carmo	Umuarama/PR	1983
Sem nome	Campo Mourão/PR	1987
Santa Teresa	Itajaí/SC	1986
Cristo Redentor	Florianópolis/SC	1989

Fonte: Mosteiro Nossa Senhora do Carmo, Porto Alegre, RS.

O mosteiro de Porto Alegre faz parte da Associação Nossa Senhora do Carmo do Brasil, fundada em 1995 com o lema “com Maria à escuta do Espírito”. A Associação até hoje já ministrou alguns cursos para as freiras sobre a vida e escritos dos santos carmelitas como Santa Teresinha, Santa Teresa, São João da Cruz e a beata Elizabete da Trindade, sobre os carismas, as constituições, documentos da Igreja, direito canônico, antropologia cristã, psicologia, integração afetiva e sexual na vida consagrada, sobre vida fraterna na comunidade teresiana, afetividade em Santa Teresa de Jesus, mariologia, além de proporcionar vários encontros gerais entre as religiosas, segundo informações do blog. Na 6ª Assembléia Geral, a nova coordenadora eleita foi a Madre Suzana da Santíssima Trindade, pela primeira vez do mosteiro de Porto Alegre.<sup>93</sup> Madre Suzana, está na mesma função até hoje e foi meu primeiro e único contato no mosteiro. No primeiro contato, me falou muito sobre Deus e sobre o Espírito Santo, e já me colocou a par de que quem está preso mesmo é quem está lá do lado de fora do mosteiro, do outro lado das grades, ou seja, do meu lado. Argumentou que as pessoas fogem da realidade de que a vida passa depressa demais e que, mais cedo ou mais tarde vão morrer. É isso que não querem ver e salientou todo o tempo o poder da oração. Falou sobre o pecado, que associou com uma mancha, um engano e como algo que não deixa ver Deus, mas sem citar inferno, castigos e coisas do gênero. Explicou que ali são livres porque não importa

<sup>93</sup> Disponível em: < <http://www.irmascarmelitas.com.br> > Acesso em 20.04.2017.

o que os outros e o mundo pensam delas, não estão presas nisso. Fez questão de salientar que as Carmelitas são a Ordem que mais fez e faz santos e santas.

Segundo madre Suzana, os carmelos estão sujeitos a regras e constituições. A regra é a mesma para todos os carmelos, o que muda, no entanto, são as constituições que são em número de duas: uma de 1990 e outra de 1991, dois textos legislativos das Descalças aprovados para os dois grupos em que se dividiram as monjas, devido a uma série de contestações e divergências. A casa de madre Suzana, em particular, adotou a Constituição de 1991, intitulada *Regra e Constituições das Monjas Descalças da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, adaptadas segundo as diretrizes do Concílio Vaticano II e as normas canônicas vigentes, aprovadas pela Santa Sé no ano de 1991*, entendendo uma constituição como um conjunto de leis e regras inspirados em textos mais antigos de Santa Teresa de Ávila. Através do blog fico sabendo que foi no decorrer do tempo que uma maior atenção foi dada à Regra Carmelitana, tanto no texto albertino (solicitado pelos primeiros carmelitas, entre 1206 e 1214, a Alberto Avroardo, patriarca de Jerusalém) ou inocenciano (em referência a Inocêncio IV, em 1247, com a mitigação da Regra), o que se refletiu justamente nas duas constituições definitivas.<sup>94</sup> Nestas constituições, segundo informa o blog, a Ordem é definida como aquela que une a fidelidade à tradição espiritual do Carmelo com uma procura de renovação permanente. Assim, tradição e procura de renovação seriam duas atitudes trazidas ao Carmelo Descalço por Teresa de Ávila. Por fim, interessante registrar uma informação, ainda do mesmo blog que, segundo os últimos dados estatísticos mais gerais, a Ordem teria em torno de 11.500 monjas, que quase 750 mosteiros viveriam segundo as Constituições aprovadas em 1991 e, 140 segundo as aprovadas em 1990; sendo mosteiros que se encontram espalhados por cerca de 98 países.<sup>95</sup>

### 3.3 Mosteiro São Damião

As Clarissas estão diretamente associadas ao nome de Clara de Assis (1194-1253) e o nome de Clara ao de Francisco de Assis (1181-1226), um santo e místico que realizou curas, milagres, expulsou demônios e chegou a pregar, conforme a sutil observação de Chiara Frugoni, que os frades honrassem os clérigos que viviam segundo a forma da Igreja de Roma, mas que para si mesmos observassem o evangelho, vivessem em obediência, castidade e sem

<sup>94</sup> Disponível em: < <http://olharjornalistico.com.br> > Acesso em 02.04.2018.

<sup>95</sup> Disponível em: < <http://carmelitaniscalzi.com.pt-br/> > Acesso em 02.04.2018.

nenhum bem.<sup>96</sup> Francisco não escreveu muito, mas o suficiente para gerar todo um imaginário pictórico, inclusive, transcrito numa série de pinturas e esculturas idealizadas por muitos artistas famosos. Sobre Clara, nem tanto. As próprias *Fontes Franciscanas e Clarianas*, reunidas num livro reeditado em 2008, embora se propondo a incluir escritos e biografias de Clara,<sup>97</sup> apresentam 1698 páginas sobre Francisco e apenas 180 sobre Clara. Tal fato, quem sabe, reforce a ideia de Frugoni quando adverte do pouco empenho da própria ordem “em dar presença à figura da santa” tendo em vista “a paupérrima fortuna iconográfica de Clara, em total oposição à de seu fundador”, consistindo tais imagens apenas “em algumas miniaturas, pinturas e afrescos esporádicos; não há nenhum grande ciclo que narre nas paredes das igrejas sua vida e seus milagres”.<sup>98</sup> Isso sem considerar que Clara sobreviveu 27 anos à morte de Francisco, buscando ter autorizada pela Igreja uma Regra escrita por ela própria.

Jacques Le Goff, que escreveu um livro sobre o santo, foi muito econômico em relação a Clara, apenas algumas pouquíssimas páginas. Neste livro, fala sobre Francisco como um homem do nosso tempo que continua instigando nossos problemas contemporâneos e ainda não resolvidos como, por exemplo, a nossa reação a extrema pobreza, aos processos de marginalização, as relações de respeito e integração com a natureza, de afirmação dos papéis dos leigos e das mulheres numa sociedade ainda dominada pelas tradições cristãs, de um retorno a uma religiosidade que se reveste de desconfiança em relação às Igrejas e às atitudes em relação ao outro, aquele que é diferente daquilo que sou.<sup>99</sup> Segundo Sergio Dal Moro, não devemos esquecer que a Ordem Franciscana, diferente dos monges que eram sedentários, teria surgido como um fenômeno histórico e num contexto sociocultural, religioso e político, cujo carisma “nunca se caracterizou pela *fuga mundi*, mas pela encarnação no mundo”.<sup>100</sup>

A exemplo de Francisco, muitos milagres foram atribuídos à Clara, mas um dos grandes diferenciais de Clara foi ter escrito uma Regra na Igreja católica, a primeira aprovada e escrita por uma mulher. Segundo José Carlos Corrêa Pedroso, como os mosteiros eram independentes entre si e a exigência de Clara pela pobreza era muito forte, sua Regra acabou sendo aprovada para São Damiano (o mosteiro onde ela vivia, perto de Assis), mas acolhida integralmente por poucos outros mosteiros, cerca de cento e cinquenta por volta de 1253. Ocorre que, em 1259, Isabel de Longchamps, irmã de São Luís de França, surgia com uma

<sup>96</sup> FRUGONI, Chiara. *A vida de um homem: Francisco de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 59.

<sup>97</sup> MORO, Sergio M. Dal (apres.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 11.

<sup>98</sup> FRUGONI, Chiara. *A vida de um homem: Francisco de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 100.

<sup>99</sup> FRUGONI, Chiara. *A vida de um homem: Francisco de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 9-10.

<sup>100</sup> MORO, Sergio M. Dal (apres.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 52.

regra feita com a colaboração de diversos peritos e até mesmo de São Boaventura, sendo, então, a que mais teve aceitação na França e na Inglaterra, conforme Pedroso. Dez anos após a morte de Clara, em 1263, o papa Urbano IV já apresentava uma nova Regra para as Clarissas de todo o mundo, denominação esta que ele mesmo introduziu; a partir daí a Regra de Clara ficou conhecida como a Regra Primeira e a de Urbano, a Regra Segunda e, a Segunda, sendo amplamente aceita por admitir propriedades, é adotada por alguns mosteiros até hoje, segundo Pedroso.<sup>101</sup> O mesmo autor relata que em 1893 foi encontrada no meio das roupas de Clara, guardadas no mosteiro de Assis, uma caixa com o pergaminho original da aprovação de Inocêncio IV, cujo texto é corrido, sem subtítulos, a divisão em doze capítulos é artificial, posterior, feita talvez para imitar a de Francisco, que também foi assim dividida tempos depois, como uma homenagem aos doze apóstolos, conclui Pedroso.<sup>102</sup>

Dessa maneira, a Regra ficou composta por 12 capítulos, e ordena uma vida na obediência, sem posses e em castidade. Em seguida, trata, entre outras coisas, da eleição canônica das abadessas, sempre com auxílio do Ministro geral ou Provincial da Ordem dos Frades Menores; de como receber aquelas que quiserem seguir esta mesma vida; que as mais jovens deverão ter o cabelo cortado em círculo e deixar sua roupa secular, depois farão sua profissão; que as irmãs que servem fora do mosteiro poderão usar sapatos; sobre o silêncio, o locutório e a grade, que para chegar até a grade só com a presença de mais três irmãs; estabelece uma porta de madeira com duas fechaduras de ferro diferentes, ferrolhos e trancas, no locutório, sempre um pano por dentro que não deve ser removido; sobre não ter propriedades e que de nada se apropriem; sobre as irmãs doentes, permitindo que elas, conforme o caso, possam se deitar sobre colchões de palha e travesseiros de pena, as que precisarem poderão usar meias de lã e acolchoados, podendo, inclusive, falar algumas palavras com quem as forem visitar; sobre a penitência e as que não se emendarem que deverão comer pão e água no chão, só para começar, cuidando para não sofrer de ira ou perturbação; sobre não trazer boatos para dentro do mosteiro; sobre a observância da clausura, que a porteira seja de comportamento maduro, discreta e de idade conveniente; sobre o

---

<sup>101</sup> PEDROSO, José Carlos Correa (tradução, introduções, notas e índices). CEFEPAL do Brasil (Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina). *Fontes Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 228, p. 169.

<sup>102</sup> PEDROSO, José Carlos Correa (tradução, introduções, notas e índices). CEFEPAL do Brasil (Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina). *Fontes Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 228, p. 170.

visitador, o capelão e o cardeal, que seja sempre da Ordem dos Frades Menores e que possam entrar em alguns casos, mas devem ficar onde sempre possam ser vistos.<sup>103</sup>

Esta Regra é adotada pelo Mosteiro São Damião, em Porto Alegre, e a origem deste mosteiro decorre de uma reforma realizada por Coleta Boylet (1381-1447), por isso são chamadas Clarissas Colentinas, uma vez que duas das fundadoras vieram do mosteiro de Gand, na Bélgica, reformado por Coleta. Essas reformas ocorriam porque com o tempo havia um afrouxamento das regras e do modo de vida original. Coleta, conforme descrito na sua biografia, tinha fama de ser “alguém de outro mundo”, devido a suas estranhas práticas eremíticas.<sup>104</sup> À ela são devidas pelo menos 16 novas fundações de vida contemplativa, sendo que, ao morrer, deixou mais de 300 conventos, tanto de mulheres como de homens. Ubald d’Alençon, um dos seus biógrafos, considera que, além de religiosa, era uma mulher de muito talento, capaz de levar a cabo suas fundações em meio a uma sociedade dominada por homens. Nesse sentido, conta, enfrentando muitas dificuldades, chegou a sofrer restrições dos párocos da cidade de Corbie, cujas igrejas começaram a se tornar vazias em prol das pregações que fazia, tendo sido acusada de não ter nenhuma formação teológica e convidada a se calar.<sup>105</sup>

Sobre a fundação do São Damião, em Porto Alegre, existe um livro de registros chamado livro de Crônicas que conta sobre esta implantação no início dos anos 50, onde as quatro irmãs fundadoras irmã Maria Josefa e irmã Maria Coleta eram do mosteiro de Gand e as outras duas, uma era de Termonde, irmã Maria Felipa e a outra de Ecklo, irmã Maria Francisca. Elas foram as primeiras missionárias colentinas a chegar ao Sul do Brasil, saindo de Gand, na Bélgica, conforme protocolo de autorização e foto das irmãs, logo abaixo.<sup>106</sup>

---

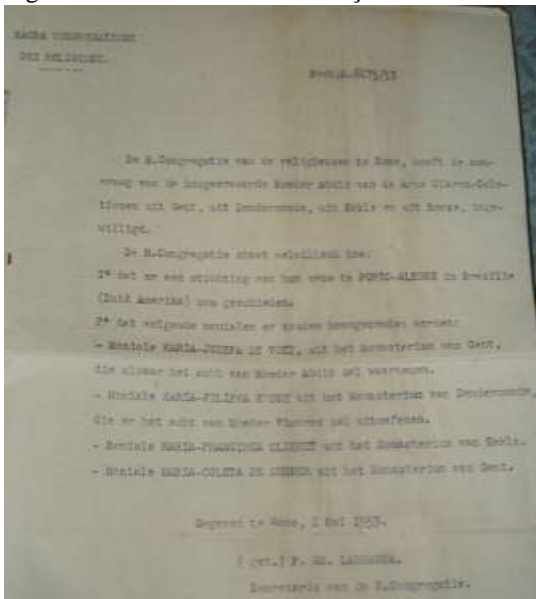
<sup>103</sup> Regras em: MORO, Sérgio M. Dal (trad). *Fontes Franciscanas e Clarianas*: Rio de Janeiro, Vozes, 2008, p. 1714-1725.

<sup>104</sup> Conforme o padre Ubald d’Alençon, biógrafo de Coleta Boylet. CORSTANJE, Charles Van. CAZAUX, Yves. DEROLEZ, Albert. *Vita Sanctae Coletae* (1381-1447). Belgica: Lanoo, Tielt/ E.J.Brill, Leiden, 1982, p. 159-160.

<sup>105</sup> Conforme o padre Ubald d’Alençon, biógrafo de Coleta Boylet. CORSTANJE, Charles Van. CAZAUX, Yves. DEROLEZ, Albert. *Vita Sanctae Coletae* (1381-1447). Belgica: Lanoo, Tielt/ E.J.Brill, Leiden, 1982, p. 160.

<sup>106</sup> SILVA, Eliane. *Mosteiro de São Damião em Porto Alegre: Primeiras Clarissas no sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Monografia (Graduação em história), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, p. 53-54.

Figura 3 - Protocolo de Autorização



Fonte: Mosteiro São Damiano, Porto Alegre.<sup>107</sup>

Figura 4 - Irmãs fundadoras



Fonte: Mosteiro de Betlem, Bélgica.<sup>108</sup>

Figura 5 - Missa de despedida na Bélgica.



Fonte: Mosteiro São Damiano, Porto Alegre.<sup>109</sup>

A fundação e a história inicial do convento, portanto, estão relatadas no Livro de Crônicas do mosteiro e foram prontamente disponibilizadas para pesquisa, pelas irmãs. Ali estão registradas, segundo elas, as primeiras crônicas que são traduções daquelas escritas pelas fundadoras, embora não constem datas. No caderno, são relatados diversos acontecimentos, desde a preparação para a viagem ao Brasil e o material é bem cuidado tanto na conservação, como na escrita e apresentação, como se pode perceber logo abaixo.

<sup>107</sup> Disponível em: < <http://www.clarissas.net.br/mosteirosAll.php?id=36> > Acesso em 12.02.2018.

<sup>108</sup> Cópia da foto recebida no Mosteiro de Betlém, em Gand, na Bélgica.

<sup>109</sup> Disponível em: < <http://www.clarissas.net.br/mosteirosAll.php?id=36> > Acesso em 12.02.2018.

Figura 6 - Livro de Crônicas



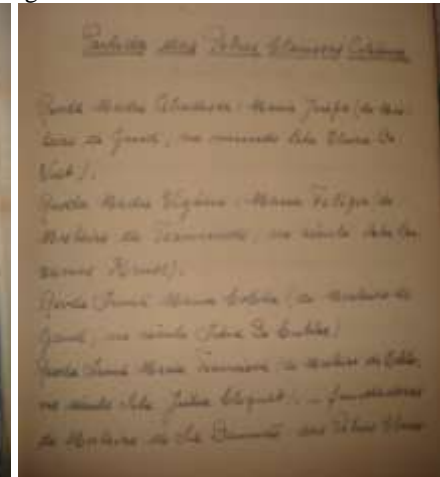
Fonte: Mosteiro S.Damião, Porto Alegre.

Figura 7 - Livro de Crônicas



Fonte: Mosteiro S.Damião, Porto Alegre.

Figura 8 - Livro de Crônicas



Fonte: Mosteiro S. Damião, Porto Alegre.

Enquanto isso, relata Silva, a solenidade de despedida também teria incluído execuções musicais em homenagem a grandes mestres como Vivaldi, Mozart e Schubert, salientando que ao discursar, o ministro havia apresentado aos presentes “uma imagem tocante do estado do Rio Grande do Sul, um estado 250 vezes maior do que a Bélgica, mas onde é grande a falta de sacerdotes”.<sup>110</sup> A Igreja mais oficial, por sua vez, naquele momento traduzia a vinda dessas irmãs também como uma resposta à necessidade de difusão do catolicismo e das congregações religiosas femininas, tendo em vista o crescimento da secularização, o enfraquecimento da espiritualidade, o avanço do comunismo e a falta de sacerdotes, conclui Silva.<sup>111</sup> O arcebispo Dom Vicente Scherer, comemorando o dia das vocações femininas, discursou defendendo essas vocações e os votos essenciais e perpétuos de pobreza, castidade e obediência. Embora não chegasse a afirmar que quem vivia no estado religioso fosse mais perfeito e santo que o dos fiéis, dava seu aval para o estado religioso, mais perfeito que o estado matrimonial, descreve Silva.<sup>112</sup> Exaltava a presença das irmãs como uma benção para o lugar onde se instalavam, pois “sua presença é um silêncio e constante protesto contra a cobiça dos bens terrenos e a sede de prazeres”.<sup>113</sup>

<sup>110</sup> SILVA, Eliane. *Mosteiro de São Damião em Porto Alegre: Primeiras Clarissas no sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Monografia (Graduação em história), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, p. 63-67.

<sup>111</sup> SILVA, Eliane. *Mosteiro de São Damião em Porto Alegre: Primeiras Clarissas no sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Monografia (Graduação em história), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, p. 69.

<sup>112</sup> SILVA, Eliane. *Mosteiro de São Damião em Porto Alegre: Primeiras Clarissas no sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Monografia (Graduação em história), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, p. 71.

<sup>113</sup> A VOCAÇÃO Religiosa Feminina. UNITAS, Boletim da Arquidiocese de Porto Alegre. Porto Alegre: mar-jun, 1953, p. 214.



A cerimônia de inauguração oficial do mosteiro, conforme descrito no jornal da época, ocorreu em 30 de agosto de 1953 e foi presidida por Dom Vicente Scherer. Quando a missa começou, as dependências da casa estavam lotadas e havia gente até dentro das celas. Durante todo o dia, as pessoas faziam fila para visitar o convento por dentro e por fora da clausura, algo que não era esperado. O jornal ainda comentou que a casa estaria aberta para “visitação pública ao longo do dia, onde os católicos poderão estabelecer contato com aquelas religiosas”, mas que, “em harmonia com as severíssimas regras aceitas voluntariamente por elas, permanecerão ali para sempre, numa renúncia completa e integral ao mundo que fica para além do Mosteiro”.<sup>114</sup> Posteriormente, mesma imprensa registrava seus agradecimentos a “generosidade de católicos da Bélgica, que dali enviaram donativos.”<sup>115</sup>

A construção da casa, porém, foi longa e demorada e somente após a páscoa de 1962, quando estavam prontas as celas e a galeria aberta do claustro e improvisado um parlatório foi que o mosteiro passou a funcionar na nova construção.<sup>116</sup> Logo abaixo, algumas fotos atuais onde podemos ver um dos parlatórios e a frente da casa com entrada para a capela e a residência das irmãs.

Figura 9 - Parlatório S. Damião, P.Alegre.



Fonte: A autora (2017).

Figura 10 - Frente Mosteiro São Damião, Porto Alegre.



Fonte: A autora (2017).

### 3.4 Constituições da Igreja que regem a clausura hoje

Quando a socióloga Silvia Regina Alves Fernandes identifica um comprometimento de suas informantes freiras com a instituição a que pertencem, detectado através do que ela chama de um “discurso arrumado” por parte das religiosas que responderam, na época, ao seu questionário e suas entrevistas, esse comprometimento fica muito evidenciado também na

<sup>114</sup> SERA inaugurado amanhã o convento das Irmãs Clarissas Coletoras. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 29.09.1953, p. 8.

<sup>115</sup> CAPELA Santa Clara. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 23.12.1956, p. 9.

nossa pesquisa e, principalmente ao tomarmos conhecimento do teor das constituições que regem a clausura atualmente. Frases e expressões que se encontram no texto dessas constituições, principalmente a mais recente delas, a *Vultum dei Quaerere* (que se traduz por “buscar a face de Deus”) são literalmente repetidas por muitas das irmãs nas respostas por escrito que deram ao nosso questionário.

Assim, portanto, as três documentações fundamentais que regem a vida em clausura, atualmente, segundo informações das irmãs, são as instruções *Venite Seorsum* de 1969, a *Verbi Sponsa* de 1999 e a Constituição Apostólica *Vultum dei Quaerere* de 2016, esta mais atual e assinada pelo papa Francisco, sendo que todas elas são pós-Concílio Vaticano II. A *Venite Seorsum* logo no seu início lembra do que disse Jesus “vinde a um lugar deserto e descansai” (Mc 6,31), sendo este convite o fundamento que sustenta a clausura, um chamamento para junto dele, para “descansar nele”, explica a ex-madre Maria Francisca (das Clarissas), salientando que assim também hoje são chamadas para viver no mosteiro. Alerta, no entanto, que é preciso entender bem o sentido desta palavra, caso contrário pode-se pensar que é um descanso no sentido mais comum. Esse convite se refere a um descanso espiritual e “ao mesmo tempo, um trabalho árduo que é a vida de oração, porque ela é regrada”, comenta a irmã. E são muitos e muitos anos de oração, as vezes por 60, 70 anos de profissão quando uma religiosa professa bem jovem, complementa.

Das três instruções regulamentadoras citadas, a mais antiga, a *Venite Seorsum*,<sup>117</sup> cita vários aspectos que envolvem e justificam a clausura, desde Abraão que foi convidado a sair da terra e deixar seus parentes (Gen.12,1) assim como no Novo Testamento, o Verbo de Deus que saindo do Pai veio a este mundo (Jo, 16,28), a morte de Jesus que importa uma verdadeira solidão, ou a retirada de Jesus para o deserto, que teria a ver com a fundação dos mosteiros. Ressalta a instrução que mesmo na solidão, entregando-se as orações, os retirados não devem esquecer os irmãos, procurar um descanso por comodidade própria, mas sim para participar “de um modo mais universal em seus trabalhos, dores e esperanças”, o que é dito de maneira semelhante por irmã Maria Francisca, quando explica que “nós não viemos aqui para rezar para nós nem para ficar numa vida sossegada que ninguém incomode...jamais”, diz que “é uma vida que realmente tem muita implicação, tem muita solicitação de orações e nós ficamos sabendo das misérias humanas de todo mundo”. A instrução salienta que “é próprio da mulher acolher a palavra, ao invés de levá-la aos mais remotos confins da terra”. Reconhecendo como

---

<sup>116</sup> Conforme o *Livro de Crônicas* do Mosteiro de São Damião, em Porto Alegre.

legítimos os elementos que diferenciam os diversos institutos entre si, estabelece normas para a clausura papal das monjas, entre elas, sobre portas fechadas com chave nas entradas e saídas, sendo algumas definições estabelecidas nas constituições e códigos adicionais, além de estabelecer os casos em que a saída da casa seja realmente necessária ou que o rádio e a televisão sejam permitidos apenas em eventos de caráter religioso.

A *Verbi Sponsa*<sup>118</sup> também destaca que as monjas se reconhecem em Maria, virgem, esposa e mãe, onde perpetuam o seu “sim”, estendendo a ideia de pobreza radical que inclui a renúncia não apenas às coisas, mas aos espaços e contatos. Para viver, então exclusivamente do Senhor, diz a constituição, é necessário que a pessoa se encontre livre de qualquer afeição, agitação ou distração, limitando ao essencial as ocasiões de contato com o mundo externo, impedindo que “este irrompa de qualquer modo no mosteiro”. A *Verbi* declara sobre a formação das monjas, cuja regra geral diz que deve ser realizada dentro do próprio mosteiro. Se for o caso, ainda, a superiora pode permitir cursos por correspondência.

A *Vultum dei Quaerere*,<sup>119</sup> a mais nova instrução a deliberar sobre a vida contemplativa feminina, diz reconhecer com “muito apreço a doação da vida das irmãs”, que constitui um desafio para as mentalidades atuais. O papa Francisco propõe uma reflexão, em vez de normas, que inclui o tema da clausura que não deve ser vivida “como uma espécie de retirada, fechando-vos em vós mesmas, mas devem dilatar o coração para abraçar a humanidade inteira” (esta é uma das declarações que será bastante usada nas respostas dadas pelas irmãs). Chama a atenção para uma sociedade marcada por divisões e desigualdades, afirma que a autonomia dos mosteiros não deve significar independência ou isolamento, pede cuidado com a autorreferencialidade e salienta que esta escolha por uma vida recolhida “torna-se o sinal eloquente de fidelidade para o nosso mundo globalizado e habituado a deslocamentos sempre mais rápidos e fáceis, com o risco de nunca criar raízes”. Por fim, o papa Francisco determina que as irmãs chamadas a desempenhar o serviço de formação possam frequentar cursos específicos mesmo fora do seu mosteiro (nas duas anteriores ficava determinado que a formação deveria ser realizada apenas no próprio local de clausura ou por correspondência).

---

<sup>117</sup> *Venite Seorsum. Sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas*. Roma: 1969. Disponível em < <http://es.catholic.net/op/articulos/7876> > Acesso em 21.09.2017.

<sup>118</sup> VERBI SPONSA, instrução sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas. Congregação para os institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica: Vaticano, 13 de maio de 1999. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccsclife/documents/rc](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc) Acesso em 20.08.2017.

<sup>119</sup> *VULTUM DEI QUAERERE* sobre a vida contemplativa feminina, Constituição apostólica. São Paulo: Paulinas, 2016.

#### 4 CLAUSURA FEMININA NOS DIAS DE HOJE

O trabalho, segundo as palavras de Max Weber, converteu-se no fator principal de um regime de “ceticismo intramundano”, em uma resposta ao sentimento de solidão e isolamento do homem.

Erich Fromm, *Psicanálise da Sociedade contemporânea*.

O silêncio não impede a liberdade e não estamos isoladas. O silêncio permite uma vida de maior aprofundamento de vida interior, intelectual e espiritual, e nos faz entrar em comunhão mais verdadeira e profunda com os outros e conosco mesmas.

Irmã R., 53 anos.

Modos de vida regidos por leis civis e ainda por leis da Igreja e por regras adotadas pelos próprios mosteiros que desafiam alguns princípios básicos da modernidade e nos instigam a tentar compreender como vivem e o que pensam essas mulheres ao dedicarem suas vidas inteiras ao que dizem ser “um chamado de Deus”. E, a partir disso, desse recolhimento em clausura, se considerarem as pessoas “mais livres e felizes do mundo” e vivendo uma vida plena de significado e sentido para elas. Para aqueles que estão fora dos muros da clausura, outros são os chamados e as sensibilidades, as lentes e as categorias de análise. Mesmo assim, talvez, não se possa considerar como esferas totalmente separadas, o mundo de fora e o mundo de dentro dos mosteiros, uma vez que existem pontos similares entre o desejo e as intenções das duas esferas, podendo até ser questionado o fato de existirem tão separadamente assim. De qualquer maneira, por vezes, nesse frágil trânsito entre uma e outra esfera seja possível pensar com Peter Berger que cada mundo só “é mantido como realidade subjetiva pela mesma espécie de conversação”, sendo que apenas no caso desta conversação e consequente reafirmação da realidade ser quebrada é que “o mundo começa a vacilar”.<sup>120</sup> Essa forma de vida adotada nos mosteiros de clausura, que pretende um afastamento do mundo para poder se dedicar ao silêncio e a oração, para uma maior estabilidade dessa realidade (e dessa conversação), já a partir da composição dos seus edifícios religiosos, tanto interna, quanto externamente, comunicam níveis de afastamento, mas também de receptividade e intersecções, o que torna um pouco mais complexa toda e qualquer afirmativa de totalmente “fora do mundo” ou “dentro do mundo”, sem considerar as próprias diferenças que existem entre as maneiras de viver as referidas clausuras.

---

<sup>120</sup> BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 29-30.

#### 4.1 A Arquitetura de um Mosteiro

Alguns arquitetos lembrados por Carlos Alberto A. Santos, consideram que a fachada de um prédio possa significar uma projeção imediata de um grupo ou, quem sabe, de apenas um grande Eu ou Nós. A ótica arquitetônica também pode definir uma fachada como um espelho a refletir signos importantes de comunicação, qual seja, a posição social, econômica ou intelectual, ideais, assim como instigar uma leitura imaginária do seu interior, ou simplesmente chamar a atenção das pessoas, através de sutis manipulações da arte do esconder e mostrar, como concluiu o pesquisador Santos.<sup>121</sup> Quando Maria Lucia Bressan Pinheiro, por sua vez, apresenta o teórico e polêmico John Ruskin (1819-1900) em *A lâmpada da memória*, cita o engenheiro português Ricardo Severo, que teria algumas ideias em comum com Ruskin, ao afirmar que “na arquitetura de uma casa são partes integrantes da sua armadura externa o telhado e os muros, como na cara os cabelos e o rosto, e são órgãos de expressões as janelas e as portas, como os olhos e a boca, dando característica da sua fisionomia”.<sup>122</sup>

Figura 11- Mosteiro beneditino da Santíssima Trindade.



Fonte: A autora (2017).

]

<sup>121</sup> SANTOS, Carlos Alberto Avila. Espelhos, máscaras, *vitrines*: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas Pelotas 1870-1930. In: BULHÕES, Maria Amélia; SANTOS, Alexandre...[et al.] (org.). *Memória em caleidoscópios: artes visuais no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 79.

<sup>122</sup> RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008, p. 39.

Figura 12 - Mosteiro carmelita N. Senhora do Carmo.



Fonte: A autora (2018).

Figura 13 - Mosteiro franciscano São Damião.



Fonte: A autora (2018).

Pensando assim, a primeira imagem acima (figura 11), de um mosteiro beneditino, mostra um edifício de aparência mais ou menos nova, um espaço e um terreno bastante amplo, de aspecto harmônico, luminoso e transparente, um casarão, porém, simples e discreto, cuja fisionomia é composta de portas mais leves e muitas janelas abertas que deixam entrar a luz do sol e o olhar de quem chega, assim como sair a mirada de quem está dentro. As duas imagens seguintes (figuras 12 e 13) são construções que emergem da cidade e, pelas suas características mostram, inclusive, outras possibilidades de trabalhar a luz e os olhares dos visitantes, de relação entre a casa religiosa e a rua mais secular. De fato, tanto o mosteiro das Carmelitas como o das Clarissas estão localizados em zonas bem centrais da cidade e bastante tumultuadas, principalmente o das Carmelitas, que se encontra em pleno bairro Cidade Baixa. Um bairro é bom que não se esqueça, histórica e socialmente ligado a mão-de-obra do escravo, a terras que foram habitadas ao mesmo tempo pelos negros e famílias italianas (com todo choque cultural e religioso que isso possa significar) ou, ainda, de onde saiu uma geração de famosos que podem representar parte desses conflitos se levarmos em consideração nomes como o do compositor e cantor Lupicínio Rodrigues e o do jogador de futebol Tesourinha. Atualmente o bairro é conhecido como um local de boemia e, coincidência ou não, um dos seus inúmeros botecos famosos se chama Carmelita Bar (o mundo de fora, se inspira no mundo de dentro dos muros?). Parte dessa arquitetura externa pode mostrar, inclusive, que os mosteiros percebem e reagem à violência externa, se considerarmos a disposição e o tamanho dos muros, a cerca elétrica, grades de ferro, as formas de acesso a entrada das casas, um segurança contratado para proteger um dos locais (que não aparece nas imagens, assim como um muro mais alto no mosteiro das Clarissas), a instalação de porteiros eletrônicos e câmeras de TV. Além disso, o muro das Carmelitas coberto de motivos religiosos tem sido uma

atração fatal para os pixadores, pois seguidamente se pode ver pessoas limpando e refazendo os motivos religiosos (as pinturas).

Essa visão que, de início se supõe mais superficial, permite, no entanto, pensar e testar evidências sobre os modos de contato da casa com o visitante. Por exemplo, quando fui pela primeira vez ao Mosteiro da Santíssima Trindade, em Santa Cruz do Sul, chegando ao mosteiro, toquei a campainha localizada na porta de entrada e uma irmã, com seu hábito de freira e um avental comprido e branco amarrado no pescoço, veio atender e muito gentilmente me mandou entrar. Pelo avental da irmã pude ver que estava trabalhando nas tarefas da casa, acredito que lavando louça, limpando alguma coisa na cozinha, no entanto parou com tudo e ficou ali, de muito boa vontade conversando comigo até chegar a irmã encarregada de recepcionar os visitantes. Ao contrário dos outros mosteiros, não havia porteiro eletrônico, cerca elétrica, muros, nem circuito de TV. As janelas, que com o tempo pude perceber que se mantinham, em geral, abertas, permitiam essa relação que parecia mais flexível entre o interno e o externo, onde era possível, do lado de fora, ver as irmãs se deslocando pelas diversas partes da casa. O mosteiro está localizado a uma certa distância da cidade, cerca de 15km. A seguir, podemos observar uma imagem do mosteiro e parte da paisagem ao redor (figuras 14 e 15), cuja “amplidão do olhar”, como dizem as irmãs, foi intencionalmente buscada. Explicam que isso tem sim, um sentido bem mais significativo.

Figura 14 - Mosteiro da Santíssima Trindade.



Fonte: A autora (2018).

Figura 15 - Vista do Mosteiro da Santíssima Trindade.



Fonte: A autora (2018).

O mosteiro possui uma recepção, cozinha, refeitório, lavanderia, sala de orações, escritórios, uma sala especial para garantir maior privacidade de atendimento das pessoas que procuram as irmãs para conversar, 12 celas individuais das monjas, uma pequena lojinha na entrada com alguns artigos religiosos para vender, biblioteca e a hospedaria que comporta receber até 4 pessoas. Ao longo dos corredores, a via sacra feita pela artista plástica Clarice



Jaeger em xilogravura, além de uma imagem de São José e da medalha de São Bento em mosaico. Clarice, como artista plástica, já ministrou diversos cursos de arte no próprio mosteiro. Na capela, um ícone (um determinado tipo de representação religiosa) de Santa Maria escrito (é assim mesmo que se diz) por uma das irmãs da casa, irmã Andrea. Na frente do mosteiro encontra-se uma imagem de São Bento (figura 16), feita de cimento e ferro medindo cerca de 2,20m de altura, com a Regra em uma das mãos e a outra em sinal de silêncio. Pode-se dizer que o espaço interno e externo da casa, é todo ordenado simbolicamente. O valor de um símbolo, explica Urbano Zilles, está em que ele não consegue ser entendido em termos literais nem inventado arbitrariamente apenas por um indivíduo, tendo o poder de “criar acesso a dimensões da realidade que, geralmente, se encontram encobertas por outras dimensões”. A vida de religião, para o autor, depende da vida de seus símbolos, dos artistas e místicos que criam, recriam e interpretam esses símbolos, que, no caso do cristianismo já são milenares.<sup>123</sup>

Figura 16- Imagem de São Bento.



Fonte: A autora (2018).

Na parte interna, a biblioteca do mosteiro chama especial atenção. Fica no segundo andar, no mesmo das celas das irmãs. É um espaço relativamente grande que dispõe computador e muitas revistas, jornais, enfim, papéis espalhados por cima das três mesas. Os livros, talvez mais de 4.000, estão organizados em estantes (conforme a foto abaixo) e tratam, na sua grande maioria, naturalmente de temas religiosos. Madre Paula, a madre emérita, foi

<sup>123</sup> ZILLES, Urbano. *Significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 11-15.



quem além de me apresentar parte desse andar superior da casa, me mostrou a biblioteca, salientando, com satisfação, a importância de terem 40 livros que fazem parte de uma coleção bilíngue editada pelo *Institut des Sources Chétiennes* (em português Fontes Cristãs), publicadas em Paris pela *Les Editions du Chef*. Em resumo, são textos dos grandes Padres da Igreja e a madre emérita salienta que não omitem até mesmo aqueles que, numa determinada época foram excluídos e condenados pela Igreja. O espaço também conta com enciclopédias, livros de história, ciências sociais e, inclusive, de outras religiões como o candomblé, por exemplo.

Figura 17 – Biblioteca do Mosteiro da Santíssima Trindade.



Fonte: blog do Mosteiro da Santíssima Trindade.<sup>124</sup>

Nessa linha de temáticas, fiquei surpresa também com uma das leituras durante a janta (durante as refeições uma das irmãs sempre faz uma leitura religiosa enquanto as outras estão comendo) que em vez da leitura de um trecho da bíblia, falava sobre a espiritualidade budista seguida de alguns comentários do *Bhagavad-gita*. O texto lido fazia parte de um livro escrito por Elias Wolff, atualmente professor da pós-graduação na PUCPR, tratando justamente da importância do diálogo inter-religioso. Alguns professores de universidades são muito conhecidos, admirados e citados por elas.

Outra surpresa foi quando, em seguida, fiquei sabendo que o cantor Belchior (Antonio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes), afastado da vida pública desde 2008

<sup>124</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 28.03.2017.

bem como do grande público por uma série de problemas que não vem ao caso, estivera ali abrigado, no mesmo lugar onde eu fiquei hospedada, numa época que a imprensa e todos andavam procurando por ele e teciam uma enormidade de teorias fabulosas sobre onde estaria o famoso cantor do “foi com medo de avião e do eu sou apenas um rapaz latino-americano”. As teorias estavam todas erradas, Belchior estava ele sim, fugindo do mundo e escondido num mosteiro de Clausura Religiosa Feminina. Belchior, quando buscou o mosteiro, foi acolhido na casa e irmã Andrea relatou que o cantor gostava muito do lugar e que estava conseguindo voltar a escrever suas músicas. Ela comenta, inclusive, num vídeo, que o cantor era uma pessoa simples, que se encantava com a teologia, participava da missa, lia muito, estudava e pedia papel, muito papel para escrever durante todo o tempo.<sup>125</sup>

Como parte dessa mesma arquitetura, embora nem todas as fotos sejam atuais, podemos visualizar as irmãs preparando o almoço na cozinha do mosteiro e, logo a seguir, no refeitório junto a algumas pessoas da comunidade e de um grupo de oração. Na segunda imagem (figura 19), podemos observar uma das irmãs sentada com um livro na mão, de costas para a foto e de frente para as pessoas que estão almoçando. Ela está fazendo a leitura de um trecho religioso para as demais, como é costume em todas as refeições.

Figura 18- Irmãs na cozinha do mosteiro.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>126</sup>

Figura 19 - Refeitório do mosteiro.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>127</sup>

<sup>125</sup> O Mosteiro onde Belchior morou em Santa Cruz. Vídeo disponível em <<http://videos.clicrbs.com.br>> Acesso em 20.06.2017. Zero Hora, 05.05.2017.

<sup>126</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.06.2017.

<sup>127</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.06.2017.

Figura 20 - Almoço em comunidade. Figura 21- Refeitório.

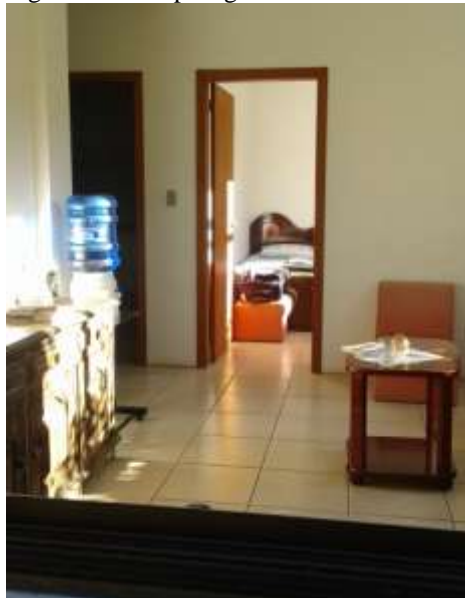
Fonte: blog do mosteiro.<sup>128</sup>Fonte: blog do mosteiro.<sup>129</sup>

Figura 22 - Bancos do refeitório.

Fonte: blog do mosteiro.<sup>130</sup>

Enquanto estive no mosteiro, todas as refeições foram realizadas ao som dessas leituras religiosas como já foi dito e conforme sinaliza a regra, sendo que num domingo, em especial, a leitura foi substituída por algumas composições de Heitor Villa-Lobos (1887-1959), considerado como um dos maiores expoentes da música brasileira. Logo abaixo, podemos ver parte da casa de hóspedes, onde fiquei instalada por uns dias e onde Belchior também ficou (muito antes de mim). Esse espaço, reservado aos hóspedes, é composto por uma sala, dois quartos, cozinha e um banheiro. Está separado, naturalmente, do espaço de clausura e das celas que se localizam no andar de cima. As acomodações são simples, mas confortáveis, com chuveiro quente e não é preciso levar lençóis nem cobertores, apenas toalha de banho e material de higiene pessoal, de preferência.

Figura 23 - Hospedagem do mosteiro.



Fonte: A autora (2018).

<sup>128</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.06.2017.

<sup>129</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.06.2017.

<sup>130</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.06.2017.

Nas fotos a seguir, para complementar algumas noções arquitetônicas internas da casa, que incluem espaços para a hospitalidade, temos o salão onde rezam a missa aos domingos e fazem suas orações e, na segunda foto, a Capela do Santíssimo, onde é guardada a eucaristia. As irmãs me explicaram que os dois bancos, um de frente para o outro (na figura 25) simbolizam a vida comunitária, no sentido de viverem sempre face a face, em comunidade e diálogo, “embora não seja muito fácil”, salientou.

Figura 24 - Capela do Santíssimo.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>131</sup>

Figura 25 - Capela do Mosteiro.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>132</sup>

O Mosteiro Nossa Senhora do Carmo, em Porto Alegre, das Carmelitas Descalças, é um prédio que parece ser mais antigo, mas também espaçoso e bem conservado, embora a arquitetura do edifício adquira novo formato, assim como o acesso ao local e a maneira como fui recebida. Uma palavra com que eu definiria o prédio talvez fosse rigidez. Por sua vez, ali o contato inicial se deu através do interfone e sem marcação prévia. Uma das irmãs atendeu e pediu minha identificação. Conversei com ela pelo interfone, expliquei quem eu era e o que eu pretendia e o portão da frente foi aberto. Depois de passar por este primeiro portão de entrada, fui orientada pela mesma voz feminina de aparência muito calma, jovem e simpática a pegar as chaves da sala em que seria atendida, na “roda de madeira”, que fica logo à direita assim que se entra na casa.

De posse das chaves, três portas diferentes poderiam me conduzir ao parlatório (sala de atendimento), no entanto. Foi necessário identificar a porta correta que ainda era precedida de uma grade de ferro, também chaveada. Sempre orientada pela mesma voz (e um olhar que

<sup>131</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.06.2017.

<sup>132</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.06.2017.

por certo me via, mas que eu não via), com certeza já fui eu o primeiro objeto de pesquisa: ao me verem sem saber exatamente para que lado me dirigir e quais portas abrir, denunciava meu desconhecimento do lugar e assinava a conclusão final de que ali estava pela primeira vez. E para fazer perguntas. “Uma curiosa”.

A sala onde fui atendida, o parlatório, chamou a atenção pela simplicidade, organização e limpeza do ambiente, uma sala de entrada e, logo depois das grades, pelo lado de dentro, uma outra sala retangular maior com muitas cadeiras encostadas ao longo das paredes, nenhuma mesa no centro ou nas laterais e uma outra porta interna de onde surgiu a religiosa que me atendeu, que apenas ao final da nossa conversa fiquei sabendo que era a madre. As fotos, logo abaixo, podem dar uma ideia do formato da “roda de madeira” (figura 26) de que falei, bem como da entrada do mosteiro (figura 27).

Figura 26 - Roda de madeira. Figura 27 - Entrada do mosteiro Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: A autora (2018).



Fonte: A autora (2018).

A seguir, duas fotos da parte mais interna da casa e que foram encontradas no *facebook* em nome do convento, mostrando o local, onde, em certas ocasiões o Carmelo é aberto e as irmãs aparecem para o público por alguns breves instantes. Um momento semelhante aconteceu quando estive numa comemoração que a madre tinha me convidado quando, inesperadamente (para mim), ao final da missa, todos correram da igreja rumo a uma porta lateral que se abriu. As pessoas que estavam na comemoração, literalmente se “amontoaram” na frente daquela porta para poder olhar de perto as irmãs, que surgiram, sorriram, acenaram e, logo em seguida, desapareceram. A porta se fechou, mas as pessoas que



ali haviam se “aglomerado”, agora pareciam muito felizes, realizadas e comentando o ocorrido. Ou “abençoadas”, talvez esse fosse o termo mais correto e de acordo com a cena.

Figura 28- Abertura da clausura.



Fonte: Página do mosteiro no *facebook*.<sup>133</sup>

Figura 29 - Abertura da clausura.



Fonte: Página do mosteiro no *facebook*.<sup>134</sup>

Já o Mosteiro São Damião, em Porto Alegre, das Clarissas Colentinas, assim como o as Carmelitas, tem um porteiro eletrônico onde o visitante deve se fazer anunciar. Conforme for, então, o portão é aberto, você entra e, na medida em que você vai atravessando do espaço do portão de entrada em direção a porta de que dá realmente acesso a casa, uma das irmãs já está ali aguardando. Quando se entra no mosteiro, à esquerda fica um corredor que conduz a dois parlatórios que se seguem um ao outro e, à direita, a igreja. Bem à frente de quem está entrando, uma porta com uma espécie de portinhola pequena cuja altura dá para ver pouco mais que a medida do rosto de uma pessoa e de onde as vezes as irmãs falam com os visitantes e estendem suas mãos para cumprimentar quem está chegando, é uma das portas de entrada para a clausura propriamente dita.

Diferentemente do mosteiro Carmelita, não existe “roda de madeira” nem chaves nesse processo e os parlatórios podem ser vistos logo que você entra, sendo que no meio do caminho, ainda é possível tomar um copo de água, pois tem um bebedouro. O visitante, então, senta e aguarda que uma das irmãs surgirá através de portas internas que dão acesso aos

<sup>133</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/pages/Mosteiro-Nossa-Senhora-Do-Carmo/563647740455651> > Acesso em 20.05.2018.

parlatórios. Elas também surgem pelo lado de dentro das grades, assim como as Carmelitas e diferente das Beneditinas. Os dois parlatórios são separados naquele corredor por uma porta capaz de isolar um do outro, dando privacidade se, por acaso, as duas salas estiverem sendo usadas. Logo abaixo (figuras 30 e 31), podemos recordar um dos parlatórios e a frente da casa com entrada para a capela e a residência das irmãs.

Tudo muito simples, mas de novo, muito limpo e organizado, inclusive, atrás da mesinha, na sala de visitas, pelo lado de fora das grades (que aparece na figura 31), é possível ver um plástico cobrindo aquela parede para que as pessoas ao sentar, não fiquem colocando diretamente os pés e os sapatos e deixando possíveis marcas nas pinturas. Ali, você pode ler a “bíblia para visitantes” que está em cima da mesinha, enquanto espera pelas irmãs. As mesas e as cadeiras são de madeira sem almofadas, apenas um guardanapo provavelmente feito a mão cobre a mesa e sustenta a bíblia. Miriam Grossi lembra que, junto com o “jeito de freira”, também ocorre a apresentação de “um mundo onde a limpeza, quase assepsia, é o centro de todos os valores”.<sup>135</sup>

O prédio data dos anos 50, é protegido por fora com grades e cercas, tem um muro alto do outro lado que não aparece na foto e pode ser considerado igualmente espaçoso e localizado num amplo terreno de esquina, que atrai, inclusive, interesses de algumas empreiteiras (e problemas!). A ideia que fica é de uma relação mais porosa entre a casa e a comunidade externa, inclusive com algumas janelas que ficam abertas durante o dia. A palavra aqui para definir esta arquitetura, por parte do visitante, talvez fosse acolhimento.

Figura 30 - Mosteiro São Damião.



Fonte: A autora (2018).

Figura 31 - Parlatório São Damião.



Fonte: A autora (2018).

<sup>134</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Mosteiro-Nossa-Senhora-Do-Carmo/563647740455651>> Acesso em 20.05.2018.

<sup>135</sup> GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de freira; estudo antropológico sobre vocação religiosa feminina. *Cad.Pesq.*, São Paulo, n. 73, p. 48-58, maio 1990, p. 55.

Quando perguntei sobre a biblioteca do mosteiro, uma das irmãs contou que talvez tenham em torno de 4000 livros (num cálculo semelhante ao das beneditinas), que são muitas prateleiras e, por isso não sabe ao certo, mas eu não nunca vi o lugar. Salientou que são apenas livros católicos, com temas da Igreja, da vida religiosa, da espiritualidade universal da Igreja, de psicologia, de sociologia, de patrística, dos Padres da Igreja, de liturgia e alguns de literatura. Além disso, biografias religiosas, documentos da Igreja, lembranças de todos os mosteiros, álbuns e fotos, é uma biblioteca bem rica, nas palavras da irmã Maria Francisca. Disse, ainda, que possuem alguns autores amigos que enviam seus livros para elas.

Citou um livro de Carlos Drumond de Andrade e uns poucos de Machado de Assis: “não temos todas as obras deles, mas era bom que a gente tivesse”. Disse gostar muito do Érico Veríssimo, mas não terem nada dele. Na parte de psicologia, citou Jung e alguns psicólogos de renome, italianos e até franceses, como Alessandro Manenti, por exemplo, além de autores franciscanos como Izidoro Mazzarolo, um grande estudioso de bíblia e um documento da Igreja que é o Denzinger, Heirich Joseph Dominicus Denzinger (1819-1883, famoso por sua teologia histórica).

Apresentamos, por fim, um detalhe da frente da capela com imagens de Clara e Francisco, onde se lê “não existe caridade maior do que dar a vida pelos amigos” e uma foto das irmãs (2010). Na foto externa, também podemos visualizar uma cerca espiralada e, não tão bem, uma cerca elétrica. O mosteiro teve alguns problemas e mais recentemente tem um segurança que faz a vigília em tempo parcial. A casa também sofreu algumas reformas e adequações, inclusive na parte externa, também para receber portadores de necessidades especiais.

Figura 32 - Detalhe da frente do mosteiro.



Fonte: A autora (2018).

Figura 33 - Irmãs do mosteiro.



Fonte: Irmãs Clarissas (2015).<sup>136</sup>

<sup>136</sup> A foto foi enviada por e-mail diretamente pelas irmãs.



A arquitetura dos mosteiros, portanto, tem uma linguagem que passa através da sua localização, das suas espiritualidades mais específicas, suas histórias, orientações das fundadoras e os próprios referenciais da Ordem a que pertencem, sendo o que é mostrado, muitas vezes, fruto daquilo que é mais escondido e que só entenderíamos a partir de um estudo mais aprofundado. Dessa maneira, alguns edifícios se localizam, de preferência, em plena agitação das cidades, assim como outros, mais afastados. Aqui, como vimos no início do capítulo, o estilo e a fachada de cada um dos três prédios sugere, na sua forma, disposição e arte, um referencial de maior ou menor grau de abertura e acolhimento ao visitante e, talvez, da mesma maneira, do mundo externo. São teologias de clausura um pouco diferenciadas. Os prédios, ao refletirem e comunicarem seus signos e características, convidam a imaginar seus aspectos mais íntimos, que despertam a curiosidade do visitante que fica nas mãos desse jogo de esconde e mostra. Nesse sentido, tem a seu favor, diferentes rostos arquitetônicos a começar pelas combinações de janelas, portas, muros, símbolos, cores e redes de proteção que são capazes de espelhar fisionomias mais diversas, conforme tão bem definiu Ricardo Severo.

#### **4.2 Os votos: uma promessa feita a Deus**

A escolha pela vida religiosa seja ela de “vida ativa” ou de “contemplação” requer que sejam professados no mínimo três votos: castidade, obediência e pobreza. Eles estão na base da orientação e disciplina dessa forma de vida. A definição do que significa um voto está no Código de Direito Canônico da Igreja Católica, cânone 1191, como sendo “uma promessa deliberada e livre de um bem possível e melhor, feita a Deus, deve ser cumprido em razão da virtude da religião”. E aqui, conforme o “Código”, é chamada a atenção para os cinco elementos que caracterizam essa definição de um voto: promessa (obrigação), deliberada (tem conhecimento e está no seu juízo da razão prática para assumir a gravidade desta obrigação), livre (por determinação própria), feita a Deus (porque se dirige imediatamente a Deus), um bem possível e melhor (não teria sentido ser impossível ou nas circunstâncias concretas da pessoa não tão bom ou perfeito que o seu contrário). O cânone seguinte, o 1192, cita a diferença entre voto público e privado, sendo público quando aceito em nome da Igreja. Esclarece, ainda, a diferença entre voto solene e pessoal, sendo considerado solene todo aquele que é aceito pela Igreja como tal. O termo “votos solenes” faz parte da linguagem e da trajetória das irmãs, tanto de vida ativa como contemplativa.

Dessa maneira, no caso das contemplativas, mais um voto é acrescentado aos outros três, o voto de clausura, que também é assumido com a obrigação de professar votos diante da

aprovação e controle da Igreja. Veremos, posteriormente, como esses votos são renovados várias vezes até que ocorra a “Profissão solene”, ao final da formação, quando a religiosa, então, é considerada definitivamente admitida na Ordem e num determinado mosteiro. Até que isso ocorra há toda uma trajetória que não é muito fácil até mesmo para quem é a responsável pela formação das candidatas, que, muitas vezes acabam desistindo no meio do caminho seja pelo rigor dos votos, das regras e constituições que regem todo processo, ou porque descobrem que talvez, não seja essa forma a ideal para suas vidas.

De qualquer maneira, algumas podem buscar uma nova Ordem ou experimentar um outro mosteiro na mesma Ordem. A irmã Maria Francisca explicou que toda “Profissão”, na Igreja, é um ato jurídico registrado e enviado para Roma e que, para sair da Ordem, deve haver um processo que vai gerar um novo ato jurídico. É possível desistir, portanto, mas tem todo um caminho burocrático de solicitações e autorizações hierárquicas que vão e voltam de Roma, conforme a irmã. Isso acaba causando constrangimentos para quem pensa em desistir, e que deve se sujeitar a todo um processo vivido e aguardado diante da comunidade, mesmo sabendo que, muitas vezes, a casa está com dificuldades, justamente por serem poucas religiosas. Além disso, é uma promessa regida por uma série de regulamentações que se quebra e isso parece ser negativamente avaliado, uma “fuga inversa”, do mosteiro para o mundo externo.

Os votos, na realidade, podem ser considerados promessas e algumas definições sobre elas podem ser encontradas também no cânone 599 do Código Canônico, onde a Castidade consta como um voto “assumido por causa do Reino dos céus e que é sinal do mundo futuro e fonte de maior fecundidade num coração indiviso”; a Pobreza, cânone 600, como “imitação de Cristo, que sendo rico se fez pobre por nós, além de uma vida pobre na realidade e no espírito”; a Obediência, cânone 601, como “assumida com espírito de fé e amor no seguimento de Cristo obediente até a morte, obriga à submissão da vontade aos legítimos Superiores, que fazem as vezes de Deus quando ordenam de acordo com as próprias constituições”.<sup>137</sup> No Catecismo da Igreja Católica pode-se ler que a Castidade, por exemplo, “comporta uma *aprendizagem do domínio de si*, que é uma pedagogia da liberdade humana”, mas “um trabalho a longo prazo, nunca definitivamente adquirido”, enfim, uma “virtude moral”. Recomenda “o conhecimento de si, a prática de uma ascese adaptada às condições

---

<sup>137</sup> CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2001, p. 173-174.

onde se encontra a obediência aos mandamentos divinos, a prática das virtudes morais e a fidelidade à oração”.<sup>138</sup>

Mesmo com tantas regulamentações e exigências, as contemplativas de clausura permanecem ao longo do tempo, embora já tenham sofrido algumas mudanças e adaptações mais visíveis, como a retirada dos véus negros que cobriam seus rostos, a dimensão dos muros e das grades e a possibilidade de maior contato com a comunidade de amigos e fiéis, assim como algumas saídas permitidas nos conventos para participarem de cursos e encontros das associações ou federações de mosteiros, quando as casas estão integradas.

### 4.3 Como se tornar uma monja

Segundo o protoevangelho de Tiago, Maria já nasceu prometida ao templo do Senhor, quando um anjo de Deus teria profetizado a Ana, sua mãe, que da sua prole se ouviria falar no mundo todo.<sup>139</sup> Sobre tal narrativa, a historiadora Yvonne Knibiehler lembra que, com a idade de três anos, segundo o referido apócrifo (livros não canônicos), Maria é levada ao templo onde cresce, longe do mundo, reclusa neste espaço sagrado, no claustro absoluto. Seguindo esse modelo, quem sabe, ao final do século II, surgem mulheres que, reclusas, mais tarde serão chamadas de monjas e que os bispos encorajam para que se protejam das agressões masculinas e das suas próprias fraquezas, sugere a autora, complementando que a expressão “as esposas de Cristo” surge também no final do século II e se torna corrente no século III, ao que parece devida a Tertuliano, um dos primeiros teólogos de língua latina.<sup>140</sup>

Assim, nos nossos dias, uma monja é uma mulher religiosa que fez votos solenes numa ordem (ou congregação), e que estão diretamente subordinadas à Igreja, uma vez que todas as ordens estão sob a autoridade da Santa Sé. É o caso das monjas pertencentes aos mosteiros aqui estudados e cuja expressão “esposas de Cristo” é bastante usual entre elas, como parte importante, inclusive, dos principais rituais de profissão. No decorrer deste capítulo, então, veremos como essas mulheres se tornam monjas a partir, segundo elas, de uma livre opção, mas, também, de um “chamado de Deus” que todas dizem sentir no seu coração. Embora os três mosteiros se declarem de contemplação e clausura, existem diferenças não só na arquitetura dos prédios, mas na maneira de vestir (figuras, 34, 35 e 36),

<sup>138</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, p. 606-607, conforme 2339, 2340, 2342.

<sup>139</sup> PROENÇA, Eduardo de (org.). Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial Ltda, 2010, p.520-522.

<sup>140</sup> KNIBIEHLER, Yvonne. História da virgindade. São Paulo: Contexto, 2016, p. 77.

de receber as pessoas, e de pensar as relações com a comunidade externa e os novos valores que surgem.

Figura 34- Irmã Clarissa.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>141</sup>

Figura 35 - Irmã Carmelita.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>142</sup>

Figura 36 - Irmã Beneditina.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>143</sup>

A trajetória para se tornar uma monja nos três mosteiros também é semelhante, mas não igual. Assim, por exemplo, para se tornar uma monja beneditina no Mosteiro de Santa Cruz, é necessário passar por algumas etapas e normalmente a formação é feita no próprio mosteiro. Resumidamente, a primeira etapa de formação, chamada Postulantado é quando a candidata aprofunda seu discernimento e decisão, já reside no mosteiro e participa daquela vida monástica. É um período que costuma durar de um ano a dezoito meses. A seguir, numa segunda etapa, o Noviciado, a candidata ingressa no primeiro período oficial de formação, assumindo maiores responsabilidades em relação à liturgia e à vida de trabalho no mosteiro e é quando o conhecimento e a prática da vida beneditina são intensificados. Se for aprovada, ingressa na próxima fase, a dos Votos Temporários, onde ela e a comunidade se encontram seguras de sua vocação. A noviça, então, pode solicitar a Profissão Monástica, onde se compromete através do voto à obediência, à conversão de seus costumes de acordo com aquela forma de vida e a permanecer de forma estável no mosteiro no qual ingressou. Esse período, de acordo com as leis da Igreja, dura no mínimo três anos. Transcorrido esse tempo, acontece a Profissão definitiva, ou seja, os Votos Perpétuos, onde se liga para sempre ao mosteiro que a acolheu.<sup>144</sup> A Mestra de Noviças é responsável pela formação, sob a

<sup>141</sup> Disponível em: < <http://www.clarissas.net.br/mosteirosAll.php?id=36> > Acesso em 10.03.2018.

<sup>142</sup> Disponível em: [http://www.irmascarmelitas.com.br/index.php?pr=conteudo&mn\\_codigo=14&ct\\_codigo=133](http://www.irmascarmelitas.com.br/index.php?pr=conteudo&mn_codigo=14&ct_codigo=133) Acesso em 18.05.2016.

<sup>143</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 02.05.2017.

<sup>144</sup> Disponível em: < <http://mosteirotrindade.com.br> > Acesso em 10.04.2017.

autoridade da Superiora. Para a Profissão perpétua é preciso dois terços dos votos do Capítulo (grupo de monjas, sob votos solenes, com voz ativa na determinação de assuntos da comunidade). Podemos sintetizar essas etapas, como no quadro abaixo.

Quadro 3 - Etapas de formação das monjas beneditinas

1. Postulantado	Duração: 12 a 18 meses - reside no mosteiro
2. Noviciado	Primeiro período oficial de formação
3. Votos temporários	No mínimo 3 anos - compromisso
4. Profissão definitiva	Votos perpétuos

Fonte: A autora.

Particularmente na Ordem Beneditina, temos os Oblatos que são pessoas que estão ligadas de uma forma ou de outra a um dos mosteiros da Ordem e são oficialmente regidos por um estatuto, o Estatuto dos Oblatos Seculares da Congregação Beneditina do Brasil. O termo vem do latim *oblatus*, que significa oferecer. A própria Regra de São Bento aponta a designação de meninos que, na época, eram oferecidos por seus pais para o serviço de Deus no mosteiro. Aos poucos, o termo passou a designar os fiéis que se filiavam a determinado mosteiro, sendo eles de dois tipos. Os que passavam a morar no próprio cenóbio sendo chamados Oblatos Regulares, e os que continuavam no século, os Oblatos Seculares. É uma vida que difere dos monges e monjas na medida em que continuam com suas responsabilidades com os familiares, a profissão e a sociedade, não estando sujeitos à jurisdição do Abade, Abadessa ou Piora. Aqui é importante registrar que só há Abadessa quando o mosteiro é uma Abadia, isto é, tem 12 monjas de votos perpétuos. Quando o mosteiro não atingiu este número, é um Priorado. No nosso caso, o mosteiro da Santíssima Trindade é considerado um Priorado e a madre, a Piora. O candidato ou candidata (o mosteiro tem oblatos e oblatas) deve ter dezoito anos completos e não pertencer a uma Ordem Terceira (associação de leigos católicos vinculados às Ordens medievais como franciscanos, carmelitas, dominicanos, etc.). Por fim, para ser um Oblato, também existe um período de preparação, conforme quadro abaixo.

Quadro 4 - Para ser um oblato ou oblata

1. Postulantado	Entre 6 meses e 1 ano
2. Noviciado	1 ano, podendo ser prorrogado

Fonte: A autora.

Com referência às Clarissas, para ser uma monja no mosteiro São Damião, além do contato inicial com o mosteiro, a candidata deve apresentar alguns documentos civis solicitados, bem como determinados exames médicos, o que também é necessário nos outros dois mosteiros. Questões de ordem mais psicológica, que podem ocorrer, ficam a cargo da observação das mestras encarregadas de fazer o acompanhamento. Embora as candidatas não devam ser casadas nem ter filhos, dependendo do caso, no entanto, poderá ser viúva, ou com idade mais avançada, até mesmo com filhos, se forem já adultos, mas são particularidades e exceções a serem analisadas. Obtendo essa aprovação inicial, a solicitante começa frequentando o mosteiro por algum tempo durante o dia até passar a Postulante. Quando Postulante, cujo termo significa realmente pedir, agora deve morar na casa e viver com as irmãs por um período de um ano, com prorrogação de no máximo mais um. Nessa etapa de preparação para a próxima, o Noviciado, já usa uniforme e um véu branco, curto, devendo participar junto com as irmãs dos momentos de oração, trabalhos em geral e das recreações.

A fase seguinte, a do Noviciado, é entendida pelo mosteiro, como uma iniciação de busca que deverá durar a vida inteira, vestindo-se com um hábito marron e um véu branco, grande. Essa fase dura, em geral, dois anos, dois anos e meio. Na próxima etapa, a Juniorista, realiza os votos temporários de obediência, clausura, pobreza e castidade. Essa etapa, dura três anos. A última fase, chamada Solene Perpétua, é quando são feitos os mesmos votos, só que agora, definitivos. No caso da chamada irmã externa, quando houver, ao fazer seus votos, não inclui o de clausura. No momento, embora já tenha tido, o mosteiro não dispõe desta irmã externa, que seria a irmã que faz os serviços de rua, como pagamento das contas, compra de produtos necessários para a manutenção da casa e das religiosas, se for o caso. No quadro, um breve resumo das etapas enfrentadas pela candidata para se tornar Clarissa no Mosteiro São Damião.

Quadro 5 - Etapas de formação de uma clarissa

ETAPA	DURAÇÃO	VESTIMENTA
Postulante	1 ano, podendo estender por mais 1	usa uniforme e véu branco, curto
Noviciado	2 anos, 2 anos e meio	usa hábito marron e véu branco, grande
Juniorista	3 anos	votos temporários de obediência, clausura, pobreza e castidade
Solene Perpétua	para sempre	votos definitivos

Fonte: A autora.

Para ser uma monja Carmelita, no mosteiro Nossa Senhora do Carmo, conforme Madre Suzana, é necessário ter o 2º grau completo (ensino médio), idade entre 17 e 18 anos, sendo que depois dos 35 não é mais possível entrar para o mosteiro, embora os limites de idade possam variar de mosteiro para mosteiro. De maneira semelhante, fazem um contato inicial e vão observando e sendo observadas, vão conversando sobre as motivações que levam a candidata a procurar tal estilo de vida e aquela ordem em especial. Enquanto isso são solicitadas a fazer determinados tipos de leitura. Primeiramente a ler Santa Terezinha (Teresa de Lisieux – 1873/1897) para depois chegar a Santa Teresa de Ávila (1515/1582) que é uma leitura bem mais densa, alerta madre Suzana. Esses contatos iniciais se dão com a própria madre e a irmã formadora.

No entanto, o chamado e a conversão não garantem a entrada no claustro e, como nos outros dois mosteiros, as candidatas devem aqui também passar por uma seleção, onde a ideia é de formar a candidata, mas também, procurar que ali fiquem até o final de suas vidas. Para isso, é importante avaliar “o grau de maturidade da jovem”, a “idoneidade”, e o “compromisso de seguir as normas determinadas pela Santa Sé” e entender como bem seguir as obrigações decorrentes de tais normas. Aprovada após um período inicial, também segue etapas semelhantes que inclui o período do Postulantado, Noviciado e a Profissão solene. Durante esse período o capítulo ainda pode reprovar a candidata assim como ela pode desistir do processo de formação, que compreende um tempo mais ou menos de 6 anos.

Durante esse tempo de formação, as disciplinas que a candidata irá estudar estão basicamente voltadas para a vida e a doutrina religiosa, diferentemente do ingresso masculino na religião, onde o cânone 235 do Código de Direito inclui, além da formação espiritual adequada, a passagem pelo seminário maior durante todo o tempo de formação, ao menos por 4 anos e o aprendizado da língua vernácula, mas também a latina, assim como outras línguas estrangeiras, ao mesmo tempo que estudos filosóficos e teológicos, durante pelo menos 6 anos

completos, conforme cânones 249 e 250.<sup>145</sup> Antigamente existia a exigência do dote, uma quantia em dinheiro doado pela família com o objetivo de manter o sustento da religiosa, mas que não deixava de ser uma forma de seleção, mas hoje, ao que tudo indica não é mais solicitado, pelo menos nos três mosteiros pesquisados. Resta apenas a solicitação de um enxoval, composto por material de higiene pessoal, as vezes, roupa de cama e toalhas, assim como algumas roupas necessárias.

Miriam Grossi entende que estes termos como dote e enxoval, entre outros, necessariamente remetem ao universo do casamento, só que nessa esfera, um outro tipo de casamento que gerará outros tipos de filhas e filhos. Nesse sentido, Grossi aponta que a vida de uma monja se desenvolve em três períodos, sendo que o primeiro é o de formação, o segundo o de vida ativa (ou contemplação) que se concretiza com os votos perpétuos e o terceiro com a aposentadoria, onde há um afastamento das atividades. Grossi utiliza essas etapas para dizer que é justamente no primeiro período “que vai se construir de forma definitiva a identidade da futura freira, a partir do aprendizado de uma série de comportamentos que vão configurar o ‘jeito de freira’”, no segundo período vão colocar em prática esse “jeito”, a partir dos votos solenes e perpétuos e no terceiro período, na velhice, poderá ser realmente observada a identificação de “esposa de Cristo”.<sup>146</sup>

Estes são aspectos constatados por Grossi e, com certeza isso ocorre mesmo em grande parte dos casos. No entanto, é preciso admitir que dúvidas e questionamentos são inerentes aos seres humanos e podem surgir e realmente surgem na trajetória de algumas freiras. Embora, esses conflitos nem sempre sejam compartilhados, afirmar tais linearidades pode retirar todo e qualquer ponto de consciência e ação dessas mulheres nas suas mais diversas situações. Sabemos, por exemplo, que hoje os padres sofrem muito estresse e conflitos, precisando, inclusive de ajuda psicológica e muitos chegando a desistir da carreira. Muitos livros sobre a vida estressante dos sacerdotes estão sendo lançados atualmente e o assunto já não é mais um segredo. Com as irmãs, não se sabe ao certo, parece não existir essa medida, mas até onde pudemos constatar sofrem tais ascendências e descendências. Por outro lado, em relação a Grossi, não podemos simplificar demais, pois afinal as próprias freiras demonstraram, muitas vezes, sua preocupação com a imaturidade de certas meninas, com a desistência de outras e a falta de vocações, em geral, até mesmo dentro do mosteiro. Mesmo

---

<sup>145</sup> CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2001, p. 83-87.

<sup>146</sup> GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de freira; estudo antropológico sobre vocação religiosa feminina. *Cad.Pesq.*, São Paulo, n. 73, p. 48-58, maio 1990, p. 52.



as que ficam por um longo tempo, por vezes repensam e desistem, geralmente, alegando algum motivo de doença na família.

#### **4.4 A vida nos mosteiros**

O dia num mosteiro começa cedo. Em geral pouco depois das 5 horas da manhã as irmãs já estão acordadas e começando a rotina de serviços e orações. A informação é que são em torno de 7 horas diárias de oração, ou, pelo menos assim deveria ser. O mosteiro é uma casa de dimensões consideráveis, como tivemos a oportunidade de ver, com todas as implicações que isso possa ter e são elas que tem que dar conta da arrumação e organização de tudo. Além disso, a burocracia que envolve o mosteiro, como tarefas de cozinha, limpeza, providenciar as compras necessárias, comemorações, contato com os frequentadores e correspondência, planejamentos diversos e, em muitos casos, os cuidados com as irmãs doentes e necessitadas de auxílio, ou mesmo hospitalizadas, demandam tempo, acompanhamento e, em certos casos, grande esforço físico. As irmãs, então, precisam se organizar para cumprir seus votos e as tarefas terrenas e domésticas do dia a dia.

Para dar uma ideia dessa rotina, aqui está um breve resumo de um dia das beneditinas, segundo elas mesmas. Se seguem a risca esse modelo? Tentam, mas nem sempre conseguem. As vezes o frio do inverno atrasa um pouco o horário da primeira oração do dia, as vezes uma doença quebra a escala, uma irmã se atrasa, ou algum problema surge inesperadamente. Apesar de, na maioria das vezes, os horários serem cumpridos de acordo com a sequencia pré-estabelecida e regras que todas conhecem, como sugere Goffman para suas “instituições totais”, no caso dos mosteiros, até onde pude constatar, nem todas as características do conceito estão presentes, uma vez que as informações chegam, assim como visitantes e a saída das irmãs, embora vigiada e registrada, o leque de situações em que isso pode ocorrer já não é mais estabelecido com o mesmo rigor de antigamente.

Quadro 6 - Rotina das beneditinas

05:30h	Vigílias
07:00h	Eucaristia/Laudes
08:00h	Café da manhã
08:15h	<i>Lectio</i> divina
09:00h	Terça
09:15h	Trabalho
12:00h	Sexta e almoço
14:45h	Noa
15:00h	Estudo e trabalho
17:30h	Vésperas
18:00h	Leitura espiritual
18:30h	Jantar
19:00h	Recreação
20:00h	Completas

Fonte: A autora.

O quadro acima oportuniza alguns esclarecimentos. O dia das irmãs está dividido conforme a Liturgia das Horas, que é um livro diário de orações da Igreja, que envolve diversos momentos conhecidos como Horas ou Ofícios Canônicos. Quando se fala em Ofício Canônico, por exemplo, isso implica o total de salmos, hinos, antífonas, entre outros, oficialmente determinados pela Igreja como obrigatórios e que devem ser recitados diariamente pelos monges, monjas e demais religiosos. Assim, explicam, temos o ofício de Vigílias que é longo e celebrado nas últimas horas da noite; a hora de *Laudes* que vem com o nascer do sol e celebra a ressurreição de Cristo; depois outras secções do ofício que são as horas menores que estão relacionadas com a Paixão e a pregação inicial do Evangelho, sendo orações realizadas em meio aos trabalhos rotineiros do dia; a hora de Vésperas, já ao por do sol como um louvor e agradecimento ao Senhor pelo dia concedido, rogando que a luz retorne no dia seguinte; por fim a oração de Completas, onde pedimos a proteção de Deus para a noite, onde geralmente são rezados salmos de confiança que já foram oração noturna israelita e da igreja primitiva, terminando com uma antífona à Maria, sendo que a partir desse momento deve haver grande silêncio no mosteiro. Só para complementar a informação, são sete as horas canônicas: Matinas com Laudes, Primas, Têrças, Sextas, Nonas, Vésperas e Completas.

Figura 37 - Procissão de entrada.



Fonte: blog do mosteiro. <sup>147</sup>

Figura 38- Irmãs em oração.



Fonte: blog do mosteiro. <sup>148</sup>

A Liturgia das Horas, então, deve ser celebrada 7 vezes por dia. Antes de cada celebração, conforme as imagens logo acima, do mosteiro beneditino, são inicialmente formadas duas filas. Ao tocar do sino, as irmãs vão surgindo do seu trabalho, da cozinha, das suas celas e vão se organizando, em silêncio, para formar a procissão que, segundo elas tem a intenção de simbolizar a caminhada da vida, a trajetória humana para Deus. As irmãs que aparecem no início das filas na primeira foto são à esquerda, madre Roberta e à direita, a madre emérita Paula. Logo na primeira vez que fui conhecer o mosteiro, me convidaram para participar das orações e eu fiquei. Na hora de se formarem as filas no corredor, uma novidade para mim, como tinha apenas eu de visitante, é claro, fui para o final de uma das filas. O fato das irmãs estarem em numero par, fez com que eu ficasse impar no meu posto, sem ninguém ao meu lado, mas o fato foi percebido por elas.

Quando chegamos ao salão de orações, fomos entrando de duas em duas, aos pares, e fazendo conjuntamente uma reverência para o altar e depois as duas de frente uma para outra, mais uma reverência. Como estávamos em numero impar me organizaram para entrar junto com a última dupla de irmãs, que ficou um trio. Mas a minha presença não foi negligenciada em nenhum momento e fui acompanhada com acenos de cabeça para que executasse as reverências corretas. As reverências acertei todas. Depois disso, sentei em um dos bancos e uma delas me trouxe um livro especial para visitantes (era realmente o que constava na capa do livro: “livro para visitantes”) e mais algumas folhas soltas para acompanhamento das orações e cantos. Ocorre que, além do livro, essas folhas acrescentadas, alternavam as orações

<sup>147</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.08.2017.

<sup>148</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.08.2017.

e, evidentemente atrapalhada, mas, por isso mesmo, querendo não demonstrar minha confusão, devo ter transparecido ainda mais a minha vulnerabilidade e impossibilidade em encontrar certos cantos e orações. Pude então perceber que embora as irmãs parecessem rezar e cantar em estado de concentração, eram capazes de observar exatamente o que estava acontecendo no entorno, principalmente com uma visitante recém chegada. Não foi muito fácil acompanhar a sequencia de orações. Mais de uma vez uma das irmãs, que deve ser das mais caridosas (ou observadoras) levantou do seu banco e veio colocar na minha mão a oração ou o canto correto.

Depois das orações madre Paula me perguntou se não ficaria para jantar. O cheirinho de comida já andava solto pela casa. Até gostaria, mas, com certeza, precisava de um tempo para uma maior familiarização com o campo e estava tarde. Além do que, por ser, talvez o primeiro dia na casa, queria elaborar alguns procedimentos e me organizar melhor. Era necessário, também, fazer anotações de todas aquelas informações que me haviam sido dadas durante toda a tarde. Assim, talvez por ansiedade, perdi o que poderia ter sido um momento bem mais descontraído, onde, talvez, algumas observações de campo interessantes surgissem. O fato, que no momento ainda não fazia parte do planejamento, é que pouco tempo depois, surgiria a possibilidade de permanecer por alguns dias na hospedaria do mosteiro.

Dias depois, quando retornei, então, para ficar hospedada na casa, chamou minha atenção que, ao final da noite, depois das ultimas orações, antes de se recolherem, no corredor e diante da imagem de São José Operário (no mesmo local onde se forma a procissão para ir ao salão rezar e, sustentado por um guardanapo que também, como o das Clarissas, deve ter sido feito a mão), uma vela ainda é acesa e as irmãs ficam todas em volta ali fazendo orações em homenagem ao santo. Conforme Dom Servilho, foi Pio XII que resolveu cristianizar o 1º de maio, Dia do Trabalho e dos Trabalhadores, estabelecendo em 1955 o santo como protetor da festa cristã do trabalho.<sup>149</sup> Durante o dia, porém, nos intervalos, as irmãs se dedicam a várias tarefas, inclusive, algumas delas mais voltadas para a arte e algumas outras exercidas nos seus escritórios, como podemos acompanhar a seguir.

---

<sup>149</sup> CONTI, Servilho. *O Santo do dia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 235.

Figura 39 - Imagem de São José.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>150</sup>

Figura 40 - Irmãs na oração final da noite.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>151</sup>

Figura 41 – Escritório.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>152</sup>

Figura 42 – Escritório.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>153</sup>

Figura 43 - Trabalho artístico.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>154</sup>

Dessa maneira, a vida no Mosteiro da Santíssima Trindade, segundo relatam, está organizada em quatro atividades principais: oração, trabalho, estudo e vida comunitária. Elas salientam que, pela caridade, devem ser pessoas atenciosas e delicadas para com os outros e até mesmo com os objetos, as plantas e a própria terra, conforme preconiza a Regra de São Bento. As monjas alegam que este estilo de vida monástico pode se estender a outras pessoas em alguns aspectos, que mesmo não sendo religiosas como artistas, cientistas, poetas e pesquisadores, acabam adotando parte desta rotina. Dizem conhecer pessoas que vivem esse modelo. Dessa maneira, explicaram aquela questão recorrente que sempre surge quando se fala sobre freiras de clausura, dizendo que isso não quer dizer que “fugimos do mundo ou

<sup>150</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.09.2017.

<sup>151</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.09.2017.

<sup>152</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.09.2017.

<sup>153</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.09.2017.

<sup>154</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 20.09.2017.

odiamos o mundo”, embora haja, sim, um afastamento em busca de “seguir a Cristo num relativo deserto, como lugar de encontro conosco mesmas e com Deus”, uma das expressões que se encontra em sintonia com as constituições que examinamos anteriormente.

Na rotina do mosteiro, salientam, também, que possuem momentos de oração que são abertos a comunidade, assim como grupos de reflexão, de estudos e a possibilidade de retiros individuais ou em grupo, embora, como os demais mosteiros femininos, não assumam explicitamente tarefas pastorais. Para manter o funcionamento da casa, as monjas dizem trabalhar com restauração de imagens, confecção e decoração de círios pascais e velas, costuras, cartões, mensagens, etc., bem como se dedicar a cuidar das plantações e de uma horta, em especial. Esclarecem, ainda, a possibilidade de tirar férias sempre que necessário, que se aposentam como religiosas, que a maioria possui plano de saúde, todas tem cartão do SUS e a propriedade do mosteiro está em nome delas.

O compartilhamento das tarefas diárias é realizado através de uma escala semanal que envolve a lavanderia, limpeza, cozinha e assim por diante, por escrito, com a tarefa e nome de quem vai executar. Em princípio, as tarefas tem rodízio e a madre participa igualmente da divisão. Entre os diversos trabalhos domésticos e manuais desenvolvidos no mosteiro, muitos dos quais já foram citados, destaca-se a escrita de ícones que é realizada por uma das monjas da casa, a irmã Andrea.

Irmã Andrea, natural de Minas Gerais, também é responsável por receber os visitantes. Foi uma das primeiras pessoas com quem fiz contato e que, de saída, me apresentou ao seu trabalho com os ícones, já na minha visita inicial. Deu-me inúmeras explicações a medida que me mostrava várias imagens e objetos representativos em uma grande sala, mas eu, como não anotei nada e não consegui refazer as informações porque eram muitas e eu não conhecia quase nada sobre essa forma de arte, perdi aquela oportunidade. Irmã Andrea tem uma sala de desenho onde trabalha e guarda todo seu material, a sala da “irmã da iconografia” como disse um dia madre Paula. É um tipo de arte que parece diferir daquela que classificamos cotidianamente como sacra, ou seja, denominando toda e qualquer pintura que esteja dentro de uma igreja como arte sacra. A partir daí, em conversas posteriores e nas pesquisas que fiz sobre a arte do ícone, descobri, por exemplo, que deve obedecer às normas de uma ortodoxia e que o pintor não tem liberdade de “inovação”, apenas de uma “certa inspiração”. A pintura objetiva demonstrar apenas o “essencial”. Nas imagens a seguir, vemos irmã Andrea e dois dos seus ícones.

Figura 44 - Iconografia.



Fonte: Jornal Riovale. <sup>155</sup>

Figura 45 - Ícones.



Fonte: Jornal Riovale. <sup>156</sup>

Segundo irmã Andrea, então, é um trabalho que não deve se preocupar com a beleza e é realizado com materiais minerais, natural e vegetal e as imagens são reproduzidas a partir dos cânones, requer muita dedicação e orações, é uma tarefa minunciosa que leva muito tempo para ficar pronta, o que torna a peça bastante cara. <sup>157</sup> Essa forma específica de arte foi encontrada apenas no mosteiro beneditino. Já a arte da música, do canto e de tocar instrumentos musicais faz parte dos três mosteiros.

A rotina das Carmelitas, por sua vez, inclui acordar cedo, iniciar o dia rezando a Liturgia das Horas, depois oração pessoal, missa, formação, trabalho, intercalando as horas de refeições, duas horas de recreio, leitura espiritual e trabalhos menores, como o artesanato, por exemplo e terminando o dia com o Ofício de Completas. O horário de recolhimento, porém, é às 22h. Uma particularidade comentada pela madre é que ali, tudo tem seu horário e quase todas as atividades são realizadas em comunidade, sempre juntas. Isso é um pouco diferente dos outros dois mosteiros que admitem orações e recolhimentos durante algum tempo nas celas individuais, até onde pude entender. A madre salientou que elas pertencem a ordem que mais recebe pedidos de vocacionadas e que isso se deve justamente ao rigor com que atuam, uma vez que os jovens querem essa radicalidade, não desejam meio-termo. Realmente, dos três mosteiros pesquisados este é o que possui o maior número de monjas vivendo na casa. Justificou que o carisma do mosteiro (que é uma maneira de viver) está baseado em Santa Teresa e que se mudarem o carisma, perdem a identidade. Pensam que ajudam as pessoas

<sup>155</sup> Disponível em: <<http://www.riovalejornal.com.br/materiais/1185>> Acesso em 15.10.2018.

<sup>156</sup> Disponível em: <<http://www.riovalejornal.com.br/materiais/1185>> Acesso em 15.10.2018.

<sup>157</sup> MOSTEIRO da Santíssima Trindade mantém viva a tradição dos ícones. Por Alyne Motta. 07.04.2012. Riovale Jornal. Disponível em: <<http://www.riovalejornal.com.br/materiais/1185>> Acesso em 12.06.2017.

muito mais do que se estivessem no trabalho de vida ativa em contato direto com a humanidade, pois “a oração não tem limites, pode estar em todos os lugares, com aqueles que precisam e sofrem, pode alcançar outros países, toda a igreja de Deus”. A madre reconhece, também, o valor das outras ordens, mas no seu entender, as outras abraçam muitas atividades e acaba não sobrando tempo para a oração. Relata que o mosteiro Nossa Senhora do Carmo é basicamente de oração e que as ordens menos radicais são ordens que tendem a desaparecer, concluiu. Quando perguntei sobre como a casa se mantém, a madre informou que isso se dá através das doações dos benfeitores, pelo trabalho das irmãs, pela novena com padaria e, principalmente, pela providência divina. Quando tentei supor que, se um dia, por acaso, viesse a faltar dinheiro para manter a casa, como fariam em tal situação, respondeu que essa possibilidade não existia.

Já no mosteiro São Damião, por ser de Clarissas, uma das coisas que mais chama a atenção e gera controvérsias é o voto de pobreza, até porque essa sempre foi uma luta especial de Clara de Assis, conforme as informações. Segundo as irmãs, ao contrário do que se possa pensar, o voto de pobreza não quer dizer miséria, embora a congregação das irmãs se compreenda diferente das outras, no sentido de não poder ter nada não apenas em nome das religiosas, mas também da congregação. No caso específico do São Damião, por exemplo, que não é uma pessoa jurídica, a casa e o terreno estão em nome da Cúria de Porto Alegre, embora os pagamentos e impostos decorrentes do imóvel sejam de responsabilidade das religiosas. As irmãs do mosteiro não tiram férias, se aposentam e todas tem plano de saúde.

No que tange ao número de vocacionadas, reconhecem as dificuldades atuais, mas dizem que é possível solicitar o aumento do grupo, recorrendo, inclusive a Federação a qual, em princípio, todos os mosteiros devem ser filiados. Neste caso, a Federação da Sagrada Família, Regional São José, a qual o mosteiro é filiado, entende as Clarissas como membros de Ordem Contemplativa claustral que “possuem paradoxalmente, desde a sua fundação em 1212, uma interessante característica missionária de estabelecer-se em lugares de fronteira e de vanguarda”, assim como nos primeiros tempos que se estabeleceram “em territórios que estavam sendo tomados pelos muçulmanos, no Oriente Médio, na Polônia e Espanha”.

As Clarissas contabilizam cerca de 20.000 religiosas no mundo, distribuídas em 986 mosteiros, através de 9 denominações diferentes conforme a Regra ou Constituições observadas. As denominações são as seguintes: Clarissas com a forma de vida de Santa Clara; Clarissas Urbanistas; Clarissas Coletinas; Clarissas Capuchinhas; Clarissas Sacramentinas;

---



Clarissas da Adoração Perpétua, com a Regra de Santa Clara ou a de Urbano IV; Clarissas Capuchinhas Sacramentistas e Clarissas da Divina Providência.<sup>158</sup> A Federação teve início em 1989 e a primeira presidente foi Madre Maria Coleta, que até hoje vive no Mosteiro São Damião, em Porto Alegre.

A Federação, então, tem papel importante na vida do mosteiro que depende bastante da ajuda constante dos benfeitores que, em geral, são pessoas que ali obtiveram algum tipo de ajuda espiritual e que, por conseguirem muitas delas resolver seus problemas através do aconselhamento e/ou das orações das irmãs, desenvolveram essa relação de benfeitoria com a casa. Segundo as religiosas, nada lhes falta, pois essas pessoas estão constantemente em contato com elas, providenciando toda ajuda de que necessitam. Muitas vezes, inclusive, acontece de sobrar alimentos, que são redirecionados para instituições como a Toca de Assis dos franciscanos, ou uma escola de surdos-mudos, por exemplo. Por outro lado, a vida no mosteiro, apesar de contemplativa e de receber tais doações, assim como os outros, não exclui os trabalhos manuais da casa, como limpeza, comida, lavanderia, algumas plantações. Antigamente, contam, até faziam os paramentos, ou seja, as roupas dos padres, agora não fazem mais. O fato é que o dia a dia ali começa bem cedo e com muita disciplina.

Acordam às cinco e trinta da manhã. Às seis, começa a oração. Como nos outros mosteiros, são sete horas de oração, por dia, seguindo igualmente a Liturgia das Horas ou Canônicas. Quando acaba a *laudes*, que dura uma hora, tem meia hora de meditação do evangelho. Aí, voltam para a capela e fazem a adoração, em silêncio. Depois, o café, que tomam também em silêncio. Enquanto isso, a adoração, na capela, continua. As irmãs procuram se revezar para que sempre tenha uma delas em adoração, naquele local. Ao mesmo tempo, vão desempenhando suas tarefas do cotidiano, como lavar roupa e cozinhar. Depois do almoço, uma hora livre, das treze às quatorze horas. Desenvolvem, também, durante o dia, o que chamam de formação, que é uma discussão sobre catecismo, vida dos santos, de São Francisco, de Santa Clara, mensagens do papa, por exemplo. Às dezesseis e trinta, fazem uma leitura espiritual, individual. Às dezessete e trinta rezam o terço, na Igreja, junto com as pessoas da comunidade. Às dezoito horas é a missa. Às dezenove, a janta, que chamam de colação: “não é comida, assim, arroz feijão, é café com pão”. Depois, um recreio até às vinte horas, e mais uma leitura da liturgia, com o nome das pessoas que pediram recomendação e

---

<sup>158</sup> Disponível em < <http://www.clarissas.net.br/federacao> > acesso em 18.02.2018.

também agradecimentos. Às vinte e trinta, quando as atividades são finalizadas, recolhem-se as suas celas individuais.<sup>159</sup>

#### 4.5 Rituais e comemorações

Florence Weber ao voltar a sua cidade natal para realizar um determinado trabalho de campo e tendo que visitar uma organização que era importante para sua pesquisa, percebeu alguns medos que surgiram a partir da ideia dessa visita. Florence Weber estabeleceu consigo mesma que teria que dar conta de encarar sua suposta neutralidade, seu pertencimento a determinada classe, suas possíveis alianças de campo, mas acima de tudo as imagens ou pré-noções que fazia, em princípio, sobre o referido local, onde realmente nunca tinha estado. Logo após a visitação, mais aliviada relata que ficou muito surpresa ao “respirar o mesmo ar, ver as mesmas cores, me sentir banalmente presente: o tempo está fechado, está abafado, o céu está claro, nem mais nem menos do que ‘fora’ dali, não se passou para um outro mundo”. No entanto, depois de um tempo e vencidas aquelas preocupações iniciais, deu-se conta e lastimou “o fato de ter um olhar tão pouco treinado para tudo isto, o que me impede de tirar melhor proveito”, e esse fato, para ela, representou uma virada que permitiu refletir sobre “as cenas sociais de interconhecimento”.<sup>160</sup>

Nossa reflexão, porém, tem início na identificação de alguns momentos que são considerados importantes num mosteiro como a missa, as orações e comemorações com a comunidade, a presença de um bispo, a profissão de uma religiosa ou a posse de uma nova coordenação da casa que implica a eleição de uma abadessa ou priora. No nosso caso, embora se trate de Clausura Religiosa Feminina, dificilmente um desses rituais será realizado sem a presença dos homens (padres e bispos) que, por sinal, são aqueles que desenvolvem e coordenam a cerimônia. As cerimônias, em princípio, são rituais interpretativos e simbólicos de certas passagens bíblicas e que tendem a reviver alguns cenários ali descritos como forma de iniciação ou mesmo de lembrar ou manter um ato através dos tempos.

A Igreja católica é rica em símbolos e ritos, a começar pelo esquema ou roteiro da celebração de uma missa, por exemplo, que envolve uma série de gestos, palavras, sinais e objetos. Cada gesto como ficar sentado, de pé, de joelhos, inclinação, procissão, mãos

---

<sup>159</sup> SILVA, Eliane. *Mosteiro de São Damião em Porto Alegre: Primeiras Clarissas no sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Monografia (Graduação em história), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, p. 97.

<sup>160</sup> WEBER, Florence. *Trabalho fora do trabalho uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 54-57.

levantadas e mãos juntas e em silêncio tem sua origem e explicação. Conforme o padre Luiz Cechinato, antigamente fazia parte da missa um gesto chamado prostração, muito a gosto dos orientais que se prostravam com o rosto na terra para orar. Hoje, alerta o padre, “essa atitude é própria de quem se consagra a Deus, assim como na ordenação sacerdotal significa morrer para o mundo e nascer para Deus”,<sup>161</sup> o que não é muito diferente das prostrações que devem ser feitas no cerimonial de profissão de uma religiosa.

Cechinato também cita alguns objetos litúrgicos como hóstia, vinho, cálice, âmbula, patena, água, pala, sanguinho, corporal, galhetas, manustérgio, missal, crucifixo, incenso, velas e flores, aqui não importando muito saber o que significam, mas apenas dar uma ideia de como vários símbolos, muitas vezes nem tão aparentes assim, estão dispostos e fazem parte de uma missa, que por sua vez, é onde ocorre o ritual de profissão das religiosas. De certa maneira, é um entendimento proposto por Giddens, ao dizer que a religião “envolve um conjunto de símbolos, que invocam sentimentos de reverência ou de temor, e está ligada a rituais ou cerimoniais (como os serviços religiosos) dos quais participa uma comunidade de fiéis”.<sup>162</sup>

Dessa maneira, tempos atrás, tive a oportunidade de assistir e registrar uma cerimônia de profissão de duas irmãs clarissas. Assim, por exemplo, na primeira imagem, logo abaixo (figura 46), podemos ver um painel elaborado a mão pelas irmãs da casa e que até lembra os trabalhos escolares de colagem e recolagem artesanal ao molde daqueles que se costumava realizar antigamente, e que foi disposto bem na entrada da Igreja, como uma homenagem para as que estavam professando. Ao mesmo tempo, registrava o nome das irmãs que agora faziam suas promessas definitivas, irmã Maria Inês e Maria Francis, parabenizando e desejando felicidades pelo momento vivido, enquanto, no ponto central saudava Clara de Assis, a fundadora da ordem e a própria vida no mosteiro ao dizer que “Clara, permanecendo encerrada no seu convento, fora irradiava raios resplandecentes, enquanto calava sua fama clamava”. Na segunda foto (figura 47), vemos a Igreja ornamentada para uma cerimônia de casamento e, na terceira (figura 48), duas jovens vestidas de branco, a cor considerada por muitos como da pureza e das noivas, carregando duas alianças destinadas as duas novas “esposas de Cristo”, que entram logo atrás das duas jovens que portam as alianças. Estavam presentes, naquela ocasião, para realizar a cerimônia, o Provincial da ordem e o bispo, diante dos quais as irmãs realizaram as suas prostrações, além de várias pessoas da comunidade

<sup>161</sup> CECHINATO, Luiz. *A missa parte por parte*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979, p. 20.

<sup>162</sup> GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. São Paulo: Artmed, 2001, p. 427.

assistindo o evento. Quase não sobraram lugares vagos na Igreja, o que comprova a participação da comunidade. Após a cerimônia, as irmãs foram longa e efusivamente cumprimentadas e a “alegria” pareceu tomar conta de todos, num verdadeiro “clima de festa”.

Figura 46 - Homenagem.



Fonte: A autora (2010).

Figura 47 - Igreja ornamentada.



Fonte: A autora (2010).

Figura 48 - Profissão.



Fonte: A autora (2010).

Um outro momento importante para o mosteiro ocorre ao se dar a eleição e a posse de uma nova coordenação. Conseguimos esse registro no “blog dos freis franciscanos” com fotos e comentários sobre a missa que foi presidida pelo bispo auxiliar de Porto Alegre, Dom Leomar Antônio Brustolin (também professor da PUCRS e coordenador do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Teologia), que participou, conforme imagem logo abaixo.

Figura 49 - Bispo auxiliar e as clarissas.



Fonte: blog dos franciscanos. <sup>163</sup>

O mesmo blog registrou outras informações sobre a posse da nova coordenação do Mosteiro São Damião quando a irmã Maria Francisca que até então era a abadessa, (aqui usam este termo, diferentemente das beneditinas) entregou ao Provincial, Frei Inácio Dellazari as

chaves do mosteiro, símbolo da responsabilidade de conduzir a casa e as irmãs, que atualmente está nas mãos da irmã Maria Emanuela Trindade, auxiliada por irmã Chiara Maria, como vigaria e irmã Maria Inês como discreta. O blog registra, ainda, o fato do Mosteiro passar por sérios desafios devido ao envelhecimento das irmãs que ali vivem, justificando que aquelas que assumiram a atual coordenação vieram do Mosteiro Santa Clara de Campina Grande, na Paraíba.<sup>164</sup> Essas eleições, segundo as irmãs, são realizadas de três em três anos e uma madre só pode renovar seu cargo por mais três anos se obtiver a licença de Roma. Para ser eleita, deve obter dois terços dos votos.

Figura 50 - Nova coordenação do mosteiro.



Fonte: blog dos franciscanos.<sup>165</sup>

Em novembro de 2017 surgiu a oportunidade de acompanhar uma cerimônia de votos perpétuos, desta vez do mosteiro beneditino da Santíssima Trindade, em Santa Cruz do Sul, evento que deslocou as irmãs da casa para o centro da cidade, para a Igreja da Ressurreição, dado o número expressivo de pessoas que intencionavam comparecer. Em relação a esse tipo de evento, é interessante que se diga que foi sendo construído aos poucos, ao longo do tempo. Sabemos que desde os primeiros séculos houve, na Igreja, várias formas de vida religiosa, embora só mais tarde tenham aparecido testemunhos de um rito litúrgico de pedido e compromisso daqueles que pretendessem abraçar esse modo de vida. Os textos e ritos desse tipo de evento, no entanto, variam conforme a comunidade e a ordem em que ocorrem. Já vimos que a profissão religiosa significa que uma pessoa torna pública sua escolha de vida

---

<sup>163</sup> Disponível em: < <http://www.franciscanos-rs.org.br> > Acesso em 02.01.2019.

<sup>164</sup> Disponível em: < <http://www.franciscanos-rs.org.br> > Acesso em 02.01.2019.

<sup>165</sup> Disponível em: < <http://www.franciscanos-rs.org.br> > Acesso em 02.01.2019.

numa determinada comunidade religiosa, que se compromete e é aceita por aquela comunidade. Nesse sentido, conforme o “blog gotas de liturgia”, com o tempo, esses textos e ritos foram revistos pelo Vaticano II, tais como a consagração das virgens, por exemplo, uma vez que apresentavam anteriormente, formas não muito dignas com os textos litúrgicos e, de acordo com as novas orientações foi publicado no Brasil em 1970, o ritual da profissão religiosa e ritual da consagração das virgens, onde, sobretudo a profissão perpétua, a mais solene, tinha maior significado para a Igreja. Assim, esclarece o referido blog, o rito da profissão perpétua, tem seu lugar dentro da missa, depois da liturgia da palavra. A estrutura da celebração começa pelo chamamento da candidata, depois a homilia que explica e aplica as leituras ao momento, interrogatório sobre as intenções da pessoa, oração da comunidade sobre ela, profissão segundo a fórmula específica da família religiosa em questão, benção e consagração da recém-professa, entrega de símbolos que podem ser vestes e insígneas, abraço dos superiores e superiores e das outras professoras perpétuas, conclui o mesmo blog.<sup>166</sup>

Para os votos perpétuos da irmã beneditina em Santa Cruz, vieram de Porto Alegre cerca de 20 pessoas e um ônibus foi locado para transporte de ida e volta no mesmo dia. Durante a cerimônia, a irmã que iria professar estava visivelmente “ansiosa e emocionada” e parte de sua família estava presente na igreja. As demais irmãs do mosteiro estavam presentes e algumas muito “agitadas”, em função dos últimos detalhes da organização do evento. Quando cheguei, lembro que a primeira pessoa conhecida que contatei foi a mãe que estava, naquele momento, retirando do carro um material de apoio para a cerimônia.

O ritual durou quase duas horas e, no final, todos foram convidados para um almoço, que foi servido no salão perto da igreja, do qual participaram as monjas, os visitantes de Porto Alegre e muitas outras pessoas ligadas ao mosteiro e grupos da igreja e da cidade. O almoço já estava previsto, foi divulgado anteriormente e era pago. O salão era grande e estava repleto de participantes, embora chovesse muito desde cedo e a chuva tivesse aumentado ainda mais no trajeto da igreja para o salão. Na oportunidade, foi difícil entender como surgiram tantos “guarda-chuvas oferecendo carona” até o salão. Particpei do almoço, que para mim foi uma surpresa, parecendo “muito alegre e descontraído”, e onde conheci uma ex-freira bem jovem, que hia deixado com muita dificuldade a profissão, explicando que não é uma trajetória fácil, nem para entrar, muito menos para renunciar. O almoço era farto, não faltou “a massa, frango e nem a salada de maionese”, as pessoas pareceram se servir a vontade e, como bebida, a opção por água, refrigerante e cerveja. Na minha percepção, as irmãs, pelo

---

<sup>166</sup> Disponível em < <http://gotasdeliturgia.blogspot.com.br> > acesso em 20.04.2017.

menos as que estavam almoçando mais próximas de mim, pareceram inseridas “muito a vontade” junto às pessoas da comunidade externa.

Assim, podemos, agora, observar algumas características e registros da cerimônia ocorrida. A primeira imagem (figura 51) que apresentamos, então, é da igreja de Santa Cruz e no momento anterior ao início da cerimônia, enquanto as últimas providências ainda eram tomadas para o evento e as pessoas iam chegando e ocupando os bancos disponíveis, a espera do evento. A imagem seguinte (figura 52) mostra as irmãs do mosteiro, no primeiro banco da igreja, onde uma delas filmou a cerimônia.

Figura 51 - Igreja a espera da profissão.



Fonte: A autora (2017).

Figura 52 - Irmãs aguardando a profissão.



Fonte: A autora (2017).

Antes propriamente de começar a missa, a madre emérita Paula Ramos (figura 53), obteve espaço neste evento, talvez um momento raro, por ser mulher, e falando ao microfone, explicou aos presentes a importância e o significado da cerimônia. Foi muito visível o quanto a religiosa chamava a atenção das pessoas que, desde o início da cerimônia, ao chegarem na igreja, comentavam sobre a sua presença e procuravam ficar mais perto dela, cumprimentá-la, pegar sua mão, sorrir, qualquer forma de aproximação física, de verem a madre de perto e “serem vistas” por ela. Na (figura 57), podemos observar a irmã que iria professar, antes da consagração dos seus votos definitivos. A irmã, entre “séria e muito emocionada”, trazendo nas mãos uma lamparina acesa, caminha em direção ao altar, onde será realizado todo o ritual.



Figura 53 - Madre Paula fala na missa.



Fonte: A autora (2017).

Figura 54 - Entrada da Irmã que vai professar.



Fonte: A autora (2017).

Ao longo da missa, em determinado momento, a irmã que estava professando interrompe as orações e mostra com os braços e mãos voltadas para o alto, a cédula de profissão (um documento de compromisso que deve ficar no mosteiro) que assinou diante de todos que estavam ali presentes, enquanto recebia a “benção do bispo”. Logo a seguir, então, o registro, inclusive, da prostração, que já falamos anteriormente, e que é realizada diante dos padres e do altar.

Figura 55 - Irmã professando.



Fonte: A autora (2017).

Figura 56 - Irmã prostrando.



Fonte: A autora (2017).

Figura 57 - Prostração no chão.



Fonte: A autora (2017).



No encerramento, ao lado da madre emérita, da madre Roberta, das demais irmãs e entre os padres presentes na cerimônia, depois dos votos perpétuos declarados, vemos a irmã que professou, que agora realmente pertencente a comunidade e que mostra mais uma vez ao público a cédula de profissão assinada. Note-se que ela é quase a única a “não controlar um sorriso no rosto” que parece transmitir uma “realização” por ter “chegado até ali”, além de toda uma trajetória de formação e prováveis inseguranças quanto a se seria realmente aceita ou não no mosteiro. É interessante, ainda, perceber, a composição da foto que se forma com os homens todos de branco e as mulheres todas de escuro, com exceção dos véus.

Figura 58 - Irmã que professou mostra a cédula.



Fonte: A autora (2017).

Simbolicamente, neste caso, a lamparina tem a ver com a parábola das dez virgens que é relatada em Mateus (Mt, 25), na bíblia. Conta esta parábola que o reino dos céus será semelhante a dez virgens que saíram com suas lâmpadas ao encontro do noivo, sendo que cinco eram tolas e cinco prudentes. Pegando as lâmpadas, as tolas não levaram óleo consigo, mas as prudentes levaram reservas de óleo junto com as lâmpadas. Como o noivo demorasse, todas adormeceram quando à meia-noite alguém gritou: ele chegou! Ao final da história, então, somente as prudentes entraram com o noivo para a festa de casamento e a porta foi fechada. Resumo teológico da parábola: vigiai, pois, porque não sabeis nem o dia nem a hora.

Para os oblatos, conforme o estatuto, também há um ritual próprio que se chama de vestição e oblação, com cartas de oblação, à semelhança da cédula de profissão, que deverão

ser conservadas nos mosteiros. A oblação pode ser anulada em casos excepcionais por qualquer uma das partes, diz o estatuto. Caso desejem, inclusive, poderão ser sepultados com o hábito monástico, ou seja, a túnica, o cingulo e o escapulário, complementa.<sup>167</sup> Nesse sentido, é comum entre as religiosas, a vontade e o sonho de vestir o hábito, sendo que algumas, mesmo antes de poder usá-lo, dizem chegar a sentir o peso e a forma da roupa sobre o corpo. Nas próximas fotos, do ano de 2009, do mosteiro da Santíssima Trindade, estão registradas as cerimônias das primeiras admissões ao noviciado desses oblatos e oblatas. Atualmente o mosteiro conta com 7 seculares e nenhum claustral (que resida no mosteiro).

Figura 59 - Rito de oblação.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>168</sup>

Figura 60 - Cerimônia de oblatas.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>169</sup>

Nessa breve apresentação, podemos pensar com Clifford Geertz, que é no ritual ou no comportamento sagrado que se origina, de certa maneira, a convicção de que “as concepções religiosas são verídicas e que as diretivas religiosas são corretas”. Para esse autor, é em alguma forma de cerimônia que disposições induzidas por símbolos sagrados e concepções mais gerais formuladas para os homens se encontram e reforçam. Assim, conforme Geertz, é no ritual que “o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas, tornando-se um mundo único”. Enquanto para os visitantes, as realizações religiosas são vistas de uma perspectiva religiosa particular “podendo ser apreciadas esteticamente ou dissecadas cientificamente”, para os participantes são “interpretações, materializações, realizações da religião, não apenas modelos daquilo que acreditam, mas também modelos *para* a crença nela”.<sup>170</sup>

<sup>167</sup> Informações apropriadas do Estatuto dos Oblatos Seculares da Congregação Beneditina do Brasil. Estatuto disponível em: <<http://www.osb.org.br/oblatosrj/estatuto>> Acesso em 30.05.2017.

<sup>168</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 16.09.2017.

<sup>169</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogs>> Acesso em 16.09.2017.

<sup>170</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 82-83.

#### 4.6 A Internet atravessa os muros

“Em 1991, uma campanha da marca *The United Colors of Benetton* provocou polêmica ao mostrar uma freira beijando um padre: o anúncio foi proibido em vários países. A foto de Oliviero Toscani era uma crítica ao celibato imposto pela Igreja Católica e desafiava os valores tradicionais da religião”.<sup>171</sup> Descobrimos a foto justamente num *facebook* em nome das carmelitas do Mosteiro Nossa Senhora do Carmo, que provavelmente não é alimentado pelas freiras. A postagem, que não foi feita por nenhuma das irmãs, falava sobre um *outdoor* que havia sido instalado na época, com a foto do beijo, quase na frente do mosteiro. Esta postagem no *facebook* sofreu um único comentário: “em 1992 os conservadores da era atual ainda não tinham nascido”. Essa, porém, não seria a primeira nem a última grande polêmica da marca, que parece escolher, além da imagem, o local exato onde quer instalar seus acontecimentos. Patrick Charaudeau, especialista em análise de discurso, embora não esteja falando exatamente desse tipo de mídia, sustenta que a finalidade de uma informação midiática é a de relatar o que ocorre no espaço público, assim, o “acontecimento será selecionado e construído em função de seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade”. E, principalmente a imprevisibilidade da imagem é o que vem agitar a possível tranquilidade do local, além de publicizar o comunicado com o objetivo de renovar do lado de cá dos muros votos refeitos de manter a originalidade e a fama dos operadores do acontecimento.<sup>172</sup> Não há, portanto, forma de isolamento que consiga impedir o mundo externo de “cutucar” os muros de um mosteiro.

Figura 61 – O beijo.



Fonte: Página do mosteiro no *facebook*.<sup>173</sup>

<sup>171</sup> Disponível em: < <https://www.propagandashistoricas.com.br/2013/09/united-colors-of-benetton-freira-e.html> > Acesso em 12.09.2018.

<sup>172</sup> CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 101.

<sup>173</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/Mosteiro-Nossa-Senhora-Do-Carmo/563647740455651>> Acesso em 18.09.2018.

Cada mosteiro, por sua vez, encontra uma necessidade de se readequar construindo seu lugar nas redes e na internet, seja apenas divulgando sua existência, ou buscando no mundo externo novas vocacionadas, uma forma, também, de procurar garantir sua continuidade nos dias de hoje. Assim, além daquela relação mais superficial e premente que implicaria, por exemplo, a necessidade de tratar diretamente com os trâmites de uma reforma na casa, ou resolver pagamentos e problemas referentes a luz, água, telefone, internet, compra de produtos alimentícios, de limpeza e higiene pessoal, mobília básica, acessórios importantes para a enfermaria, computadores, celulares, remédios, médicos, planos de saúde, uma conta num banco, ofertas por telefone, entre outros, uma outra mais elaborada e direcionada se faz imprescindível, que é justamente essa busca de divulgação e contatos através da internet, que afinal é um meio de comunicação que atualmente atinge um grande número de pessoas. É quando, então, podemos verificar como os três mosteiros, cada um a sua maneira, trabalham esta inserção, alguns com mais informações e divulgações do que os outros que acabam incluindo vídeos, entrevistas, artigos etc., mas todos ali presentes, de uma forma ou de outra.

Figura 62 - Irmãs Beneditinas.



Fonte: blog do mosteiro. <sup>174</sup>

Figura 63 - Irmãs Beneditinas.



Fonte: blog do mosteiro. <sup>175</sup>

<sup>174</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogspot.com>> Acesso em 16.09.2017.

Figura 64 - Irmãs Carmelitas.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>176</sup>

Figura 65 - Irmãs Clarissas.



Fonte: blog do mosteiro.<sup>177</sup>

Figura 66 - Irmãs Carmelitas.



Fonte: Jornal Zero Hora.

Fora especificamente os três mosteiros pesquisados, é possível assistir uma infinidade de vídeos, artigos e reportagens das ordens, em geral, e de diversas casas religiosas que passam a explicar como é a vida em clausura, mostram os edifícios por dentro, inclusive as celas, onde as irmãs oportunizam depoimentos sobre como chegaram a optar por essa forma de vida, sobre o que deixaram para trás, apresentando “chamadas” elaboradas que pretendem sensibilizar novas candidatas, assim como fazem “propaganda e campanha” em prol da vida contemplativa, quase sempre apresentada como “muito feliz e alegre”.

<sup>175</sup> Disponível em: <<http://mosteirobeneditinosantissimatrindade.blogspot.com>> Acesso em 16.09.2017.

<sup>176</sup> Disponível em: [http://www.irmascarmelitas.com.br/index.php?pr=conteudo&mn\\_codigo=14&ct\\_codigo=133](http://www.irmascarmelitas.com.br/index.php?pr=conteudo&mn_codigo=14&ct_codigo=133) Acesso em 14.01.2019.

<sup>177</sup> Disponível em: <<http://www.clarissas.net.br/mosteirosAll.php?id=36>> Acesso em 10.04.2018.



Figura 67 - Clausura de Carmelitas.



Fonte: *print screen* Aleteia. <sup>178</sup>

Figura 68 - Deus chama pelo facebook.



Fonte: Página do Jornal El País. <sup>179</sup>

Figura 69 - Casamento com Jesus.



Fonte: Acidigital. <sup>180</sup>

Figura 70 - Vestida de noiva.



Fonte: Acidigital. <sup>181</sup>

Figura 71 - Freiras de clausura abrem as grades.



Fonte: GPS Lifetime. <sup>182</sup>

Figura 72 - Entrevista com as enclausuradas.



Fonte: GPS Lifetime. <sup>183</sup>

<sup>178</sup> Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2014/05/18/experimente-15-dias-de-clausura-a-interessante-iniciativa-de-um-convento-carmelita/> Acesso em 12.01.2019.

<sup>179</sup> Disponível em: <https://brasil.elpais.com/tag/facebook/a/2> Acesso em 12.01.2019.

<sup>180</sup> Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/ingressou-no-mosteiro-vestida-de-noiva-e-seu-casamento-com-jesus-comove-as-redes-96706> Acesso em 12.01.2019.

Figura 73 - Irmãs de clausura contam sua vida.



Fonte: Página do youtube.<sup>184</sup>

Diante das noções apresentadas, resta uma interrogação e várias surpresas decorrentes de alguns desses exemplos mostrados logo acima (e principalmente dos muitos outros que não estão aqui) que sugerem todas essas inserções e atualizações, mas que lavam a imaginar que a vida de clausura pode não ser das cores com que foram pintadas nesse meio de comunicação. São dúvidas que encontram eco, em parte, junto às sinalizações de Ávila Santos, quando observamos mais de perto a arquitetura dos mosteiros, que apesar de estar focado nos programas ornamentais de fachada de um edifício, no seu artigo recorda como as “sutis manipulações do esconder/mostrar” visam “orientar o olhar do espectador”.<sup>185</sup>

Nesse sentido e através de uma lente mais teológica, veremos, que apesar da propagada “felicidade e alegria”, como o próprio cristianismo, em geral, tem essa marca do sofrimento de Cristo, que é muito forte na religião. Isso nos remete a uma interessante e esquecida explicação, chamada disciplina do arcano, que chegou a ser muito significativa nas primeiras épocas da Igreja e que pode representar uma importante chave de leitura para essas ordens mais reservadas, como as de clausura, por exemplo.

<sup>181</sup> Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/ingressou-no-mosteiro-vestida-de-noiva-e-seu-casamento-com-jesus-comove-as-redes-96706> Acesso em 12.01.2019.

<sup>182</sup> Disponível em: <https://gpslifetime.com.br/conteudo/cotidiano/10/freiras-que-vivem-reclusas-abrem-as-grades-do-claustro> Acesso em 12.01.2019.

<sup>183</sup> Disponível em: <https://gpslifetime.com.br/conteudo/cotidiano/10/freiras-que-vivem-reclusas-abrem-as-grades-do-claustro> Acesso em 12.01.2019.

<sup>184</sup> Disponível em: <https://www.google.com.br/search?> Acesso em 12.01.2019.

<sup>185</sup> SANTOS, Carlos Alberto Avila. Espelhos, máscaras, *vitrines*: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas Pelotas 1870-1930. In: BULHÕES, Maria Amélia; SANTOS, Alexandre...[et al.] (org.). *Memória em caleidoscópios: artes visuais no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 79.

Segundo Arthur S. Barnes, a preocupação, naquele tempo, era ocultar dos “pagãos” o conhecimento dos mistérios mais íntimos da religião cristã e, inclusive, daqueles que estivessem recebendo instruções iniciais sobre a fé, pois havia muitos entendimentos errôneos e que intensificavam as perseguições.<sup>186</sup> Ivan Bilheiro, numa pesquisa mais voltada para a simbologia artística cristã, realizou uma pesquisa sobre como a disciplina do arcano teve grande influência uma vez que proibia representar, no segundo século, principalmente, os mistérios da religião, por medo de profanação. Segundo Bilheiro, os artistas recorriam a motivos pagãos, mas sujeitos a uma interpretação cristã, não evidenciada para os leigos, numa iconografia que transpunha temas não-cristãos, em temas cristãos. O cenário permitiu o aparecimento do simbolismo cristão, contribuindo para o sucesso da história da Igreja, uma vez que a força de comunicação dos símbolos é inquestionável e adaptou-se à linguagem religiosa, conclui Bilheiros.<sup>187</sup>

Tempos depois, conforme Joaquim Schwartz, um teólogo luterano, Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), abordou a estreita relação entre o escondimento de Deus no sofrimento, retomando justamente esse conceito da disciplina do arcano. A disciplina não teria a ver com a impossibilidade teórica de conhecer Deus, mas com o fato de que Deus só pode ser reconhecido no mundo no seu sofrimento, num estado que não poderia ser considerado divino. Dessa maneira, completa Bonhoeffer, a Igreja que se associa ao sofrimento de Deus, deve ser arcana, isto é, oculta.<sup>188</sup>

Durkheim, o sociólogo do coletivo, no entanto, diante mesmo de um suposto renascimento do misticismo, anunciado no prefácio das *Regras do método sociológico*, expressou sua fé no futuro da razão e da construção de uma sociedade laica, defendendo que há bem mais sobrevivências na sociedade como um todo do que num organismo e que as palavras exprimem ideias novas sem que sua contextura na realidade, se modifique, chegando a exemplificar como os “dogmas religiosos do cristianismo continuam os mesmos há séculos; mas o papel que desempenham em nossas sociedades modernas não é mais o mesmo que na Idade Média”.<sup>189</sup> O sociólogo reconheceria o fenômeno religioso como fenômeno social,

<sup>186</sup> Fiquei conhecendo a Disciplina do Arcano, através do Prof. Érico Hammes da pós-graduação da PUCRS. As informações sobre o termo estão no artigo Disciplina del arcano de BARNES, Arthur B. disponível em < [http://www.mercaba.org/FICHAS/Enciclopedia/D/disciplina\\_del\\_arcano.htm](http://www.mercaba.org/FICHAS/Enciclopedia/D/disciplina_del_arcano.htm) > acesso em 16.04.2018.

<sup>187</sup> BILHEIRO, Ivan. *A Arte Semântica dos primórdios do Cristianismo: a Disciplina do Arcano e o Simbolismo Cristão*. Revista Urutágua nº 15, abril-mai-jun-jul 2008, Maringá Paraná, p. 62-65. Disponível em <http://www.urutagua.uem.br> . acesso em 20.04.2018.

<sup>188</sup> SCWARTZ, Joachim. *La iglesia del arcano en Dietrich Bonhoffer*. Disponível em < <https://pt.scribd.com/document> > acesso em 18.03.2018.

<sup>189</sup> DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 94.



estabelecendo haver na religião “algo de eterno destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares nos quais o pensamento religioso se envolveu sucessivamente”, associando o sentimento de mistério principalmente ao cristianismo.<sup>190</sup>

#### **4.7 A vida em clausura: uma vida fora-do-mundo?**

As entrevistas com as irmãs e a aplicação do questionário orientam esta breve análise a partir das informações obtidas. Dessa maneira, iniciamos pelos dados mais gerais como os sociofamiliares e pessoais, que nos mostram parte dos contextos do mundo externo a clausura, que é de onde vieram as religiosas. Convém lembrar, quanto ao questionário, que estamos trabalhando com base em 57,5% da população total dos mosteiros, uma vez que das 40 religiosas que residem nas três casas, obtivemos 23 retornos e foi possível conversar com 12 dessas irmãs individualmente, embora um desses encontros tenha se dado com duas delas ao mesmo tempo, talvez pelo fato de terem mais idade, mas não consegui saber.

Num primeiro indicativo, podemos constatar que a data mais antiga de ingresso nos três mosteiros ocorreu em 1953, mesmo ano de fundação do mosteiro e foi de uma irmã Clarissa que tinha, na época, 28 anos. Hoje, ela está com 94 anos de idade e participa, na medida do possível, das missas e dos eventos da casa. Junto com as outras irmãs, recepciona as pessoas que depois da missa vão cumprimentá-las através das grades, num acesso que fica ao lado direito do altar e cujas grades, em princípio, só são abertas para as irmãs receberem a eucaristia das mãos do padre. Essa irmã tem na sua trajetória, a própria história do mosteiro, conheceu e conviveu com as fundadoras, tem lembrança das mudanças, dificuldades e comemorações pelas quais o mosteiro passou.

Outro dado interessante é que a data mais atual de ingresso se deu no Mosteiro das Carmelitas, no ano de 2016, quando entraram 3 irmãs com 22, 23 e 25 anos respectivamente, sendo que, a partir de 2010, por exemplo, é o mosteiro que apresenta o maior número de ingressos, numa média de 3 a cada ano. Esse número parece comprovar as declarações da madre quando disse não haver problemas de vocação para ela, ao contrário, que não teria como receber mais candidatas porque a casa está no limite e não pode ter mais do que 21 irmãs, embora desde a fundação, em 1839, tenham falecido cerca de 35 irmãs. Isso também pode nos fazer pensar, por outro lado, se o número de desistências igualmente não é alto, mas, no momento, não dispomos desse dado. Da mesma forma, apenas para termos uma ideia, se buscarmos uma média geral de idade destas irmãs ao ingressarem nos três mosteiros,

<sup>190</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares do pensamento religioso*. São Paulo: Paulus, 1989, p 504 e 55.

encontramos 23,5 anos, enquanto a média de idade atual ficaria em 40,9 anos, o que nos leva a crer que parte delas começa numa idade relativamente jovem.

É interessante, ainda, que o mosteiro das carmelitas, além de estar com a lotação completa na casa (21 irmãs), as idades atuais daquelas que vivem no mosteiro demonstram que são mais jovens do que a média encontrada (40,9 anos), uma vez que 14 das 16 carmelitas que responderam ao questionário se encontram na faixa dos 30 anos, embora também não tenha conseguido dados para poder comparar com outros mosteiros carmelitas. Da mesma maneira, e isso pode ser um atrativo para as muito jovens, podemos perceber, quando se fala em Carmelo, que a tendência é surgir entre os falantes (religiosos e seculares) uma atmosfera que beira a curiosidade e a magia, fato que a própria madre (carmelita) reconhece e chamou minha atenção, explicando que procura desfazer já de início esse tipo de expectativa mística que possa estar no imaginário daquelas que querem entrar para o mosteiro aqui em Porto Alegre.

Ficou evidente, na pesquisa, que as carmelitas tendem a despertar maior interesse entre as pessoas em geral. Até mesmo entre quem pesquisa o tema, a preferência parece ser por esta ordem. Nesse sentido, as próprias religiosas das outras denominações parecem transitar pelo fenômeno sem nenhum estranhamento, pois ao contatar outros mosteiros, sempre surgiram alguns questionamentos e até mesmo surpresa por eu estar procurando desenvolver um trabalho naquela casa e não nas carmelitas. Tal fato talvez ocorra devido aos relatos das inúmeras experiências interiores, transportes e visões de outros mundos relatados por Santa Tereza de Ávila representarem fenômenos muito distantes daqueles que os seres comuns consigam vivenciar e que inspiraram, como vimos anteriormente, inúmeras discussões na arte, na literatura e até na psiquiatria. Ou, ainda, quem sabe, como um reencantamento do mundo, justo onde Weber assinalava exatamente o contrário, como meio de salvação, no caso do judeo-cristianismo.

Os livros *Moradas* e *Livro da Vida*, bastante conhecidos, apresentam uma intensidade de imagens mentais e construções literárias carregadas de emoções, para dizer o mínimo da escrita de Teresa, além do que, sabemos que em Roma, entre os Descalços, desde 1935, estudos internacionais com foco em literatura e teologia mística se fazem presentes até os dias de hoje. Junte-se a isso, o fato de algumas irmãs terem declarado que Teresa teve uma grande influência nas suas conversões.

Continuando com as informações do questionário, as irmãs quando perguntadas se exerciam alguma profissão antes de entrar para a clausura, 16 das 23 irmãs declararam

afirmativamente, sendo que as profissões variaram entre o trabalho de enfermeira, decoradora, secretária, técnica de sistemas, professora, comerciante e empregada doméstica. Em relação ao grau de instrução quase a metade declarou ter cursado do ensino médio para cima, sendo que das 23, 11 disseram ter completado o ensino superior, ou seja, 47,8%. Das 23 que responderam, 6 delas declararam ter viajado para fora do país antes da clausura, sendo que os países declarados foram Chile, Uruguai, Itália, Alemanha, Áustria, Estados Unidos, Portugal, França, Espanha, Suíça, Argentina e México. Apenas uma delas assinalou ter viajado para a terra santa quando já estava no mosteiro.

Quando indagadas sobre a religião dos pais, pode-se verificar que praticamente a totalidade nasceu em lares católicos, tanto por parte de pai como de mãe, com exceção de apenas um dos pais e duas das mães que não tinham religião e uma mãe que era protestante. Da soma total de 78 irmãos e irmãs de sangue declaradas pelas monjas, apenas três desses irmãos e irmãs haviam seguido a carreira religiosa, 75 seguiram outras profissões. Responderam, ainda, que antes de morar no mosteiro, 12 moravam com a família, 3 moravam sozinhas e 8 responderam que era numa congregação religiosa ou com uma amiga já religiosa.

Os dados demonstram que essas mulheres saíram de um contexto familiar de pais e mães católicas, ou, pelo menos, assim declarados, o que poderia ter influenciado a opção por uma vida religiosa, mas, ao mesmo tempo, a quase totalidade dos irmãos (75 de 78 declarados) não seguiu esse caminho, o que por si só, já contraria essa hipótese. Nas entrevistas, por vezes ficou claro, em alguns casos, o enfrentamento de questões como a forte autoridade do pai e doenças graves e responsabilidades pesadas na família que até poderiam sugerir uma fuga estratégica da situação. Também o fato de algumas declararem nunca ter tido namorado, outras terem muitos e outras chegarem a ser noivas, não nos trazem novas hipóteses nem confirmam aquela da desilusão amorosa. No entanto, as declarações sobre já morarem na casa de alguma congregação ou com uma amiga religiosa ou terem uma amiga religiosa muito próxima, se consideradas ainda algumas entrevistas, a ideia que fica é que quase sempre houve uma pessoa, não necessariamente da família, que incentivou, de alguma forma e com seu exemplo, uma opção pela vida religiosa, embora tal fato, por si só, não possa ser tomado como motivo principal.

Uma nova questão diz respeito aos móveis disponibilizados nas celas (quarto individuais das irmãs). Nas respostas, seguiram uma descrição de mobília muito semelhante, declarando um roupeiro, uma cama, mesa ou escrivaninha, uma cadeira ou um banquinho, além de alguns objetos pessoais como bíblia, terço, fotos da família, cruz, cadernos, canetas,

diários, imagens de santos e da Virgem. Como exceção, uma das irmãs que declarou, ainda, possuir um balde e uma garrafa térmica na sua cela. Das 23 que responderam a esta mesma questão, 8 disseram não poder ter nada de pessoal nas suas celas. Indagadas sobre se exerciam alguma atividade artística na casa, mencionaram, em geral, o desenvolvimento de atividades como artesanato, estudo da música sacra e litúrgica, canto, poesia, peças de teatro, teclado, traduções e oficinas.

Todos os três mosteiros possuem biblioteca, como já vimos, onde livros estão disponíveis para leitura e estudos das irmãs, segundo as regras de cada mosteiro. Perguntadas sobre as leituras preferíveis e disponíveis na biblioteca, os assuntos declarados foram: documentos da Igreja, vida dos santos, pais da Igreja, sobre a ordem a que pertencem e espiritualidade. O fator espiritualidade foi o mais citado nas preferências de leitura e está associado com o carisma da ordem, com os assuntos que dizem respeito a vida monástica e da fé católica em geral. Com referência ao acompanhamento da política atual, as Carmelitas foram as que mais assinalaram negativamente esse fator, isto é, disseram não acompanhar. No entanto, ao mesmo tempo, apontaram problemas sociais com a falta de valores, de limites, a violência, o egoísmo, as drogas, pessoas sem rumo e, principalmente, sem Deus. Esse entendimento, que tem a ver com política e que pode ser considerado verdadeiro, em parte, pode ter se originado, em alguns casos mais especificamente, a partir das pessoas que elas costumam receber para aconselhamento, que é um trabalho de escuta que se encontra nos três mosteiros. Ou, então, de alguma maneira, as notícias devem repercutir na casa, mostrando mais uma vez a impossibilidade de, nos tempos de hoje, haver um isolamento total, o que aliás, acredito nem ser a intenção.

Para complementar, outra pergunta era direcionada ao acesso de informações dos acontecimentos atuais, considerando a disponibilidade no mosteiro de utilizarem computadores, televisão, celulares, jornais locais em papel e até mesmo levando em conta o contato com parentes. Como resposta, constatamos a existência de acesso, em geral, através de todos esses meios de comunicação, embora exista uma variação considerável (segundo as declarações) de mosteiro para mosteiro, onde o acesso a televisão é o mais evitado e até mesmo parece proibido em alguns casos. Chamou a atenção que em relação aos contatos com parentes, que evidentemente extrapola a verificação apenas como simples fator de comunicação externa, esse tipo de relação acaba sofrendo certo distanciamento, ficando mais por conta de um telefonema, um email ou uma mensagem, mas sem uma rotina que se mostre

mais próxima ou pessoal, ou mesmo que sintam a necessidade de tal aproximação. “Sempre que necessário” foi um resposta muito utilizada e que notabiliza e destaca este fator.

Assim, na declaração de algumas irmãs, podemos encontrar uma evidência desse afastamento, enquanto reconhecem que a vida que levam no mosteiro implica, de certa maneira, realmente deixar a família carnal e passar a viver “uma vida espiritual com essa nova família”, segundo declarou uma das irmãs beneditinas. Isso não parece ser muito diferente para uma religiosa clarissa, quando se referiu as relações familiares com seus parentes, embora na sua narrativa seja possível perceber algumas contradições.

Tem muitíssima diferença! A gente não reza nada na casa deles, não deixam a gente ficar quieta, ficam puxando sempre, vem para cá, vamos conversar, é chimarrão e é isso e aquilo, vamos sair, vamos lá. São mundos diferentes. A minha vida está imbuída aqui, eu não sinto essa necessidade. É uma família muito assim, não é de muita conversa, nós somos muito mais assim de se sentar junto, a gente conversa as coisas, mas não é assim que a gente tenha tanto assunto. Eu não tenho. As vezes quando eu ligava por skype... aquilo me prendia muito... a minha irmã não queria mais desligar, não saía mais da frente do computador....estou aqui há 34 anos, acostumadíssima com essa vida....agora saber notícias, sim, saber que está tudo bem...o dia que estão doentes me ligam para eu rezar, pronto. As vezes nem ligam. Passam os trotes da vida deles lá e eles nem me avisam.

Irmã Clarissa, 64 anos

Podemos refletir sobre esse afastamento familiar, que parece estar presente na trajetória de todas elas (as aqui pesquisadas), segundo as possíveis fontes religiosas das irmãs, lembrando a historiadora Yvonne Knibiehler quando fala em Jesus Cristo como um modelo por excelência a ser seguido e que convidou os discípulos, que eram todos casados, menos João, a deixar tudo para seguir com ele, isso incluindo, obviamente a própria família. Algranti, por sua vez, cita Bento de Ariani (747-821) que, divulgando a regra de Bento de Nursia (regra importante e dominante por um grande período na história da Igreja) passou a pregar, entre outras coisas, a morte ao mundo, o respeito à clausura, ascese e trabalhos manuais e estudos, além de incitar as monjas à reclusão no mosteiro e “consciente de que o sexo feminino era mais frágil, insistiu na castidade e na rejeição à família”. Além disso, os dois Bentos, conforme Algranti, forneceram um modelo de vida religiosa feminina para os mosteiros e, assim, partindo de regras originalmente destinadas aos homens, as mulheres estiveram quase sempre próximas da orientação deles.<sup>191</sup>

<sup>191</sup> ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e Devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília:Edunb, 1993, p. 37-38.

O conhecido arcebispo Dom Vicente Scherer (1903-1996), por volta do início dos anos 50, certa vez, comemorando o dia das vocações femininas, discursou defendendo essas vocações e os votos essenciais e perpétuos de pobreza, castidade, obediência e clausura. Embora não chegasse a afirmar que quem vivia no estado religioso fosse mais perfeito e santo que o dos fiéis, dava seu aval para o estado religioso, que entendia mais perfeito que o estado matrimonial, descreve Silva.<sup>192</sup> Exaltava a presença das irmãs de clausura como uma benção para o lugar onde se instalavam, pois “sua presença é um silêncio e constante protesto contra a cobiça dos bens terrenos e a sede de prazeres”.<sup>193</sup>

Não é difícil imaginar como os valores, a rotina, os compromissos e as prioridades que se desenvolvem num estilo de vida contemplativo passem a se diferenciar daqueles que são adotados no modo de vida secular, onde permaneceram as famílias dessas religiosas. Porém, esse “cisma” ou afrouxamento ou libertação dos laços parentescos originais ou, quem sabe, dos papéis sociais que a família costuma sustentar e representar, até mesmo da mulher como mãe e esposa, encontra justificativa na própria regra e no evangelho em conformidade com o discurso religioso.

Nesse sentido, segundo Victor Turner, as religiosas poderiam ser incluídas nos seus conceitos de liminaridade e *communitas*, onde o autor entende essa construção como um estado permanente de desafio as estruturas sociais vigentes, cujas características incluem ausência de propriedade, redução ao mesmo nível de condição social, uso de uniforme, altruísmo e obediência total ao profeta e continência sexual que liquida com o casamento e a família, pois isso legitimaria a estrutura; tal fato levando ao máximo o comportamento religioso por oposição ao secular na “suspensão dos direitos e obrigações de parentesco, onde todos são irmãos uns dos outros, quaisquer que tenham sido os laços mundanos anteriores”, além da aceitação da dor e do sofrimento até o ponto do martírio.<sup>194</sup> Assim, dependendo do ângulo que se possa ver, as freiras de clausura poderiam ser consideradas até mesmo revolucionárias, uma vez que contrárias ao mundo secular, onde as regras e as leis civis cada vez mais obrigam as relações de parentesco a funcionar de acordo como estabelece o estado, ameaçando inclusive os desviantes com muros, grades e dotes, só que da prisão e das penas econômicas.

---

<sup>192</sup> SILVA, Eliane. *Mosteiro de São Damião em Porto Alegre: Primeiras Clarissas no sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Monografia (Graduação em história), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010, p. 71.

<sup>193</sup> A VOCAÇÃO Religiosa Feminina. UNITAS, Boletim da Arquidiocese de Porto Alegre. Porto Alegre: mar-jun, 1953, p. 214.

<sup>194</sup> TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 110-111.

Para elas, no entanto, o entendimento do mundo da clausura como uma prisão é tudo que consideram como um grande equívoco das pessoas que assim pensam sobre esse modo de vida. A clausura é o lugar onde são mais livres e felizes, declaram em uníssono. E aqui também entram conceitos diferentes de liberdade. Enquanto no mundo secular a clausura é vista como um aprisionamento do corpo e da liberdade de ir e vir, de informação e de decidir as coisas cada um da sua própria vida, na clausura a liberdade é poder optar por um ideal muito maior de união com Deus e libertar-se das prisões da moda, das drogas, dos botox e cirurgias plásticas, da massificação, do excesso de informação inútil, do consumismo. Para elas, enfim, quem está preso somos nós.

Quem assim fala não tem conhecimento da vida em clausura. Aqui se experimenta a verdadeira liberdade dos filhos de Deus, que querem viver os valores essenciais da vida religiosa, por isso renunciam livremente à escravidão da moda, da mídia, dos vícios e vazios existenciais.

Irmã Carmelita, 33 anos

Para mim, a Clausura não é uma prisão, ao contrário, me sinto muito livre e feliz, pois a Clausura é um meio para se viver inteiramente para Deus e deixar que ele me guie e me forme como ele quer, e me ajuda a não me afogar em tantas informações do mundo, muitas vezes desnecessárias, possibilitando vivermos mais intensamente nossa vida de silêncio e de oração, de união com Deus e assim ajudar muitas pessoas que precisam de nossas orações.

Irmã Clarissa, 33 anos

Somos apenas um elo de ligação visível. O mundo está muito agitado e desorientado, mas buscando soluções. No mundo, há uma grande dificuldade de ouvir, há barulho dentro e fora de cada um. Deus fala no silêncio. Nossa fundadora Santa Clara de Assis que viveu oculta no Mosteiro de São Damião em Assis é a padroeira da televisão.

Irmã Clarissa, 92 anos

A clausura não é isolamento ou aprisionamento muito menos falta de liberdade, ao contrário, só quem é realmente livre se entrega para Deus. A Clausura é um lugar onde reina a paz e o silêncio, onde se encontra verdadeiramente a Deus, e com Ele realiza milagres e prodígios a outrem. Não estamos aqui para salvar a nossa vida, ou para “eu” viver melhor, mas para um bem muito maior.

Irmã Beneditina, 34 anos

No entender das irmãs, portanto, a clausura não pode nem deve ser comparada com uma prisão, pois ali ninguém chega ou permanece forçado ou está algemado. Segundo elas, a clausura é uma necessidade para se viver com liberdade a vocação contemplativa, onde preconizam o silêncio e a oração e o excesso de informação pode causar distração daquilo que

é realmente o essencial. A vida em clausura ainda pode ser vista como um lugar onde Deus “seja amado e honrado em todo o momento, reparando assim, todo desonrar e ingratidão que recebe daqueles que não creem”, segundo uma irmã Carmelita, 25 anos. E, embora concordem que a liberdade de ir e vir e de informação é restrita, alegam que isso não faz falta, que a clausura justamente vem para separar de tudo o que dificulta a “união com Deus”, sendo que, se fossem obrigadas a abandonar a clausura aí sim, seria um atentado à liberdade.

A vida Religiosa contemplativa (de Clausura) é tão importante para a Igreja e a humanidade quanto o coração o é para o corpo, pois, como o coração leva a vida para todos os membros do corpo, assim as (os) contemplativas (os), pela sua vida de oração contínua, comunhão com Deus e fidelidade à sua vocação, se tornam canais da graça e do Amor de Deus para com a Igreja e a humanidade.

Irmã Carmelita, 35 anos.

A Vida Religiosa Contemplativa é o estilo de vida que melhor se adapta à minha vocação e a clausura é um elemento deste estilo de vida. Ela é um meio seguro de se chegar até Deus; até Jesus Cristo. A vida religiosa contemplativa ora pelo bem da humanidade e quer elevar o coração e a mente das pessoas para o Alto, para o que há de melhor na humanidade, seu potencial positivo, e para Deus, nosso Pai que nos ama.

Irmã Beneditina, 53 anos.

Giddens entende que o caminho para preencher as lacunas entre as abordagens da estrutura e da ação é o reconhecimento de que podemos ter um papel ativo na construção e reconstrução da estrutura social no decorrer das nossas atividades cotidianas, só não estipula um gráfico com tempo determinado para tais configurações e reconfigurações. Se pensarmos a partir dessa teoria sobre as religiosas que seguem regras e normas que remontam, nas suas origens, aos séculos VI ou XIII, diremos que, embora com o objetivo de enformar um “jeito de freira”, mesmo assim mudanças acontecem só que muito mais lentas do gostaríamos de ver. Assim, por exemplo, se observarmos o depoimento de um jornalista (de 1954) sobre a inauguração de um Carmelo, podemos constatar positivamente que mudanças e adaptações acontecem, embora lentas e que estão inclusas no discurso das irmãs.

Longe de todos os problemas da atualidade e indiferentes aos *slogans* do dia “a carmelita reza e se cala até o fim da sua vida”. Jamais uma freira lê um jornal ou ouve o rádio, a maioria ignora mesmo a existência deles, não sabem das tropas de ocupação na Áustria, não possuem relógios nem calendários nas estreitas celas e, quando morrer, as outras irmãs colocarão seu cadáver em uma vala situada na extremidade do claustro e nenhum



parente a acompanhará até esta última morada. Perguntada, pelo repórter, se tais condições de vida não condenariam a Ordem a desaparecer, a Superiora responde que não, que bem ao contrário, que ali “apresentam-se maior número de moças do que podemos aceitar, muitos são ainda os seres que aspiram por uma regra severa, de rigor implacável”.<sup>195</sup>

Há adaptações de coisas exteriores (grades, hábito), mas o espírito de amor e entrega a Deus e o zelo pela salvação das almas permanece o mesmo. Percebe-se que comunidades que aboliram “coisas antigas” (Regra, hábito, grades de clausura) definham por falta de vocações. Nós, jovens, queremos estes sinais exteriores, que remetem ao espírito do carisma.

Irmã Carmelita, 29 anos.

As regras monásticas que existem ainda hoje são adaptadas às realidades atuais por meio das constituições das Congregações e dos usos e costumes de cada mosteiro. Tanto as constituições quanto os usos e costumes seguem o que há de essencial no Evangelho e na Regra de São Bento.

Irmã Beneditina, 53 anos.

Por outro lado e paralelo a isso, talvez haja uma espécie de compensação em termos de segurança uma vez que se encontram inseridas numa comunidade local, mas que faz parte de uma maior e estruturada rede de articulação social e política, que é a Igreja católica. Já vimos que mudanças ocorreram após o Concílio Vaticano II e Rosado apontou essas novas realidades como uma modificação e reavaliação no modo de vestir, nos altos muros das casas conventuais, nos rígidos horários e no extremo silêncio no horário das refeições, que colaboravam, também, para criar um mundo a parte para as religiosas.<sup>196</sup>

Por fim, questionadas se a vida em clausura implicava realmente uma vida fora do mundo, algumas respostas tocaram diretamente na questão como, por exemplo, a madre emérita beneditina ao dizer que “não fugimos do mundo, apenas dele nos afastamos”, lembrando que o rigor da clausura desde Trento hoje em dia não se justifica mais. Caso contrário, como ficaria a afetividade das monjas que vivendo sempre totalmente encerradas, poderiam se tornar até agressivas ao não trabalharem seus afetos, comentou com segurança. A irmã Maria Francisca também ressaltou a importância da proximidade que a casa tem com a comunidade, até mesmo pelo auxílio espiritual, pela solicitação de orações, pelas pessoas que vão até o mosteiro para conversar com as freiras, contar seus problemas, onde muitas até já passaram por tratamentos psicológicos e não obtiveram resultados.

<sup>195</sup> Resumo baseado numa reportagem intitulada NA CASA da solidão e do silêncio. Por Herbert Buzas. Correio do Povo, 07.02.1954, p. 21 e 16.

<sup>196</sup> NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del. A mulher na história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1992, p 503.

Um exemplo dessas relações com a sociedade, onde Giddens lembra os sociólogos influenciados pelo interacionismo simbólico que pode demonstrar uma forma de criação social, fica por conta do relato da madre emérita Paula que, em tempos anteriores, em Salvador, diz ter sido encarregada de atender os pobres numa favela, perto do mosteiro, chamada Saramandaia, talvez uma das maiores da cidade, uma comunidade de pessoas que buscavam condições melhores de existência, que trabalhavam duro e, no entanto, tinham uma vida muito difícil. Ela contou que faltava pão e escolas e isso foi uma batalha sua naquela época. Desenvolveu projetos, nesse sentido, que estavam dando certo e que talvez por isso mesmo, não agradou muito ao sistema e foi encerrado, concluiu a religiosa. Hoje, diz valorizar muito os hóspedes que recebe, afirmando que uns constroem os outros, trocando ideias e experiências. Embora esses exemplos evidenciem níveis de flexibilidade, informação e influências que atravessam muros, essa realidade toma formas um pouco diferenciadas na visão de outras casas e outras religiosas.

Não possuímos somente a dimensão física, a maior e mais nobre é a dimensão espiritual. O silêncio e a solidão (ou isolamento) favorecem muito o recolhimento interior, que nos dispõe para a oração e contemplação, lembrando que temos como ponto essencial de nosso carisma a “oração contínua”. Através desta vida intensa de oração e comunhão com Deus abraçamos a humanidade inteira, com todas as suas dores, misérias, angústias e necessidades. Longe de rejeitar o mundo, o levamos para Deus.

Irmã Carmelita, 35 anos.

Eu estou no mundo, mas não sou do mundo. Minha opção é livre, eu nunca fico desejando sair. Saio para o serviço do Mosteiro, mas levo a clausura comigo. Silêncio é muito bom, mas em fraternidade. O isolamento produz morte. Tenho momentos sozinha, mas em comunhão com as outras pelo espírito de fraternidade.

Irmã Clarissa, 64 anos.

O mundo fora do mosteiro vive de maneira superficial. Há superficialidade cultural, espiritual, intelectual e muita confusão de valores. Com a globalização, entretanto, muitas coisas boas aconteceram, entre elas uma busca maior de diálogo e respeito entre as culturas e as religiões. O mundo fora do mosteiro é bom, assim como dentro do mosteiro. O mundo fora do mosteiro e dentro do mosteiro formam uma unidade.

Irmã Beneditina, 53 anos.

Seja como for, o que todas concordam, no entanto, é que o silêncio e o isolamento são fundamentais porque promovem um ambiente ideal para “uma vida de oração” não para

apenas para elas, mas segundo a missão para a qual entendem terem sido escolhidas e que leva em conta toda a humanidade e o próprio mundo. E, nesse sentido, para elas, os muros dos mosteiros não oferecem nenhum impedimento, pelo menos na perspectiva de dentro para fora quanto a oração que é lançada ao mundo externo. Em relação a todo esse processo, Paula Barata Dias, da Universidade de Coimbra, que busca estudar exatamente esta temática e o cristianismo em geral, sugere que a funcionalidade e a continuidade desta linguagem da reclusão, no cristianismo, aconteceu justamente por serem percebidas como um modo válido de relacionamento com o divino. A autora chama a atenção para como o caráter voluntário da clausura (em comparação com outras civilizações bem mais antigas) é uma fundamental inovação do cristianismo. Ao lado de uma tradição, que também valorizava o modelo da mulher casada e mãe, o cristianismo, segundo Paula, também teria alterado esse paradigma. Assim, segundo a autora “muitos estudos sobre a dimensão feminina da clausura destacam a vontade feminina em se libertar do papel mais tradicional e secundário que a mantinha como ‘escrava’ da casa e dos homens da família”, embora não concorde que seriam caminhos de emancipação e desafios para as mulheres. Ressalta que para os homens, o cristianismo não interferiu com as muitas esferas de atuação que sempre tiveram ao seu dispor, enquanto que, para as mulheres, não conseguiu alterar a restrição anterior de liberdade e ocupação efetiva do espaço público, embora, paradoxalmente, esses mesmos lugares-chave de reclusão sejam espaços de mérito, atenção e de presença possível na comunidade “integradas numa ordem política, social e religiosa do universo humano”.<sup>197</sup>

---

<sup>197</sup> DIAS, Paula Barata. *Para uma compreensão da Clausura Monástica e Emparedamento enquanto fenômenos históricos e religiosos*. *Medievalista*, n. 18, jul/dez 2015. Disponível em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA18/dias1808.html> acesso em 06.04.2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi motivado pelo interesse em buscar elementos que respondessem até que ponto essas mulheres, pela escolha que fizeram de uma vida de silêncio, oração e separação do mundo conseguiriam realmente manter esses objetivos e de que maneira os muros da clausura seriam capazes de isolá-las de todo e qualquer tipo de influência externa. Para tanto, consultamos alguns aspectos históricos e das mentalidades através do tempo, como a época dos Padres e Madres do deserto ou aquela em que o próprio claustro era apreciado como uma das três maravilhas arquitetônicas e de poder do mundo, como apontado por Jacques Le Goff. Consultamos estudos mais específicos sobre como viviam as mulheres, em geral, e esses textos nos informavam que grande parte delas já residia enclausurada nas próprias casas ou por vezes levada por algum homem da família ou marido, no período Colonial, para instituições de recolhimento e contra a própria vontade. Vimos que até pouco tempo atrás não era costume as mulheres andarem sozinhas na rua, ou como muitas se casavam, ainda meninas, diante da possibilidade calculada de ter pelo menos uns 20 partos durante a sua “vida útil”.

Por outro lado, os estudos informavam sobre algumas mulheres que realmente desejavam viver uma vida de recolhimento e que não tinham permissão devido a problemas econômicos ou mesmo pela necessidade de reprodução e branqueamento da sociedade ou, ainda, por não serem consideradas “sangue puro”. Enquanto isso, nossas leituras mostraram que algumas outras, inclusive, a partir das suas clausuras, foram capazes de escrever, exercerem a função não muito conhecida de copistas, pintar, ler, pesquisar, estudar vários idiomas e até mesmo enfrentar a hierarquia da Igreja. No entender de Michelle Perrot, essas casas que serviram muitas vezes como lugares de prisão, serviram também como lugares de refúgio, de estudo e fuga dos homens. “Entre as religiões e as mulheres, as relações tem sido, sempre e em toda a parte, ambivalentes e paradoxais, isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres”, assegurava Perrot, como já tínhamos visto anteriormente.<sup>198</sup>

A socióloga Rosado Nunes também afirmava que “as casas religiosas foram, ainda, por muito tempo, um dos poucos lugares em que as mulheres aprendiam a ler e a escrever”<sup>199</sup> assim como lugares de resistência “nesses espaços onde supostamente imperavam a paz, a concórdia e a submissão”, onde algumas “disputavam com eclesiásticos pelo direito de fundar

---

<sup>198</sup> PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 84.

mosteiros; devotas se reuniam e recusavam a autoridade do bispo” e “religiosas se negavam a ‘reformular’ a vida monacal, segundo as normas estabelecidas por autoridades clericais; tudo isso foi também parte do cotidiano dessas instituições e da vida dessas mulheres enclausuradas”.<sup>200</sup>

Atualmente, ao desenvolvermos um primeiro olhar aos três mosteiros pesquisados, podemos concluir por mulheres que se recolheram em votos públicos de castidade, obediência e pobreza com bandeiras, por exemplo, totalmente contrárias as lutas levantadas pelas feministas de hoje, embora considerando o fato de um modo de vida que ocorre, em princípio, por desejo e vontade própria. No entanto, como explicar “o chamado” que dizem sentir? E que a partir desse chamado concordem em se fechar para sempre num mesmo e único espaço físico, num mesmo e igual vestir-se, passando a dividir a vida com outras mulheres que, em princípio, o único ponto em comum foi, também, terem declarado um chamado semelhante? Que concordem, por fim, em escolher um outro nome e a partir de então, esquecer o anterior? E que, apesar de tudo, se digam realmente “felizes e livres” apenas na clausura, apaixonadas por Deus e esposas de Jesus Cristo.

Até onde pudemos perceber, algumas religiosas se mostraram mais conservadoras do que outras, além de bastante afinadas com as narrativas da instituição, não demonstrando ter a mínima preocupação com possíveis questões de gênero ou pelos seus papéis visíveis de subordinação em relação aos homens exercidos dentro da organização. Embora mais livres dos laços tradicionais de parentesco familiar, as novas relações de família que são formadas por elas repetem, pelo menos em metáforas, os vínculos anteriores quando se dizem as “esposas” de Cristo, “irmãs”, “madre”, “nova família”, “Deus Pai”.

No entanto, algumas disposições interessantes, ao menos no discurso, parecem ser valorizadas nesses locais. Por exemplo, a tentativa de se manterem no tempo como uma instituição e uma ordem que vem de longa duração, que remonta aos tempos da Idade Média e que procura manter e exercitar a solidariedade em comunidade, os laços e a confiança entre o grupo, em exorcizar os demônios modernos do medo e sua reprodução que se alimentaria pelo excesso de informação como alertou Bauman e que tentam regular a entrada em suas casas, assim conduzindo-se, até certo ponto, na contramão daquilo que o autor assinalava como características da passagem de uma “fase sólida” para uma “líquida” na vida moderna, que é

---

<sup>199</sup> NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 488.

<sup>200</sup> NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 489-490.

quando tudo se constrói e desconstrói com extrema rapidez, inclusive as relações e o planejamento individual.<sup>201</sup>

Por outro lado, poderíamos, também, refletir sobre essa escolha de vida como uma maneira de se sentirem, talvez, mais seguras diante daquele ambiente que o sociólogo aponta como de extrema violência, insegurança e medos, inclusive o medo “de ser deixado para trás”, a qualquer momento, no mundo.<sup>202</sup> As irmãs, porém, não se compreendem como rejeitando ou fugindo deste mundo, conceitos que Weber atribuiria como características do místico contemplativo “na sua busca de repouso apenas no divino”,<sup>203</sup> ao mesmo tempo em que afirmava que “todos queriam provar para si mesmos sua espiritualidade de virtuoso diante da tentação do mundo”.<sup>204</sup>

Nesse diálogo com os mosteiros, a pesquisa percebeu algumas diferenças entre as formas de comunicar das três casas e isso ficou mais claro desde as observações iniciais e externas de cada edifício religioso, assim como, nos primeiros e posteriores contatos como visitante e pesquisadora, enquanto o trabalho era desenvolvido. Das carmelitas, então, permaneceu a impressão de uma casa muito organizada, mas com presença de uma forte hierarquia e autoridade, onde os muros pareceram menos porosos e realmente mais inflexíveis para acolher o mundo externo, para além das orações. Das clarissas, a ideia de um muro menos inflexível, talvez, mas que precisaria de um tempo de convívio e conhecimento do visitante, para que, aos poucos, se tornasse um pouco mais fluido. Das beneditinas, embora não houvesse um muro visível e externo na sua arquitetura, evidentemente ele existe e também tem seus cuidados na relação com as pessoas, mas mesmo assim, restou a impressão de maior acolhimento e naturalidade na maneira como se apresentavam naquele momento e circunstância. Mas, em todas as casas, evidentemente, as irmãs exerceram sempre o controle sobre as informações e ocorrências que poderiam ou não ser externalizadas.

Os mosteiros, cada um a seu modo, desenvolvem uma vida de relações com as pessoas e um estilo de vida social no espaço público onde se inserem, embora apresentem muitas das características que possam compor a definição de uma “instituição total”, conceito trabalhado por Goffman, como examinamos anteriormente. No entanto, consideramos que essas casas conventuais não estão integralmente enquadradas no conceito, uma vez que a opção de

---

<sup>201</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 07-09.

<sup>202</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 17.

<sup>203</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos de uma sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 2014, p. 367.

<sup>204</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos de uma sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 2014, p. 364.

entrada no agrupamento se apresenta como voluntária e, por existir a possibilidade de uma série de eventos que permite entradas e saídas, embora vigiadas e controladas. Nesse sentido, estariam mais próximas de Durkheim, se ressaltarmos o empenho religioso que as mantém, aparentemente, a partir de uma certa “força de coesão”, embora desenvolvida por um grupo mais localizado, mas que tenta manter “um espírito em comum” que planeja e que tem “na moral a sua forma e razão de ser”, além da “força de coerção” que também pode ser percebida, se considerarmos os vínculos com as normas, leis, regras e fatos que são impostos as religiosas, que devem aceitá-los, para poderem pertencer a comunidade.<sup>205</sup>

Por fim, é impossível dizer que influências do mundo externo não consigam penetrar as barreiras e os muros dos mosteiros, sejam eles visíveis ou invisíveis. As freiras não vivem assim tão isoladas, porque existe uma clara dependência do mundo externo no que diz respeito a sua própria manutenção, divulgação, organizações, contextos e contato com pessoas, até mesmo no compartilhamento de coisas mais comuns como planos de saúde, aposentadoria, pagamento das contas da casa, etc. As informações chegam de fora, apesar de muitas vezes negadas por elas, são reelaboradas e muitas retornam para o mundo externo retroalimentadas, como no caso da internet, que chegamos a examinar mais de perto no último capítulo.

São redes sociais, mensagens de *whatsapp* que circulam, informações sobre uma sociedade por vezes violenta que levam estas casas religiosas a buscarem cada uma a sua forma de proteção mais efetiva através de seguranças, circuito interno de TV, interfones, cercas elétricas, etc. Além disso, como os três mosteiros participam das suas associações, estão mais abertos a trocas e diálogo com os outros mosteiros e a participação em eventos que podem incluir viagens que, em determinadas ocasiões, ao reunirem monges e monjas de clausura para grandes encontros, por vezes, transcorrem em locais fora dos conventos e até mesmo do estado.

Dessa maneira, embora apresentando algumas características da modernidade, de acordo com este imaginário compartilhado e reforçado, ininterruptamente, pelas normas, rotinas e modos de atuar na comunidade interna e externa, seguem esse estilo de vida peculiar que é o da clausura, que pode parecer muito estranho e denso para nós, mas pleno de significado para elas. Significados e interesses que, na sua maioria, diferem daqueles de uma vida secular e da modernidade, tanto nos seus valores como nos próprios papéis sociais que

---

<sup>205</sup> DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 1-4.

desempenham, lugares em que a liberdade é declarada como renúncia aos bens materiais (e imateriais), ao livre deslocar-se, assim como a livre submissão a hierarquia da Igreja e a uma sexualidade que se inverte em nome de uma satisfação espiritual plena, onde a independência que declaram existir parece mais restrita ao espaço do “lar” do mosteiro, mas mesmo assim subordinado a Santa Sé e, de alguma maneira, a uma casa masculina da ordem correspondente. Uma realidade que parece se organizar, mesmo assim, a partir da tradição e de uma estrutura de “longa, longuíssima duração”.

Dessa forma, se estabelecem, na prática, muito mais com um viés de continuidade e adaptação, do que de ruptura. Assim, nessas e outras questões mais sensíveis à Sociologia e à Antropologia (e, também, à história), seja pela oportunidade de conhecer e comparar culturas e sociedades, ou mesmo tentar explicar como determinado grupo social se imagina, se traduz e se organiza, pensamos em encerrar nossas considerações a partir da reflexão com Marshall Sahlins sobre seu conceito de “mitopraxis”: mito e práxis, o antes e a prática, o passado e o presente, a “mitologia” formando as nossas “atitudes no agora”. Ou melhor, a ação histórica (e religiosa) organizada a partir da projeção de relações míticas que “integram um dado esquema simbólico estabelecido, de longa duração histórica e que, uma vez produzida a cognição, essas estruturas míticas são constringidas a se modificarem para acolher a nova compreensão”.<sup>206</sup>

O conceito de “mitopraxis”, talvez, represente uma possibilidade de dissolver parte dessa clivagem interpretativa em fixar uma relação mais superficial de modernidades e não-modernidades de um lado e, de outro dos “muros” mais visíveis e aqueles não tão visíveis assim, ao compreender que, no substrato das aparências, talvez se encontre “o olho que vê enquanto órgão da tradição”, como lembra o autor.<sup>207</sup> Saber até que ponto, enfim, as religiosas, conseguem vencer os isolamentos propostos e as influências externas, também implica admitir esse “olhar” de uma longa tradição que permanece atuante e inclusa nas mais aparentes mudanças.

---

<sup>206</sup> SAHLINS, Marshal David. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990, p. 176-182.

<sup>207</sup> SAHLINS, Marshal David. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990, p. 182.



## APÊNDICE A: MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AS IRMÃS

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESCOLA DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Questionário referente a pesquisa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sobre a *Vida e Religiosidade nas Ordens Femininas de Clausura no Rio Grande do Sul*. Este trabalho de pesquisa (antropológica) tem o objetivo, entre outros, de estudar e divulgar algumas das noções da Clausura Feminina, principalmente, a partir de como as próprias religiosas se definem e compreendem seu lugar no mundo.

Ano de ingresso no Mosteiro: \_\_\_\_\_

Idade ao ingressar: \_\_\_\_\_

Você exercia alguma profissão antes de entrar para o Mosteiro?

( ) sim

( ) não

Se assinalou sim, qual era essa atividade? \_\_\_\_\_

Cidade onde nasceu: \_\_\_\_\_ estado: \_\_\_\_\_

Grau de instrução: \_\_\_\_\_

Antes de ingressar no Mosteiro morava com:

( ) família

( ) sozinha

( ) outros

Se assinalou outros, com quem morava antes de entrar para o Mosteiro?

\_\_\_\_\_

Grau de instrução do pai: \_\_\_\_\_

Religião do pai: \_\_\_\_\_

Profissão do pai: \_\_\_\_\_

Grau de instrução da mãe: \_\_\_\_\_

Religião da mãe: \_\_\_\_\_

Profissão da mãe: \_\_\_\_\_

Possui irmãos/ irmãs?

sim

não

Se assinalou sim para os irmãos/irmãs, quantos/as são? \_\_\_\_\_

Algum deles/delas entrou para a vida religiosa?

sim

não

Se sim, quantos irmãos (as) entraram para a vida religiosa ? \_\_\_\_\_

Você costumava viajar?

sim

não

Quando você viajava, na maioria das vezes o motivo era:

férias

visitar parentes

a trabalho

outros

Você chegou a viajar para fora do Brasil?

sim

não

Se assinalou sim para viagens fora do Brasil, para qual país viajou?

---

Você tem acesso a computador?

sim

não

Você tem acesso a televisão?

sim

não

Você tem celular?

sim

não

Você tem acesso a jornais locais (em papel) ?

sim

não

Você mantém contato com parentes?

sim

não

Se assinalou sim para contato com parentes, com que frequência (semanal, mensal...) ?

---

O contato com os parentes, na maioria das vezes é mantido:

pessoalmente

por telefone

por e-mail

por facebook

por whatsapp

outros

O Mosteiro tem biblioteca?

sim

não

Se assinalou sim, você tem acesso a biblioteca do Mosteiro?

sim

não

Se você assinalou sim para acesso a biblioteca do Mosteiro, você costuma ler livros desta biblioteca?

sim

não

Se você assinalou sim para leitura de livros da biblioteca do Mosteiro, que tipo de livros você prefere ler ?

---

Você costuma acompanhar os acontecimentos políticos?

sim

não

Você pode ter objetos seus que sejam significativos para você e/ou que você tenha trazido quando entrou para o Mosteiro?

sim

não

Se assinalou sim, poderia citar algum deles? \_\_\_\_\_

---

Como se dá a sua rotina diária?

---

---

---

---

---

---

Que moveis/objetos você tem na sua cela?

---

---

---

---

---

---

Em geral, as Regras adotadas pelos Mosteiros remontam a séculos anteriores, como o século VI e XII, por exemplo. Existe alguma dificuldade em continuar cumprindo essas regras em pleno século XXI? Como são adaptadas para a vida religiosa feminina e para os tempos atuais?

---

---

---

---

---

---

Como você percebe o mundo fora do mosteiro?

---

---

---

---

---

---

As ciências sociais, em geral, contemplam duas teorias. Na primeira delas, o individualismo, uma teoria onde o indivíduo seria considerado como o valor supremo de uma sociedade, considerado mais importante que o grande tecido social. No caso oposto, o valor supremo se encontraria na sociedade como um todo, mesmo exigindo o sacrifício da pessoa como um indivíduo com suas próprias características, desejos e projetos. Como você vê essa questão?

---

---

---

---

---

---

Muitas pessoas imaginam a vida em clausura como um *aprisionamento* onde a liberdade de ir e vir e de informação, em geral, é bastante restrita ou quase inexistente. Que você pensa e sente sobre isso?

---

---

---

---

---

---

É sabido que muitas pessoas procuram a Ordem para conversar com vocês, pedir orações, falar dos seus problemas, pedir conselhos. Você faz parte desse trabalho de escuta e aconselhamento? Como você pensa e sente esse trabalho? De que outras maneiras a Ordem se relaciona com a comunidade em geral?

---

---

---

---

---

---

Você desenvolve alguma atividade artística no Mosteiro?

---

---

---

---

---

---

---

O silêncio e o isolamento parecem ser fundamentais para este modelo de Vida Religiosa. Tal contexto não implicaria numa vida “fora-do-mundo” ou mesmo considerada como uma “rejeição ao mundo externo”? Como esses dois fatores (silêncio e isolamento) poderiam contribuir para a vida de vocês, uma vez que impede a liberdade física de ir e vir?

---

---

---

---

---

---

---

Por que você escolheu justamente esta Ordem para professar seus votos?

---

---

---

---

---

---

---

Qual o significado da Vida Religiosa de Clausura para você?

---

---

---

---

---

---

---

Alguma coisa importante que você queira dizer e que não foi contemplada neste questionário?

---

---

---

---

---

## REFERÊNCIAS

- Abertura da Clausura. Disponível em: < <https://www.facebook.com/pages/Mosteiro-Nossa-Senhora-Do-Carmo/563647740455651> > Acesso em 20.05.2018.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia: Condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.
- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. *Realizando a caridade através da clausura: Recolhimentos femininos e suas trajetórias em parte do Império Portugues (XVI ao XVIII)*. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Maringá (PR) v. V, n. 15, jan/2013.
- ANDRADE, Ana Paula. Além de monja, uma mulher. *Gazeta do Sul*. Santa Cruz do Sul. 10 e 11.03.2012.
- ASLAN, Reza. *Deus: uma história humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- ÁVILA, Santa Teresa de. *Livro da Vida*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.
- BARNES, Arthur S. *Disciplina del arcano*. Disponível em: [http://www.mercaba.org/FICHAS/Enciclopedia/D/disciplina\\_del\\_arcano.htm](http://www.mercaba.org/FICHAS/Enciclopedia/D/disciplina_del_arcano.htm) > Acesso em 12.01.2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BEAUD, Michel. *A arte da tese: como elaborar trabalhos de pós-graduação, mestrado e doutorado*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- BENTO, Santo. *A Regra de São Bento*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 2003.
- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da Religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BILHEIRO, Ivan. *A Arte Semântica dos primórdios do Cristianismo: a Disciplina do Arcano e o Simbolismo Cristão*. Revista Urutágua, nº 15, abr-mai-jun-jul/2008, Maringá, Paraná. Disponível em: < <http://www.urutagua.uem.br> > acesso em 20.03.2018.
- Blog Carmelitas. Disponível em: < <http://olharjornalístico.com.br> > Acesso em 02.04.2018.
- Blog Carmelitas Desclças. Disponível em: < <http://carmelitaniscalzi.com.pt-br/> > Acesso em 02.04.2018.
- Blog das Clarissas. Disponível em: < <http://www.clarissas.net.br/mosteirosAll.php?id=36> > Acesso em 12.02.2018.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia Social: o significado da Virgem para a Sociedade*. São Paulo: Paulus, 2006.



- Bonifácio VIII. Disponível em: < <https://claradiassisi.jimdo.com> > Acesso em 31.08.2017.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BUZAS, Herbert. Na casa da solidão e do silêncio. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 07.02.1954.
- CECHINATO, Luiz. *A missa parte por parte*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.
- CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CONCÍLIO Ecumênico de Trento. Disponível em: < <http://agnusdei> > acesso em 29.08.2017.
- CONTI, Servilho. *O Santo do dia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- CORSTANJE, Charles Van. CAZAUX, Yves. DEROLEZ, Albert. *Vita Sanctae Coletae (1381-1447)*. Belgica: Lanoo, Tielt/ E.J.Brill, Leiden, 1982.
- CUBAS, Caroline Jaques. A vida religiosa feminina no Brasil durante a segunda metade do século XX: um olhar historiográfico. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, v. 5, n. 2, julho – dezembro. 2014.
- DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- Deus chama pelo facebook. Disponível em: < <https://brasil.elpais.com/tag/facebook/a/2> > Acesso em 12.01.2019.
- DIAS, Paula Barata. *Para uma compreensão da Clausura Monástica e Emparedamento enquanto fenômenos históricos e religiosos*. *Medievalista*, n. 18, jul/dez 2015. Disponível em <http://www2.fesh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA18/dias1808.html> acesso em 06.04.2016.
- DUBY, Georges. *Eva e os Padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulus, 1989.
- ENGELS, Friedrich. *O cristianismo primitivo*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.
- ÉPINEY-BURGARD, Georgette. BRUNN, Émilie Zum. *Mujeres trovadoras de Dios: una tradición silenciada de la Europa medieval*. Barcelona: Paidós Ibérica, S.A., 2007.

Experimente 15 dias de clausura. Disponível em:

<<https://pt.aleteia.org/2014/05/18/experimente-15-dias-de-clausura-a-interessante-iniciativa-de-um-convento-carmelita/>> Acesso em 12.01.2019.

Freiras que vivem reclusas abrem as grades do claustro. Disponível em:

<<https://gpslifetime.com.br/conteudo/cotidiano/10/freiras-que-vivem-reclusas-abrem-as-grades-do-claustro>> Acesso em 12.01.2019.

FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A., 1983.

FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens, a mulher imaginada. In: *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Arrontamento, 1990-1993.

FRUGONI, Chiara. *A vida de um homem: Francisco de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GARCIA, Mirim Verri. *Liberdade em Clausura*. Rever. Ano 14. N. 2. Jul/dez 2014.

GARCIA, Miriam Verri. *Liberdade em clausura: trajetórias pessoais e religiosas de monjas carmelitas descalças* – Orientadora: Maria José F Rosado Nunes, PUCSP, 2006.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: ARTMED, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOSSMANN, Elisabeth (coord.). et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de freira; estudo antropológico sobre vocação religiosa feminina. *Cad.Pesq.*, São Paulo, n. 73, p. 48-58, maio 1990.

HALKES, Catharina J. M. *Maria*. In: GOSSMANN, Elisabeth (coord.). et al. *Dicionário de Teologia Feminista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Willaime, Jean-Paul. *Sociologia e religião: abordagens clássicas*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

Ingressou no mosteiro vestida de noiva. Disponível em:

<<https://www.acidigital.com/noticias/ingressou-no-mosteiro-vestida-de-noiva-e-seu-casamento-com-jesus-comove-as-redes-96706>> Acesso em 12.01.2019.

IRIARTE, Lázaro. *Letra e espírito da Regra de Santa Clara*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

KNIBIEHLER, Yvonne. *História da virgindade*. São Paulo: Contexto, 2016.

LACOSTE, Jean-Yves (Dir). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola, 2004.

- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. São Paulo: Record, 2001.
- LEON, LUIS DE. *La perfecta casada*. Buenos Aires: Editorial Tor (sem ano)
- MAZZONI, Vanilda Salignac de Souza. Arquivo 37: a história das monjas beneditinas no Brasil. Ilhéus: Editus, 2010.
- MERTON, Thomas. *Águas de Siloé*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada.
- MOTTA, Alyne. Mosteiro da Santíssima Trindade mantém viva a tradição dos ícones. 07.04.2012. *Riovale Jornal*. Disponível em: <<http://www.riovalejornal.com.br/materiais/1185>> Acesso em 12.06.2017.
- NUNES, Maria José Rosado. *Freiras no Brasil*. In: PRIORE, Mary Del. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992.
- O Beijo. Disponível em: <<https://www.propagandashistoricas.com.br/2013/09/united-colors-of-benetton-freira-e.html>> Acesso em 12.09.2018.
- O Mosteiro onde Belchior morou em Santa Cruz. Vídeo disponível em: <<http://videos.clicrbs.com.br>> Acesso em 20.06.2017.
- PARISSE, Michel. As freiras. In: BERLIOZ, Jacques (apresentação). *Monges e Religiosas na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1996.
- PEDROSO, José Carlos Correa (tradução, introduções, notas e índices). CEFEPAL do Brasil (Centro de Estudos Franciscanos e Pastorais para a América Latina). *Fontes Clarianas*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- PERGUNTAS. Jornal “A Palavra”. Administração no Bispado – Pelotas- Rio Gr. Do Sul – Brasil.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PIDAL, Ramón Menéndez . *La lengua de Cristóbal Colón: el estilo de Santa Teresa y otros estudios sobre el siglo XVI*. Buenos Aires-México: Espasa-Calpe Argentina, S.A., 2ª edición.
- PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1983.
- POLO, Gloria. *O livro da vida! Da ilusão à verdade*. Goiânia: América, 2009.
- PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. Vol 1. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

- PROENÇA, Eduardo de (org.). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. Vol 2. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- QUINTANERO, Tania. *Retratos de mulher: a brasileira vista por viajeros ingleses e norte-americanos durante o século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação O Discurso e o Excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, Lda., 2013.
- RUSKIN, John. *A lâmpada da memória*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2008.
- SAHLINS, Marshal David. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.
- SANTOS, Carlos Alberto Avila. Espelhos, máscaras, vitrines: estudo iconológico de fachadas arquitetônicas Pelotas 1870-1930. In: BULHÕES, Maria Amélia; SANTOS, Alexandre...[et al.] (org.). *Memória em caleidoscópios: artes visuais no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- SCWARTZ, Joachim. *La iglesia del arcano en Dietrich Bonhoeffer*. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document>>. Acesso em 20.06.2018.
- SILVA, Eliane. *Mosteiro de São Damião em Porto Alegre: Primeiras Clarissas no sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Monografia (Graduação em história), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
- SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- SOUZA, Marcelo de Barros. *Na estrada do evangelho: uma leitura comunitária e latino-americana da Regra de São Bento*. Petrópolis, RJ: VOZES, 1993.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- VARAZZE, Jacopo. *Legenda áurea: vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- WEBER, Florence. *Trabalho fora do trabalho uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos de uma sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 2014.
- WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 2005.
- WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e artigos feministas*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- ZILLES, Urbano. *Significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

## DOCUMENTAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA

A VOCAÇÃO Religiosa Feminina. UNITAS, Boletim da Arquidiocese de Porto Alegre. Porto Alegre: mar-jun,1953.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2001.

COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DIRETÓRIO Litúrgico da Congregação Beneditina do Brasil. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 2016.

ESTATUTO dos Oblatos Seculares da Congregação Beneditina do Brasil. Disponível em: < <http://www.osb.org.br/oblatorj/estatuto> > Acesso em 30.05.2017.

O LIVRO de Crônicas do Mosteiro de São Damião.

MORO, Sergio M. Dal (apres.). *Fontes Franciscanas e Clarianas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

*Venite Seorsum. Sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas*. Roma: 1969.

Disponível em < <http://es.catholic.net/op/articulos/7876> > Acesso em 21.09.2017.

*Vultum dei Quaerere* sobre a vida contemplativa feminina. Constituição apostólica. São Paulo: Paulinas, 2016.

*Verbi Sponsa*, instrução sobre a vida contemplativa e a clausura das monjas. Congregação para os institutos de vida consagrada e sociedades de vida apostólica: Vaticano, 13 de maio de 1999. Disponível em: < [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccsclife](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife) > Acesso em 20.08.2017.

*Vita Consecrata*, exortação apostólica Pós-sinodal. Ao episcopado e ao clero, às ordens religiosas, às sociedades de vida apostólica, aos institutos seculares e a todos os fiéis sobre a Vida Consagrada e sua missão na igreja e no mundo. 25 de março de 1996.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)